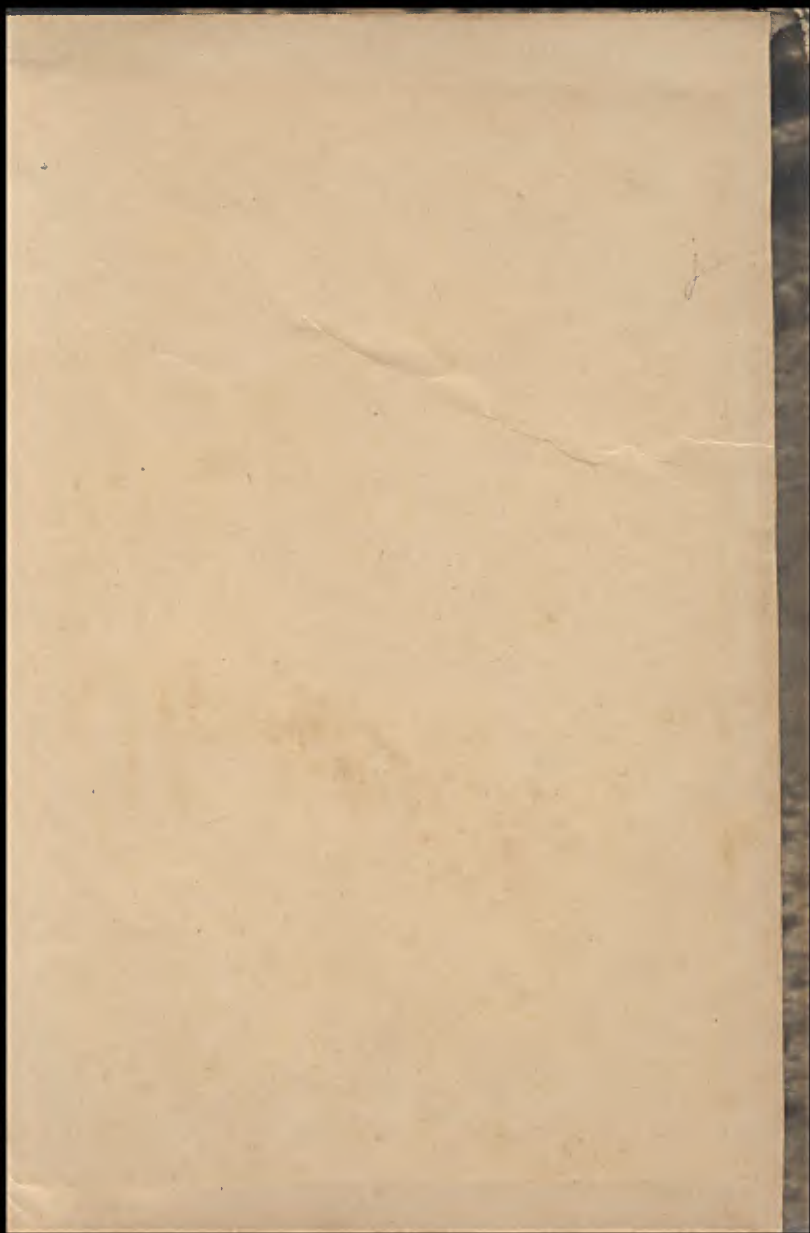






LIVRARIA "ASTRÉIA"
EDITORA LTDA.

Praça Ramos de Azevedo, 209
1.ª Sobre-loja
SÃO PAULO





64
e. Preto

CURSO DE LITTERATURA NACIONAL

I

A LINGUA PORTUGUEZA



DO MESMO AUCTOR

Curso de Litteratura Nacional:

II. Noções de litteratura antiga e medieval, como introdução ao estudo da
litteratura portugueza.



CURSO DE LITTERATURA NACIONAL
PARA USO DOS LYCEUS

I

A LINGUA PORTUGUEZA

NOÇÕES DE GLOTTOLOGIA GERAL E ESPECIAL
PORTUGUEZA

POR

F. ADOLPHO COELHO

PROFESSOR DE GLOTTOLOGIA NO CURSO SUPERIOR DE LETTRAS DE LISEOA,
DOUTOR HONORARIO EM PHILOSOPHIA PELA UNIVERSIDADE DE GOETTINGEN, MEMBRO
DO INSTITUTO ARCHEOLOGICO IMPERIAL ALLENÃO,
PROFESSOR HONORARIO DA INSTITUCION LIBRE DE ENSEÑANZA DE MADEID, ETC.

Terceira edição, emendada

APPROVADA OFFICIALMENTE

PORTO

MAGALHÃES & MONIZ — EDITORES

12, Largo dos Loyos, 12



PORTUGAL

~~867.9~~

469
C672

469.5
C672
S. L. P.
319

Tip. da Empreza Litteraria e Typographica, rua de D. Pedro, 319



Luciano Gualberto

PREFACÃO

DA 1.^a EDIÇÃO

O compendio que publicamos foi escripto com a intenção de acudir ás necessidades mais urgentes do nosso ensino no que respeita á historia da lingua materna e de dissipar um certo numero de opiniões erroneas que, infelizmente, ainda hoje se professam, por escripto ou verbalmente, com uma certa apparencia de auctoridade. Não pretendemos de modo algum fazer um livro em que todas ou pelo menos as principaes questões da lingua ficassem indicadas. Os glottologos notarão até muitas lacunas em a nossa obrinha, que intencionalmente não preenchemos. A parte relativa á grammatica historica, por exemplo, está aqui reduzida a um minimo. Duas razões nos levaram a dar d'essa



parte apenas algumas rapidas noções : primeiramente o character muito technico da grammatica historica ; em segundo logar o prepararmos sobre a materia um desenvolvido volume a que os professores poderão recorrer para completar as indicações d'este livro, quando o julgarem conveniente. Observaremos que sobre cada uma das secções do nosso livro publicámos ou tencionamos publicar trabalhos especiaes, cuja lista damos em parte na *Bibliographia*.

É facil de ver que não tivemos a intenção de fazer um livro para ser decorado pelos estudantes : os livros d'esse genero teem sido, segundo a nossa opinião, uma das calamidades do ensino. É mister que os estudantes adquiram a comprehensão dos principios aqui expostos, reflectindo sobre os factos em que elles se baseiam, e que d'esses factos fixem alguns na memoria, depois de os terem examinado todos ; é mister, em summa, que as leis e phenomenos das linguas, como os das litteraturas, sejam estudados convenientemente, e não se reduzam a um simples exercicio de memoria ou sejam materia para banalidades palavrosas.

Esperamos da boa vontade dos professores de instrucção secundaria, a alguns dos quaes devemos instigação para escrevermos o nosso *Curso de litteratura nacional*, o mais poderoso auxilio para se realizar a



reforma de um dos ramos mais atrazados do ensino dos lyceus.

De bons livros, de professores dedicados, capazes de se emanciparem da rotina, depende todo o futuro da instrucção publica. Regulamentos e programmas sem a realisação d'essas duas condições são apenas fogos-fatuos.

Lisboa, 1 de Outubro de 1884.

DA 2.^a EDIÇÃO

A comparação da segunda edição com a anterior provará que o auctor, conservando quasi intacta a doutrina da primeira, juntou materia nova que lhe pareceu mais necessaria, sem sahir muito dos limites que se impuzera pela consideração do character elementar da obra. Sente elle que esses limites e a conveniencia para o ensino de não transformar muito o livro não lhe permittissem dar na primeira secção um quadro condensado da sciencia da linguagem segundo o teor do que elle apresentará desenvolvido no seu tractado de *Glottologia geral*, em preparação.

Foram feitas diversas correcções e em geral o auctor exforçou-se por aproveitar para o seu livro, dentro do plano anterior, os resultados mais recentes da



sciencia, que felizmente poucas modificações o obrigaram a fazer na antiga doutrina.

Como complemento d'este livro publicará o auctor um quadro condensado da grammatica comparada do latim e do portuguez, extrahido, como quasi todo este volume, dos materiaes que ha cerca de vinte e dois annos começou a reunir para uma *Historia da lingua portugueza*.

DA 3.^a EDIÇÃO

Esta terceira edição differe muito pouco da segunda, não porque se nos afigurasse que não tínhamos que corrigir mais e augmentar alguma coisa, mas porque fomos obrigados por falta de tempo a apresentar a segunda edição ao concurso, de modo que o livro foi approved como vae e não podiamos fazer-lhe modificações prohibidas pela lei. Conservámos a orthographia, comquanto hoje adoptemos graphias em parte diversas das aqui seguidas.



Luciano Gualter

SECÇÃO I

NOÇÕES GERAES

§ 1. Glottologia e philologia

Chamamos *semica* (do grego $\sigma\eta\mu\alpha$, signal) em geral todo systema de signaes que servem para a expressão do pensamento. A *semica* pôde ser *glottica*, *mimica* ou *graphica*.

Glottica ou linguagem propriamente dicta, linguagem fallada, é a expressão do pensamento por meio de sons produzidos pelos órgãos vocaes (*movimentos acusticos d'expressão*).

Mimica é a expressão do pensamento por meio de movimentos do rosto, dos membros, do corpo inteiro (*movimentos opticos d'expressão*). Os movimentos expressivos dos membros e do corpo são particularmente denominados *gestos*; d'ahi a designação de *linguagem gesticulada* com que se significam esses movimentos quando não empregados systematicamente para exprimir o pensamento.

Graphica é a expressão do pensamento por meio de signaes fixados em pedra, metal, madeira, etc., ou



occasionalmente feitos em materia que os não pôde fixar, como a areia, etc. A *graphica* chama-se *escripta* ou *escriptura* quando é uma representação mais ou menos fiel da glottica. A mimica pôde a seu turno ser uma representação da escripta, como na *linguagem dos dedos*, quando com elles se imitam as letras.

A expressão do pensamento faz-se ainda ás vezes por meio d'objectos moveis, naturaes ou artificiaes, empregados como symbolos, etc., como na *linguagem das flores*. O emprego d'esses objectos pôde combinar-se com a mimica, como nas charadas em acção.

Glottologia é a sciencia que tem por objecto a expressão do pensamento por meio de signaes e especialmente por meio de movimentos acusticos (glottica), considerada emquanto aos seus elementos, condições de producção, evolução e ás relações dos diversos sistemas (linguas) em que se apresenta no tempo e no espaço.

A glottologia distingue-se 1) do estudo practico das linguas, que, quando muito extenso num individuo, se chama *polyglottica*, mas não tem por fim mais do que a acquisição da capacidade de entender e fallar uma ou mais linguas extranhas; 2) da *philologia*.

Philologia propriamente dicta é o conjuncto de conhecimentos que se referem á litteratura d'um ou mais povos e á lingua que serve de instrumento a essa litteratura, consideradas como a mais completa manifestação do espirito d'esse povo ou d'esses povos.

É principalmente com relação ás linguas e litteraturas grega e latina que essa expressão tem sido empregada; mas hoje pôde fallar-se com igual direito d'uma *philologia germanica*, tendo por objecto as linguas e litteraturas dos povos germanicos; d'uma *philologia romanica* ou *neo-latina*, tendo por objecto o estudo das linguas e litteraturas dos povos chamados neo-latinos. A *philologia* estuda os monumentos litterarios de todos os pontos de



vista; busca restituil-os a uma fôrma tão proxima quanto possivel d'aquella em que elles saíram das mãos dos seus auctores, e que as copias e impressões alteraram; explica todas as particularidades de linguagem, de estylo, as allusões historicas, as tradições, os mythos, os costumes que nos apparecem' nesses monumentos; determina as influencias diversas que elles revelam, a genese das ideas, o desenvolvimento dos typos litterarios, etc. O fim capital da philologia é estabelecer qual é o valor d'um monumento litterario, d'um lado no ponto de vista particular da historia do povo que o produziu, d'outro no ponto de vista geral humano.

O estudo da lingua, como a archeologia, a historia, a epigraphia, a mythologia, são para a philologia auxiliares, não fins; mas como o estudo das linguas, a archeologia, a historia, etc., não estavam constituídos ainda quando se começou o estudo das litteraturas, como os que se occuparam d'estas tiveram necessariamente de se occupar d'aquelles, comprehenderam-se sob o nome de philologia todos esses diversos ramos de conhecimentos. Segundo a noção de philologia apresentada por alguns escriptores, esse ramo do saber confundir-se-hia inteiramente com a historia da humanidade. Haveria dois grandes ramos do saber: um, a *philologia*, estudaria tudo quanto o *homem realizou no dominio do pensamento e da acção*; outro a *philosophia*, ou a sciencia propriamente dicta, estudaria o *que é verdadeiro*. O primeiro seria a base do segundo, que a seu turno daria o criterio para julgar o passado. Não se dá já hoje tal extensão á noção de philologia; alguns pretendem até reduzi-la ainda mais do que fazemos. Para esses a historia litteraria seria já um ramo distincto da philologia; esta teria por objecto o *estudo particular de cada obra litteraria*. É evidente que tal estudo exige tambem certos pontos de vista geraes e uma methodica perfeitamente definida.

A palavra *philologia* tem sido, além d'isso muitas vezes empregada especialmente para indicar o estudo das linguas, quando elle tem um fim que não é puramente pratico. Esse emprego não tem porém nada de definido. Convém dar á palavra sómente o sentido que lhe damos acima.

Por *philologia portugueza* deve pois entender-se o estudo dos monumentos litterarios da lingua portugueza de todos os pontos de vista. Exemplifiquemos. O estudo philologico dos Cancioneiros da Ajuda, do Vaticano, Brancuti, que nos conservam composições dos poetas portuguezes do seculo xiii e xiv tem de comprehender principalmente as seguintes partes: 1) o estudo da lingua, sem o qual é impossivel comprehender essas composições, e que só pôde fazer-se bem com a comparação dos outros monumentos e documentos portuguezes do mesino periodo, com a



comparação do latim, das outras linguas neo-latinas, e ainda d'outras linguas de que então havia elementos no portuguez; 2) o estudo da metrica, que exige tambem uma base comparativa importante (fôrmas metricas populares latinas e das outras linguas neo-latinas e especialmente das provençaes); 3) estudo das allusões historicas, etc.; 4) estudo dos auctores das composições, das particularidades biographicas que sobre elles podemos colher, já nos cancioneiros, já nos documentos diversos do mesmo periodo ou posteriores; 5) estudo das relações dos cancioneiros com a poesia popular portugueza, com a poesia provençal, etc.; 6) historia dos manuscritos; 7) determinação da authenticidade das composições, que poderiam ser attribuidas a auctores da epocha dos Cancioneiros, sendo aliás obras de falsarios mais recentes; 8) restituição dos textos a uma fôrma tão proxima quanto possivel da original, tendo por base principalmente os factos da lingua e da metrica; 9) determinação do valor litterario e historico d'esses monumentos.

No sentido estricto em que nos occupamos aqui da glottologia, a que se chamou tambem *linguistica*, *glottica*, *philologia comparada*, não tem ella por fim o estudo practico das linguas para as entender, fallar ou escrever, nem o estudo das linguas como meio para o estudo das litteraturas: a glottologia estuda as linguas por ellas mesmas, para resolver as innumeras questões theoricas que suggerem e só subsidiariamente chega a deducções d'alcance practico, taes como o methodo para o estudo elementar das linguas, a solução dos problemas orthographicos, o ensino da linguagem aos surdos-mudos. Só ha philologia propriamente dicta no dominio das linguas que servem de instrumento a litteratnras; qualquer dialecto barbaro que não possua o menor monumento litterario poderá ser objecto da glottologia.

Em verdade por toda a parte o homem ignorante da escripta, ainda nas sociedades mais rudimentares, tem vida espirital que se manifesta em productos das artes da palavra que se transmittem oralmente, facto que se reproduz de modo similar no seio das so-



ciudades civilisadas com relação aos individuos incultos, embora aqui se deem influencias reciprocas de cultos e incultos, que alteram mais ou menos consideravelmente as relações primitivas, mais bem conservadas nas sociedades rudimentares. Esses productos espirituaes, poesia, contos, adagios, concepções mythicas da natureza e do homem, expressões de crenças religiosas etc. das sociedades incultas e dos individuos que as representam ainda no seio das sociedades cultas chamam-se tradições populares e o seu estudo *folk-lore* (de duas palavras inglezas significando *saber popular*). O *folk-lore* é, como facilmente se vê, um ramo da philologia — a philologia applicada aos productos intellectuaes do espirito humano que não se acham fixados pela escripta.

§ 2. Classificação da glottologia

Alguns escriptores consideram a glottologia como uma sciencia natural; outros, cujo numero é muito maior, vêem nella uma sciencia historico-social. A opinião dos primeiros só se explica por falta d'exame logico da questão.

Ha muitas classificações das sciencias, em geral mais ou menos defeituosas. Segundo uma classificação que prevalece dividem-se ellas em dois ramos principais: sciencias da natureza, que teem por objecto o dominio das forças inconscientes; e sciencias do espirito, que teem por objecto o dominio das forças psychicas conscientes. Entre esses dois ramos de sciencias ha ramos, partes intermediarias, que todavia não fazem destruir a distincção fundamental estabelecida entre aquelles. Distinctas ainda d'esses dois ramos de sciencias são as mathematicas, que em vão se tem pretendido fazer entrar com ellas em hierarchia, porque o seu lugar é verdadeiramente *sui generis*. Tendo



por ponto de partida a observação exterior, apresentam-se d'um lado as mathematicas como pura construção do espirito, emquanto d'outro acham nas fórmulas e phenomenos da natureza innumeradas applicações.

As sciencias da natureza são a mechanica, a physica, a chimica, a biologia, a historia natural.

As sciencias do espirito são a psychologia, a logica, as sciencias historicas (philologia, glottologia, historia propriamente dicta, mythologia, ethica e esthetica historicas, etc.), as sciencias sociaes (demographia, ethica social, sciencias economicas, direito), e a ethnologia, sciencia geral, que é uma das bases das sciencias historicas e das sociaes.

A linguagem não é um sêr vivo, um organismo, como a figuram ás vezes as expressões mythicas d'alguns escriptores; não é um producto organico, como as secreções do corpo humano, uma função simplesmente biologica, como a respiração, a digestão, a circulação: é um producto ou antes uma forma da actividade psychica do homem na sociedade, como o direito, a poesia, a religião, sujeito como essas outras manifestações a uma evolução puramente historica e não mais dependentes que ellas das condições naturaes. Do mesmo modo que na origem da familia humana, hoje organizada em condições juridicas, resultantes de larga elaboração espirital consciente, se descobrem condições puramente biologicas, assim a linguagem considerada nos seus primeiros dias se apresenta como um phenomeno em grande parte organico; mas a transformação de gritos espontaneos em signaes theoricos do pensamento é a obra evolutiva do espirito, que elevou o homem acima do estado da animalidade.

De um ponto de vista diverso do da divisão das sciencias acima apresentada, dividem-se estas em *sciencias nomologicas* e *sciencias historiologicas*.



As *sciencias nomologicas* teem por objecto as leis necessarias dos phenomenos, o conhecimento do que necessariamente succede. Os phenomenos em que não é possivel descobrir leis necessarias não pôdem ser objecto de sciencia nomologica. São sciencias nomologicas a mechanica, a physica, a chimica, a biologia, a psychologia.

As *sciencias historiologicas*, chamadas tambem por alguns concretas, estudam os phenomenos mesmos, os factos no seu desenvolvimento e encadeamento; estudam o succedido, não o que necessariamente succede. São sciencias historiologicas a historia natural e as sciencias historicas propriamente dictas.

As sciencias nomologicas preside a idéa da lei; as sciencias historiologicas a idéa de evolução. As sciencias nomologicas partem da observação de phenomenos simples ou não muito complexos, que se repetem com frequencia, já independentemente da vontade do observador, já porque este mesmo determina as condições para elles se produzirem (experimentação); as sciencias historiologicas teem por objecto phenomenos sempre complexos e por assim dizer unicos, cuja marcha geral não pôde portanto ser comparada com a d'outros da mesma especie, para da comparação se subir ao conhecimento das leis que dominam essa marcha.

Assim, como a historia da humanidade é para nós um phenomeno unico e que nem sequer conhecemos por completo, não podemos chegar ao conhecimento de verdadeiras leis da historia, analogas ás leis da chimica e da physica. Todavia ao lado das disciplinas historicas com character simplesmente descriptivo, narrativo, expositivo, em que o mais alto ponto de mira é o da concatenação, correlação, classificação dos factos, apparecem outras disciplinas de character mais geral, em que, já com os recursos proprios das sciencias his-



toriológicas, já principalmente com o auxilio de dados das sciencias nomológicas, se buscam estabelecer principios applicaveis a casos mais ou menos similares. Assim, por exemplo, a ethnologia nos apparece ao lado da historia da humanidade, da ethnographia (descripção, característica dos povos em particular) e da ethnogenia (genealogia dos povos), com o intuito de estabelecer principios geraes relativos á vida dos povos. Aqui já, de facto, podemos chegar a principios analogos ás leis naturaes, porque podemos comparar as historias do desenvolvimento de diversas nacionalidades.

A glottologia é uma sciencia historiologica e comprehende tambem parte descriptiva, comparativa, classificatoria, e parte geral, em que se assentam principios relativos aos elementos, ás condições de producção e de evolução da linguagem.

§ 3. Relações da glottologia com outras sciencias

Uma das razões que levou a considerar a glottologia como sciencia da natureza e a linguagem portanto como producto natural, foi o facto de que esta é mais immediatamente objecto d'algumas sciencias da natureza do que outras manifestações da actividade psychica do homem.

Sob o aspecto mais geral, abstrahindo da sua correlação com o pensamento, a linguagem é um phenomeno physico: os sons que a compõem são vibrações do meio transmissor, regulares ou irregulares, como os sons musicaes e os ruidos, perceptíveis pelo intermedio do nosso aparelho acustico. Nesse caso a linguagem é objecto da parte da physica chamada *acustica*. Esta sciencia busca não só fazer a *analyse* dos sons da linguagem, mas ainda a sua *synthese*, a sua producção artificial por meio de diversosapparelhos.



Os sons da linguagem são produzidos no aparelho natural de phonação do homem, que não é em verdade um aparelho especial, pois serve no todo para o mechanismo da respiração, e em parte pertence também ao aparelho digestivo: esses sons são, com poucas excepções, resultantes de modificações voluntarias nos actos respiratorios, tornadas possiveis por adaptação funccional e anatomica de órgãos adquirida na especie humana e que só acha paralelo nas aves, algumas das quaes são capazes de reproduzir a palavra do homem. A *physiologia*, baseando-se na *anatomia*, é a sciencia que estuda o mechanismo da produção dos sons no aparelho de phonação.

A zoologia estuda as manifestações dos estados psychicos dos animaes por meio de signaes externos, a expressão das emoções e das representações em toda a serie animal, buscando os antecedentes da linguagem humana, tentando determinar as condições organicas que permitem no homem a apparição ou, segundo o modo de vêr d'outros, o desenvolvimento particular da linguagem que o characterisa. Esses problemas são estudados principalmente pela parte da zoologia que se occupa do homem—a *anthropologia*. Enquanto para uns anthropologos a linguagem é o verdadeiro characteristico do homem, só o homem tem verdadeira linguagem, outros pretendem que a linguagem humana é apenas um desenvolvimento maior das manifestações semicas que se observam nos outros animaes. Essa questão, tractada em geral apaixonadamente e sob aspectos exclusivos, resolve-se com simplicidade todavia.

✱ Os verdadeiros elementos da linguagem humana não são as palavras isoladas, mas sim as proposições, e estes elementos são exclusivos da linguagem humana, isto é, da verdadeira linguagem, expressão theoretica do pensamento. Concebe-se, porém, que essa



linguagem é o resultado d'um largo desenvolvimento e que atraz da phase proposicional existiu um periodo rudimentar em que a linguagem humana começou por não se distinguir da semica animal, um periodo de manifestações immediatas emocionaes, que, bem longe de desaparecerem nos periodos seguintes, continuam a seguir ainda hoje ao lado das manifestações da linguagem propriamente dicta. As condições naturaes da evolução da semica na humanidade, as quaes a anthropologia busca determinar em toda a sua extensão, consistem especialmente 1) na attitude erecta, que permite o jogo delicado do aparelho respiratorio; 2) na perfeição da larynge, em que se nota sobretudo o desenvolvimento e varia mobilidade das cordas vocalicas; 3) no desenvolvimento do cerebro em geral e em especial de certas partes que na linguagem teem particular importancia¹. A significação do desenvolvimento cerebral comprehende-se bem quando se observa o notavel desenvolvimento do aparelho de phonação de muitas aves, a capacidade que algumas teem de reproduzir a palavra humana, e ao mesmo tempo o facto que essas condições não bastaram para o desenvolvimento d'uma linguagem, apresentando esses animaes cerebro pouco desenvolvido, não só pela massa, mas pela falta de circumvoluções corticaes, tão ricas no homem.

Onde a anthropologia acaba, começa a psychologia, no estudo da linguagem. Essa sciencia determina as condições psychicas da producção da linguagem, o papel que esta representa no pensamento².

A *ethnica*, de que são divisões a ethnographia, a ethnogenia e a ethnologia, tambem não pôde deixar

¹ Supponos que os estudantes receberão dos professores de sciencias naturaes noções complementares sobre esses pontos apenas indicados aqui.

² Os estudantes deverão aprender sobre estes pontos o essencial na aula de philosophia,



de considerar a linguagem, já como meio para penetrar no espirito dos povos, já como auxiliar poderoso para a classificação genealogica dos povos, para o estudo das suas relações, que actuam sobre as linguas, já no vocabulario, já na propria grammatica, como será exemplificado noutras partes d'este livro.

A *ethica* e a *esthetica* teem igualmente que buscar dados na linguagem. Palavras, phrases, etc. são approvadas ou regeitadas por motivos ethicos ou estheticos. Certos nomes proprios, certos modos de dizer são considerados como bonitos ou feios, elegantes ou desagregantes; certas phrases, palavras, como baixas, vis, emquanto ás vezes termos perfeitamente synonymos d'esses outros, se repetem sem pejo.

A *logica*, que estuda as leis dos conceitos, juizos e raciocinios e se torna em theoria do conhecimento e do methodo, considera a linguagem pelo que ella pôde ministrar-lhe para o conhecimento d'essas leis; mas não se confunde de modo algum com a glottologia: aquella exprime-se em formulas abstractas, analysa as categorias do pensamento; esta occupa-se de palavras e construcções syntacticas reaes, de typo determinado, que estuda nas suas transformações historicas. A logica estuda leis geraes, unitarias, permanentes do espirito na actividade do conhecimento; a glottologia estuda as linguas diversas, sujeitas a continuas mudanças. A grammatica não é a logica. O que é grammaticalmente exacto pôde ser logicamente falso e vice-versa. A proposição: *o círculo é uma figura ponteguda tendo todos os pontos equidistantes d'um ponto central, que fica da parte de fóra* é grammaticalmente correcta e logicamente absurda. O brasileiro que diz *tres homem*, o inglez que fallando portuguez diz *bem mulher* podem ser logicamente exactos, sendo grammaticalmente incorrectos.

A confusão da grammatica com a logica levou á

*



creação da chamada grammatica geral, em que se suppunha que todas as linguas tinham as mesmas categorias grammaticaes que as mais conhecidas na Europa, havendo aliás linguas que não teem verdadeiro verbo. C. Hermann, fundando-se nas categorias de Kant, concluiu que nenhuma lingua poderá ter mais que os seis casos do latim; mas o sanskritto, por exemplo, tem oito.

A *historia*, propriamente dicta, não só tem na glottologia poderoso auxiliar para resolver muitos de seus problemas, mas de seu lado é também auxiliar indispensavel da glottologia. Podem sem duvida estabelecer-se, e estabelecem-se de facto, relações entre as linguas independentemente de qualquer consideração historica propriamente dicta; mas os dados de natureza historica, no sentido geral da palavra, completam, esclarecem os resultados puramente glottologicos e servem muitas vezes de guia prévio para a investigação do glottologo. Em summa, sendo a glottologia, como é, um ramo das sciencias historicas, facilmente se concebem as suas estreitas relações com os outros ramos d'essas sciencias. No seguimento d'este livro exemplificamos essas relações.

§ 4. Grammatica comparada

Grammatica é a parte da glottologia que estuda os elementos do discurso, numa ou mais linguas determinadas; por *grammatica* pôde também designar-se o objecto d'esse estudo; n'este ponto de vista todas as linguas teem grammatica, porque todas formam sistemas de elementos para a expressão do pensamento.

A *grammatica* é *expositiva*, *descriptiva* ou *practica*, quando se limita a expôr, a descrever os elementos d'uma lingua numa dada epocha, abstrahindo do estudo das suas transformações.



A *grammatica* é comparada, quando estuda as semelhanças ou diferenças que se observam nos elementos de duas ou mais línguas ou de diversas fases da mesma língua.

A *grammatica comparada* pôde ser considerada em sentido lato ou em sentido estrito.

A *grammatica comparada em sentido lato*, ou comparação das línguas em geral, propõe-se determinar as semelhanças e diferenças que existem entre as diversas línguas, conhecer os processos diversos que os diferentes povos empregam para a expressão do pensamento, abstrahindo mais ou menos das relações genealógicas das línguas. Por exemplo, a *grammatica comparada* busca resolver as questões: Ha artigo em todas as línguas? Ha verbo em todas as línguas? As palavras são formadas em todas as línguas por meio de raízes e suffixos?

A *grammatica comparada em sentido estrito*, ou *grammatica historica*, estuda os elementos que constituem duas ou mais línguas correlacionadas genealógicamente, isto é, duas ou mais línguas que são transformação d'outra, como o portuguez é transformação do latim, o inglez do anglo-saxão, etc., o latim e o grego d'uma antiga língua perdida, etc. A *grammatica comparada* acha-se em frente d'um de dois casos: ou 1) a língua ou línguas que estuda provém d'uma língua conservada em monumentos litterarios; ou 2) a língua-fonte se perdeu. No primeiro caso comparam-se directamente as línguas derivadas com a língua-fonte; no segundo comparam-se as línguas derivadas entre si e d'essa comparação se induzem os traços fundamentais da língua-mãe.

A *grammatica*, estudada sob qualquer dos aspectos que acabam de ser indicados, comprehende a *phonologia*, a *morphologia*, a *syntaxe* e a *sematologia*.



a) Phonologia

Chama-se *phonologia* ou *phonetica* o estudo dos sons constitutivos das palavras e das suas transformações. A *phonetica* é *physiologica*, quando se limita a descrever os sons de uma ou mais linguas com relação ao modo da sua produção nos órgãos da voz; *historica*, quando estuda as leis que regem a supressão ou a substituição d'esses sons por outros no curso da vida das linguas.

Chama-se *phonema* todo o som articulado, vogal ou consoante (segundo as antigas denominações), e *phonação* a produção dos phonemas nos órgãos da voz.

Não ha aparelho especial para a phonação: o aparelho respiratorio por completo, a parte do aparelho digestivo que tambem serve á função respiratoria, realisam, em virtude d'adaptações anatomicas, (especialmente pelo desenvolvimento das cordas vocalicas) e funcionaes, o mechanismo da phonação.

Os phonemas da maior parte das linguas dependem exclusivamente do mechanismo respiratorio. Ha porém nalgumas linguas, particularmente nas dos hottentotes e bochimanos (Africa austral), phonemas inteiramente independentes do mechanismo respiratorio, comquanto alguns glottologos os tenham classificado de *inspiratorios*, e que são chamados *poppysmas*, *clicks*, *estalidos*.

Em portuguez e noutras linguas, encontram-se como ruidos interjeccionaes alguns d'esses poppysmas; tal é o ruido com que se incitam as bestas á marcha, alguns com que se chamam as aves, etc.

Para simplificar entendemos aqui em geral por phonemas os que dependem do mechanismo respiratorio.

São tres os factores d'um phonema: 1) uma corrente expiratoria, cuja força variavel é regulada pe-



los musculos que produzem os movimentos respiratorios; 2) um obstaculo que encontra essa corrente e contra o qual se produz o som, parte na glotte, parte no canal buccal, parte em ambos ao mesmo tempo; 3) um espaço resonante em que o som produzido pelos factores 1 e 2 adquire o seu caracter especifico.

Os phonemas dividem-se em *sonoras* e *ruidos articulados*.

I. *Sonoras* são os phonemas formados na glotte pela vibração das cordas vocalicas, e cujo caracter é determinado por a disposição particular do espaço resonante (canal buccal e tambem para alguns sons as cavidades nasales).

As sonoras dividem-se em

- 1) vogaes (*a, e, i, o, u*, etc.),
- 2) liquidas (*r, l*),
- 3) nasales (*m, n*).

As liquidas e as nasales formam com os ruidos articulados a classe denominada, desde a antiguidade, das consoantes, por opposição ás vogaes.

Nas nasales ha oclusão da bocca (labial em *m*, dental em *n*; noutras linguas ha ainda outras nasales) com resonancia nasal.

Quando se pronuncia uma vogal com resonancia nasal, produz-se uma vogal nasal (*ã, ê, ã, õ, ù*).

II. *Ruidos articulados* são os phonemas formados pela corrente expiratoria contra um obstaculo formado no canal buccal pelos labios, pelos dentes e os dentes, pela lingua e o palato, pela lingua, o palato e os dentes. Esse obstaculo pôde ser produzido por uma simples *aproximação* ou *contacto incompleto* das partes indicadas ou por um *contacto completo*. O ponto de contacto chama-se *logar d'articulação*.

Os ruidos articulados podem ser produzidos com



um unico obstaculo no canal buccal ou com um fechamento concomitante da glotte, isto é, com vibração das cordas vocalicas.

Em razão d'esses diferentes processos de formação os ruidos articulados dividem-se em *explosivas* e *continuas*, e cada uma d'essas classes subdivide-se em *surdas* e *sonantes*.

1) *Explosivas* ou *momentaneas* são os phouemas produzidos por um contacto completo no canal buccal, que cessa instantaneamente com a producção do som; taes são os phonemas do portuguez *k, t, p, g, d, b*. As *explosivas* dividem-se em

a) *surdas*, chamadas tambem *tenues* ou *fortes* (em portuguez *k, t, p*),

b) *sonantes*, chamadas tambem *medias* ou *brandas* (em portuguez *g, d, b*).

2) *Continuas*, *fricativas* ou *spirantes* são os phonemas formados no canal buccal por um estreitamento, por uma aproximação ou contacto imperfeito que permite a prolongação indefinida d'esses sons. As *continuas* dividem-se em

a) *surdas*, chamadas tambem *fortes*, por exemplo, *f, s, ch*,

b) *sonantes*, chamadas tambem *fracas*, por exemplo, *v, z, j, i* (em *maio, caio*, etc.).

A differença essencial entre as *surdas* e as *sonantes* de qualquer das duas classes consiste em que as *surdas* são produzidas sem vibração das cordas vocalicas, as *sonantes* com vibração das cordas vocalicas.

Com relação ao lugar d'articulação dividem-se os ruidos articulados em



gutturales (*k, g*),
palatales (*ch, j, s* final, *i* em *maio*, etc., em português),
cacuminales (no sanskrit, etc.),
dentales (*t, d, s, z* em português),
labiales (*p, b, f, v* em português).

Ha outras classificações dos phonemas; damos aqui a preferencia á de Sievers por ser facilmente comprehensivel.

Os phonemas agrupam-se de diversas maneiras na producção da linguagem, formando diphthongos, (triphthongos, polyphthongos) e syllabas.

Tanto os diphthongos como as syllabas são grupos de phonemas que se pronunciam com um só movimento expiratorio, passando das articulações dos órgãos do primeiro para as do segundo, das do segundo para as do terceiro, se o ha, etc., não de salto, mas por movimentos intermedios. Physiologicamente não ha pois differença entre a producção do diphthongo e a da syllaba; dá-se porém o primeiro nome a um grupo de duas vogaes (ha tambem triphthongos, polyphthongos, cuja producção é analogia) e o de syllaba ao grupo de uma vogal ou diphthongo e uma ou mais consoantes, pronunciado nas condições indicadas.

O estudo do accento e da quantidade são do dominio da phonologia.

Independentemente da variabilidade da força e duração dos diversos phonemas componentes d'uma syllaba, resultante do proprio mechanismo da expiração, ha um reforçamento voluntario da sonante (vogal, por opposição a consoante) d'uma syllaba que a distingue das sonantes das outras syllabas. Esse reforçamento chama-se accento e pôde ser *principal* (*tonico*) ou *secundario*. Uma palavra tem sempre, com excepção das chamadas *encliticas*, accento tonico e pôde ter um ou



mais accents secundarios. Em *musicál* o accento principal está em *cal* e ha um accento secundario em *mu*.

Como entre as sonantes e as consonantes d'uma syllaba ha sempre certa relação, o reforçamento das sonantes torna-se de facto reforçamento syllabico e pôde dizer-se por isso indifferentemente *syllaba accentuada* ou *vogal accentuada*.

Esse reforçamento voluntario opera-se principalmente por um dos dois meios seguintes: *augmento d'intensidade* ou *augmento d'elevação*.

Na historia das linguas o accento é de grande importancia, porque quando elle consiste em augmento d'intensidade contribue notavelmente para a conservação das syllabas que comprehende; quando consiste em augmento de elevação dá á linguagem character rhythmico e parece condicionar diversas alterações de vogaes e ainda de consoantes.

A *quantidade* é a *duração* da pronuncia da vogal. Na grammatica classica distinguem-se longas e breves. O grego tinha até letras diferentes para representar o *e* breve e o *e* longo (ε, η), o *o* breve e o *o* longo (ο, ω). A grammatica hebraica distingue longas, breves e brevissimas. Mas de facto encontram-se nas linguas (até em portuguez) variações de quantidade que exigem maior numero de denominações ou notação analogá á musical. Assim ouve-se muitas vezes a quem chama um individuo distante consideravel prolongação da ultima vogal; por exemplo: — Ó Manueeeel !

b) Morphologia

1. Formação das palavras

A *morphologia* é o estudo da estrutura ou fôrma das palavras.



Os elementos morphologicos das palavras são :

1) as raizes, que exprimem a idea principal, elementos geralmente constituídos unicamente por um monosyllabo ou por uma ou mais consoantes ;

2) os suffixos, prefixos ou infixos, elementos que seguem, precedem ou se incluem na raiz e que exprimem as ideas secundarias ou relações.

No latim *pa-ter*, *pae*, *pa* parece ser a raiz, significando proteger, guardar, levar a pastar, alimentar ; *ter* é um suffixo que indica o agente, o que faz a acção designada pela raiz ; em *pa-tre-m*, o *m* indica a relação objectiva, isto é, que *pa-ter* se torna na proposição o objecto da acção indicada pelo verbo ; em *pa-tre-s*, o *s* indica a relação de pluralidade e relação de sujeito ou objecto (coincidindo o accusativo na terceira declinação latina com o nominativo). Em *pa-scō*, temos a mesma raiz *pa* e o suffixo *-scō-* (*-scā-*) que em latim exprime que a acção começa e serve para formar um certo numero de fôrmas do presente, o *ō* longo indica aqui a primeira pessoa e o presente do indicativo, parecendo estar por elementos mais complexos (talvez *pa-scō* por *pa-scō-m*) ; em *pa-sci-s*, temos o mesmo *-sco-*, tendo o *o* (*a*) abrandado em *i* ; o *s* é o elemento que indica a segunda pessoa. Em *pā-vi-mus*, temos a raiz *pa* com o *a* tornado longo ; *vi* é o elemento que indica a relação do passado, o elemento formativo do preterito perfeito ; *mus* o elemento que exprime a relação da primeira pessoa do plural, que se encontra tambem no presente *pa-sci-mus*, etc.

As raizes são pois os elementos irreductiveis das palavras, a que chegamos separando todos os elementos que exprimem relações ; mas o facto d'esses elementos serem hoje irreductiveis para a analyse não prova de modo algum que elles sejam os elementos simples primitivos das linguas. Se nas palavras portuguezas *cos-o*, *coser*, *cosido*, etc., separarmos os elemen-



tos de relação *o*, *er*, *ido* chegamos a uma raiz hypothetica *cos*, a que pôde attribuir-se a significação geral de unir, ligar, aproximar; mas sabemos que *coso* representa o latim *consuo*, em que o *n* e o *u* desappareceram; ora em *con-su-o* ha duas palavras—*con* preposição, e *su-o*, da raiz *su*, d'onde *su-tor*, etc.; *con* está por *cum*, e em *cum* distinguimos *cu*, thema pronominal, e *m* elemento formativo d'accusativo, pois essa preposição, como muitas outras, se originou d'um caso pronominal. Quanto mais antigas são as fórmulas radicaes a que chegamos, mais probabilidades offercem de serem primitivas e simples; mas está fóra do alcance da sciencia demonstrar que o são, porque ignoramos que transformações padeceram as linguas antes dos periodos mais antigos de sua historia a que podemos remontar. ✱

As raizes dividem-se em *nominaes* e *pronominaes*.

As raizes *nominaes* significam os phenomenos pelos quaes as coisas impressionam os nossos sentidos: reduzem-se enquanto á significação fundamental a um pequeno numero de classes exprimindo as qualidades de brillante, soante, movente, pesado, agudo, forte, brando, que se estende, etc.; com numerosas variantes de gráo. Alguns glottologos attribuem ás raizes uma significação verbal como ser brilhante, soar, etc., mas a verdade é que o sentido das raizes é intraduzivel por as nossas palavras, que designam categorias grammaticaes definidas. Nas raizes de todas as palavras achar-se-hia uma significação geral da natureza indicada, se conseguissemos determinar a formação de todas as palavras.

As raizes, como taes, são puras abstracções, porque nas linguas em que os elementos irreductiveis, considerados portanto como raizes pelos grammaticos, são immediatamente, isto é, sem se lhes juntar outros elementos morphologicos, empregados como palavras,



teem o valor particular de nome, de verbo, de adverbio, etc. No hebreu e linguas da mesma familia as fôrmas irreductiveis a que se chega por exclusão de todos os elementos formativos são puramente consoantes, isto é, impronunciaveis, como arabe *q-t-l*, matar, *k-t-b*, escrever. As fôrmas, que muitas vezes se consideram como raizes, *qatala*, *kataba* teem funcção grammatical definida — são themas do preterito. No latim, grego e linguas aparentadas com estas, apparecem-nos como irreductiveis elementos radicaes constituídos já por syllabas, já puramente por uma ou mais consoantes. Comparando as formas radicaes *cup* de latim *cupio* com *caup* de latim *caupōna*, *cu* cobrir, de *cutis*, com *cau* de *cau-tu-s* (coberto, acautelado), *pu*, bater, de *re-pu-dium*, *tri-pu-dium*, com *pau* de *pāv-ire*, *mīs*, ser triste, desgraçado, de *mis-er* com *mais* (*maes*) de *maes-tu-s*, *dic* de *dic-tu-s*, *dic-io* com ant. *deic-ere* (*mais* ant. * *daic-ere*), depois *dic-ere*, conclue-se que ha aqui uma variação de raizes produzida pela intercalação d'um *a*, facto analogo ao alargamento do *a* de *pā* em *pā-vimus* acima citado. Ora, generalisando-se, chegou-se à conclusão que a raiz de *duplu-s*, *plus*, *plē-nus*, *πολ-ύς* eram não *pol* ou *pal* mas *pl* encher; a de *val-va*, *val-lu-s*, *vēl-um*, não *val* mas *vl* cobrir, abrigar, proteger, a de *cer-no*, *cer-tu-s*, *crē-vi*, *cri-bru-m*, não *ker* ou *kar* mas *kr*. Assim no latim e linguas affins todas as raizes que apresentam a vogal *a* ou vogaes nascidas d'esta são consideradas como fôrmas secundarias, alargadas pela adjuncção d'esse *a*, que pôde repetir-se, fôrmas das quaes se chega ás fundamentaes pela suppressão d'essa vogal:

Raizes alargadas

a) *kau*
pau
mais
daic (*deic*)

Raizes fundamentaes

a) *ku*
pu
mīs
dic



b) *pal* (*pol*)

val

kar (*ker*)

pa

b) *pl*

vl

kr

p

No curso da vida das linguas a significação fundamental das raizes torna-se de cada vez mais obscura.

As raizes pronominaes dividem-se em demonstrativas e em pessoaes. As demonstrativas indicam relações de posição no espaço e, por extensão, no tempo, reduzindo-se ás noções fundamentaes de — *este* (que está perto de quem falla), *esse* (que está perto d'aquelle a quem se falla), *aquelle* (que está afastado do que falla e d'aquelle a quem se falla). As raizes pronominaes pessoaes, designando as tres pessoas do discurso, originaram-se talvez das demonstrativas; com relação á terceira pessoa demonstra-se isso perfeitamente em varios casos: assim o portuguez *elle* vem do demonstrativo latino *ille*.

Os suffixos, prefixos e infixos são considerados como raizes nominaes ou pronominaes (pela maior parte pronominaes), que foram empregadas para determinar melhor a significação da raiz principal, para lhe juntar ideas secundarias, acabando por se reduzir a puros elementos de relação, com um valor abstracto.

Não se demonstrou ainda que todos os elementos de relação das linguas, ainda as mais profundamente estudadas, provenham de raizes pronominaes ou nominaes; mas como para alguns d'elles a demonstração d'essa origem foi dada com rigor, pôde admittir-se que todos se originassem do mesmo modo.

O suffixo *mente*, que em portuguez serve para formar adverbios, é identico á palavra *mente*, significando intenção; em latim dizia-se *bonamente*, com boa intenção; a palavra ligou-se ao adjectivo e acabou por exprimir a relação geral de modo, maneira. Este exem-



plo dá idea, ainda que imperfeita, do processo da transformação de elementos de significação em elementos de relação.

Nas linguas da familia a que pertence o portuguez não ha verdadeiros prefixos nem infixos. Os chamados prefixos, nas palavras como *perfume*, *adduzir*, *reduzir*, *conduzir*, são apenas palavras independentes, advérbios, que se ligaram a outras para determinarem, particularisarem a sua significação. No hebreu e linguas affins ha ao contrario verdadeiros prefixos: assim *yi-qtol* é o futuro da raiz *qtl* matar, em que *yi* é um elemento perfeitamente analogo aos nossos suffixos.

É só apparentemente que em fórmias como o latim *jungo*, comparado com *jugum*, se nota um infixo *n*: por alteração phonetica o *n* do suffixo do presente *-na* (comparem-se *si-no*, *po-no*, etc.) introduziu-se na raiz *jug* e por analogia foi pronunciado no perfeito e no supino (*juxi*, *junctum*).

Nas linguas em que as palavras se formam por suffixação, dá-se o nome particular de desinencias aos suffixos que servem para exprimir as relações de caso, genero e numero, nos nomes e pronomes, e de pessoas nos verbos.

Nas linguas da familia a que pertence o portuguez, as palavras são formadas d'um thema e d'uma desinencia, que pôde obscurecer-se, chegar até a desapparecer, mas cuja influencia sobre os sons ou som precedentes é muitas vezes perceptivel.

O thema é constituido pela raiz simplesmente, ou pela raiz com um ou mais suffixos. No latim *lux* (*luc-s*) o thema é constituido immediatamente pela raiz *luc*; em *lucidus*, *i + do* são elementos de derivação, suffixos; em *luc-s*, como em *luc-i-du-s*, *s* é a desinencia do nominativo singular. Em portuguez *luz* parece estar reduzido á raiz; mas o *c* latim de *luc*



(pron. *luk*) mudou-se em continua por influencia do *e* do accusativo (*luce*m); *luz* não é pois a pura raiz.

Na palavra portugueza *estabelecimento* ha a raiz *sta* o os suffixos *bili-* (composto), *-c-* (*sc-*, dos verbos inchoativos latinos em *scere*), e *-mento* (composto de *men* + *to*); a desinencia casual latina perden-se aqui como em quasi todas as fórmãs.

O thema pôde tambem ser composto, isto é, constituido pela união de dois ou mais themas simples, com ou sem derivação (composição propria), ou pela união de duas ou mais palavras com desinencias nominaes, pronominaes ou verbaes (composição impropria).

Ha composição propria, por exemplo, no latim *longi-manu-s*, pois *longi* está por *long-*, thema de *longu-s*; *verificare*, pois *veri* está por *vero-*, thema de *verus*; composição impropria no portuguez *agora* do latim *hac hora*, em que *hac* é um caso determinado do pronome *hic* (ablativo singular feminino); em *menosprezar*, em que *menos* é um adverbio completo, em que ha um suffixo de caso.

Ha linguas, como o chinez, em que a raiz constitue immediatamente a palavra, não havendo apparentemente elementos de derivação, nem outros correspondentes ás desinencias nominaes, pronominaes ou verbaes. Nessas linguas apenas algumas raizes são empregadas subsidiariamente para determinar a raiz principal. Assim *pedrinha* exprime-se em chinez por a palavra-raiz *ch* pedra, seguida da palavra-raiz *yl*, creança.

Além d'esse emprego das raizes num sentido que já as aproxima dos processos de derivação propriamente dicta (prefixação, infixação, suffixação), ha na linguagem outros processos de formação de palavras, taes como a reduplicação e a variação quantitativa.

A reduplicação pôde abranger uma raiz ou uma palavra completa ou sómente parte d'uma raiz ou a raiz com mais alguma outra parte da palavra.



O plural exprime-se em diversas linguas pela repetição do singular: ex.: *china china* = chinezes, no dialecto portuguez crioulo de Macão.

Em latim e nas linguas da mesma familia apparece a reduplicação em substantivos como *mar-mor*, *mur-mur*, na formação de presentes como *sero* por *seso*, gr. *δι-δω-μι*, *τι-θη-μι* etc. e de perfeitos como *pe-per-i* de *pario*, *pe-pul-i* de *pello*.

Em portuguez, em certas expressões interjectivas, em fórmulas onomatopaicas, em phrases emphaticas, apparece-nos tambem a reduplicação; exemplos: *trús-trus*, *fogo fogo*, *bate que bate*.

Já notamos a variação quantitativa do *a* da raiz de *pã-sco* em *pã-vi-mus*. Um alongamento semelhante se observa em *feci*, presente *fácio*, *ēgi*, presente *āgo*, etc.

II. Categorias grammaticaes

As diversas categorias de palavras que ha em portuguez e noutras linguas affins são nome (substantivo e adjectivo), pronome e artigo, verbo, adverbio, preposição e conjuncção. A interjeição não é propriamente uma palavra, mas sim a expressão immediata d'uma emoção. A grammatica comparada (em sentido lato) e a grammatica historica provam que as categorias adverbio, preposição e conjuncção se desenvolveram das categorias nome e pronome. Em portuguez é clara ainda a origem nominal e pronominal de varios adverbios, preposições e conjuncções, e a relação particular entre varios adverbios, preposições e conjuncções. Assim os adverbios em *mente*, de que já fallamos, são representantes de expressões nominaes no ablativo latino, como *bonamente*. A conjuncção adversativa *mas* saiu do adverbio *mais*, lat. *magis*, que é um comparativo da raiz *mag*, que temos em *ma-gnú-s*. A negativa *non* (não) é um accusativo da raiz pronominal *na* que



temos tambem em *na-m-que nu-m-quam*, etc. Como representa o latim *quo modo*, ablativo d'um pronome e d'um nome. As preposições eram simples adverbios, que pouco e pouco se foram juntando a certos casos dos nomes e pronomes. É por isso que *per*, v. g., é não só uma preposição d'accusativo, mas ainda um adverbio, que entrou na composição de verbos como *per-do*, *per-foro*, *per-curro*.

As categorias adverbio, preposição e conjuncção não são pois primitivas, mas sim derivadas, de segunda ordem.

Não mais primitivo é o artigo, que o latim ainda não tinha, apesar d'existir já em grego. O artigo, em geral, nasce d'um pronome demonstrativo, cujo uso se generalisa. Essa origem é clara em grego e nas linguas germanicas. Em portuguez o artigo provém do demonstrativo latino *ille*, *illa*, no accusativo *illum* (*illo*), *illam* (*illa*), de que se desenvolveram as fórmas fundamentaes *lo*, *la* (comp. hispanhol *lo*, *la*), plur. *los*, *las* (hisp. *los*, *las*). Nas fórmas verbaes do infinito e da segunda pessoa, em certas outras palavras, como *todos*, *sober* (*sobre*), dava-se modificação do som final *r* ou *s* por influencia do *l* do artigo: dizia-se assim *amal-los homens* por *amar los homens*, *amal-las mulheres* por *amar as mulheres*, *sobolos rios* por *sober los rios*, *todo-los dias* por *todos los dias*. Um facto identico se dá ainda hoje com o pronome regimen da terceira pessoa (*amá-lo*, *âma-lo*, etc.). Num periodo antigo da lingua, esse phenomeno devia ter grande generalidade. Depois, por uma especie de correccção, começou a dizer-se *amar o homem*, por se ter instinctivamente tomado o *l* de *lo* como representando o *r* do infinito, e assim surgiu para o artigo uma fórmula *o*, que acabou por ser preferida na generalidade dos casos á fórmula *lo*.



Ficam-nos assim como mais antigas categorias de palavras o *nome*, o *pronome* e o *verbo*.

O nome exprime a intuição d'um objecto; se essa intuição se apresenta como independente ou principal temos o substantivo; se a intuição se liga a outra subsidiariamente, a expressão é um epitheto, um qualificativo secundario, e temos então o adjectivo.

O objecto da intuição ora é considerado como sendo essencialmente o que obra num dado momento, ou como sendo o que está dependente d'outro agente, como o fim, o termo da acção; assim se determinam as categorias de sujeito e objecto, que acharam a sua expressão grammatical em dois casos diversos — o nominativo e o accusativo.

O genitivo, a expressão da posse, parece ter-se desenvolvido, pelo menos nalgumas linguas, do adjectivo (comp. *meu livro* = *livro de mim*).

O ablativo, o dativo, o instrumental e o locativo¹ exprimem relações entre intuições no espaço.

O vocativo não é um verdadeiro caso, mas sim uma fórma interjeccional do nome, constituída pelo thema puro.

A categoria grammatical do numero nascen do conceito logico da opposição da unidade e da multiplicidade. As linguas que representam maior progresso psychologico exprimem a pluralidade como coisa mais geral, mais abstracta que a unidade; o plural nessas linguas pôde conceber-se como um colectivo e nalgumas é formalmente um colectivo. Noutras linguas ao contrario o singular é que tem o valor de colectivo, de expressão da intuição em geral, de modo que quando se quer exprimir um objecto determinado é mister juntar ao singular um demonstrativo. Assim em ma-

¹ Em lat. *Romae*, em Roma não é um genitivo, mas sim um locativo, cuja fórma se confundiu com a do genitivo.



layo *ōrañ* significa homem em geral, *sa-ōrañ* um homem determinado.

Como em a natureza apparecem varios objectos duplicados reunidos (as duas mãos, os dois olhos, dois gemeos, etc.), alguns povos crearam a expressão para *duas coisas*, por opposição a um e a muitos: essa fôrma especial é o *dual* de que temos vestigios em *dois* e *ambos*. Algumas linguas teem tambem *trial*.

A expressão do genero grammatical ou *moção*, que não deve confundir-se com a do sexo, só se encontra nas linguas que representam maior progresso psychologico. O principio da moção assenta em regra sobre a opposição entre o espontaneo e o receptivo, sujeito e objecto. Algumas linguas exprimem dois generos: o masculino e o feminino; outras, como o latim e as linguas antigas e algumas modernas da mesma familia, exprimem tres generos: masculino, feminino e neutro. Nessas linguas o masculino exprime a intuição do que é essencialmente activo, espontaneo, o feminino o activo associado, e o neutro o objecto ou sujeito sem energia. Noutras linguas, como o hebreu e as que lhe são aparentadas, ha só masculino e feminino, entrando na categoria do feminino os nomes que nontras são neutros.

Emquanto a antiga grammatica geral suppunha o verbo a palavra por excellencia, que como tal devia existir em todas as linguas, a grammatica scientifica prova-nos que muitas linguas não teem um verdadeiro verbo, mas apenas um *nome-verbo*.

O verdadeiro verbo apparece onde uma raiz ou thema se liga a um pronome pessoal (latim *su-m* por *es-u-m*, em que *m* é o pronome da primeira pessoa, por antigo *mi*, *es-t*, em que *t* é o pronome da terceira pessoa, antigo *ti*; cp. sanskrito *as-mi*, eu sou, *as-ti*, elle é, etc.). O nome-verbo nasce da união d'uma raiz ou thema nominal com um pronome possessivo. Se,



em vez de dizermos *eu caminho*, dissessemos *minha marcha* ou *minha caminhada*, em vez de *eu escrevi* — *meu escripto*, exprimir-nos-hiamos de modo semelhante ao das linguas numerosissimas que só teem nome-verbo e não verdadeiro verbo.

c) Syntaxe

A *syntaxe* tem por objecto as condições que se observam na reunião das palavras em orações e das orações em periodos; é historica quando determina as modificações por que passam essas condições no curso da vida das linguas e as explica principalmente pelas modificações morphologicas e funcçionaes das palavras, pelo estudo dos phenomenos psychologicos.

d) Sematologia

A *sematologia* ou *semantica* tem por objecto o estudo da funcção das palavras; não está ainda organizada systematicamente, sendo uma das partes da glotologia que offerece maiores difficuldades. Essa parte tem que determinar as leis geraes que presidem á transformação da significação das palavras.

§ 5. Classificação das linguas

A *classificação das linguas* pôde ser feita de diversos pontos de vista.

a) Classificação geographica

A *classificação geographica* é a mais facil de fazer, mas a que tem menor valor em geral, pelo menos com relação ás epochas da historia das diversas linguas que podemos estudar directamente. Aceitando que a cada raça humana correspondesse primitiva-



mente um dominio geographico bem determinado, assim como uma mesma lingua primitiva, é facil de admittir-se que para um periodo muito remoto da historia da humanidade a classificação geographica das linguas teria valor; mas as conquistas, as migrações alteraram tão profundamente essas condições primitivas, se ellas existiram como naquella hypothese as supponmos, que, nas phases historicas que podemos estudar, as linguas não coincidem com as raças, nem as raças com as divisões naturaes do globo. A lingua turca, por exemplo, é fallada por povos da raça branca e povos do typo amarello. A presença da raça branca na Africa é attestada desde a mais alta antiguidade. O dominio do arabe hoje estende-se pela Africa e pela Asia; o do portuguez pela Africa, Asia e America, além do sen dominio proprio na Europa; e são numerosos os factos d'essa natureza.

b) Classificação ethnologica

A *classificação ethnologica* das linguas não apresenta base mais segura do que a geographica, como se vê já das considerações apresentadas a proposito d'esta: a objecção essencial é que a lingua não coincide com a raça (pondo de parte a hypothese com relação ás condições primitivas), nem mesmo com o povo. Os bascos hispanhoes não teem nenhuns caracteristicos ethnicos que os separem accentuadamente dos outros hispanhoes, excepto a lingua; se esta, como é de esperar, desaparecer completamente, os bascos ficarão tão hispanhoes como os asturianos, navarros, castelhanos, andaluzes, etc. Os habitantes do paiz de Galles, que fallam um dialecto celtico, e os habitantes das terras altas da Escocia, que fallam outro dialecto celtico, formam parte integrante da nação ingleza. São tambem numerosos os factos d'esta ordem, a que se



ajuntam os oppostos de povos diversos fallando a mesma lingua; os gallegos, por exemplo, fallam um dialecto que é fundamentalmente o mesmo que o portuguez, de que quasi não se distinguia na idade media, mas formam parte integrante do povo hispanhol, e o hispanhol é a sua lingua litteraria usual.

c) Classificação em linguas litterarias e linguas populares

A *classificação em linguas litterarias e linguas populares* baseia-se apenas sobre um facto de civilisação; a existencia de litteraturas; facto que influe sem duvida sobre a lingua, mas em geral só exteriormente; é muito mais uma distincção secundaria, que deve fazer-se dentro de grupos classificados em virtude de principios d'outra ordem, do que uma verdadeira classificação. As classificações em linguas de povos cultos e de povos barbaros, etc., não teem maior valor, equivalendo áquella no seu principio.

d) Classificação morphologica

A *classificação morphologica* baseia-se já sobre factos d'uma natureza muito diversa da d'aquelles sobre que se fundam as anteriores. Emquanto nestas a base da classificação é puramente exterior, como o dominio geographico, a raça, o povo, o emprego litterario, na classificação morphologica attende-se a um character proprio das linguas, *as fórmulas das palavras*.

A classificação morphologica das linguas admite os seguintes grupos:

a) *grupo radical* ou *monosyllabico*, em que as palavras são constituidas por simples raizes e as relações são indicadas syntacticamente, isto é, pela posição das palavras, ou por outras palavras; a lingua chinesa é um exemplo d'este grupo. Nas linguas monosyllabi-

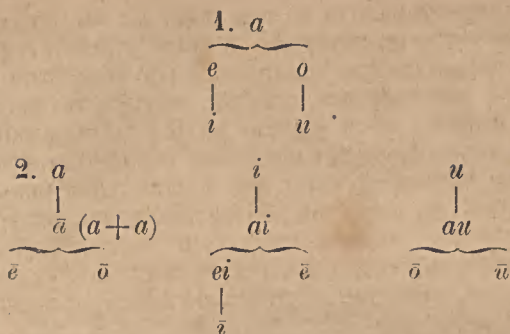


cas uma mesma palavra ou raiz pôde ser substantivo, adjectivo, verbo ou adverbio, ou antes exprimir o que nós em nossas linguas significamos por essas diversas categorias grammaticaes, que não existem realmente nessas linguas: só a posição na phrase nos indica como devemos traduzil-a em nossos idiomas europeus. É mistér todavia observar que o monosyllabismo do chinéz não é já, como foi, considerado primitivo, porque apparecem nelle vestigios d'um processo analogo ao da nossa derivação; ha, por exemplo, tres fórmās chinezas *yü, yün, yuet*, significando fallar, produzidas por esse processo.

b) *grupo agglutinante*, em que a palavra é constituida por uma raiz principal e uma ou mais raizes reduzidas mais ou menos ao papel de simples elementos de relação. O emprego de prefixos ou de suffixos ou de infixos ou de dois ou de todos esses elementos para formar as palavras permite fazer distincções secundarias entre as linguas d'este grupo, que comprehendendo o maior numero das falladas na terra. Uma palavra como a latina *sta-bili-s* (raiz *sta*, suf. *bili*, *s* suffixo do nominativo) dá um exemplo claro da agglutinação por suffixos.

c) *grupo flexivo* ou de *flexão*, em que a relação é expressa não só por agglutinação, como no segundo grupo, mas ainda por mudança na vogal da raiz. Exemplo: lat. *fäcit*, presente do indicativo, e *fëcit*, preterito perfeito. É a variação da vogal radical que muitos auctores dão o nome de flexão. Em latim, para exemplificarmos com uma lingua mais conhecida, essas variações reduzem-se ao seguinte quadro:





Exemplos: 1. raiz *ma*, medir; *mānus*, a mão; *mā-ne*, cedo; *mā-nu-s*, comedido, bom; *in-mānis*, rude (sem medida); *mā-tu-ru-s*; *mē-ta*, *mē-t-ari*, *mē-t-iri*, *mē-n-sa*, *mē-n-su-ra*, *mō-s* (o que dá a medida, uso), *mō-r-osus*. 2. raiz *phu*, escoar, correr (liquido): *plū-it*, *plū-or*, *plau-strum*, *plō-r-are*, *im-plō-r-are*; raiz *mis*, ser triste, desgraçado; *mīs-er*; *maes-tu-s*, *maer-or*; raiz *kru*, *klu*, gritar, proclamar: *clū-o*, *in-clū-tus*; *laus* (por *klaus*), *lau-d-are*, *glō-r-ia*, *clū-e-o*.

A classificação morphologica está sujeita a um grande numero de objecções. 1) Attende só ao estado em que as linguas nos são conhecidas, aproximando num mesmo grupo linguas cujas origens podem ser diversas, ou separando linguas cuja origem póde ser a mesma. 2) Põe de lado a consideração de que uma lingua do grupo agglutinativo ou do flexivo póde por alteração perder todos os meios de exprimir as relações por prefixos, infixos ou suffixos, ou por flexão, e acabar por se confundir com as linguas em que faltam esses elementos; comquanto uma semelhante transformação não possa confirmar-se com factos, deve admittir-se a sua probabilidade, pois o inglez, por exemplo, tem no curso da sua historia perdido sempre as fôrmas gram-

maticas, achando-se reduzido a um minimo d'ellas e apresentando exemplos do typo monosyllabico. *Great* em inglez é adjectivo e substantivo, singular e plural, e só a connexão da phrase nos permite reconhecer o seu valor em cada caso particular. O genero em inglez, como nas linguas monosyllabicas, não se exprime, salvo nos pronomes e em casos excepcionaes, por differenças de desinencia. 3) A flexão, que characterisa o terceiro grupo, é um phenomeno cuja producção primitiva é obscura, mas que parece não ter tido a principio nenhum valor como meio de significar uma relação, tendo sido aproveitado para este fim só quando os elementos exteriores á raiz que exprimiam relações começaram a obscurecer-se ou desapareceram; além d'isso notaram-se em linguas do segundo grupo phenomenos analogos aos da flexão, comquanto isolados; por exemplo no finno-hungaro uma raiz cujo esqueleto consonantal é *k-k*, ser curvo, reveste as formas *kak, kok, kuk, kek, kik; kauk, kouk, kuouk; keik, kiek, kik, kiuk*. 4) A classificação morphologica deve ser considerada sem duvida como tendo valor, quando feita com criterio, mas tambem como destinada a ceder o logar a uma classificação mais perfeita que não attenda só á fórma, mas se baseie ainda sobre os outros aspectos das linguas: o som, a funcção, a syntaxe. Diversos auctores, confundindo dados distinctos, quizeram dar á classificação morphologica o valor de classificação genealogica, que ella de modo nenhum póde ter.

e) Classificação psychologica

A *classificação psychologica* baseia-se sobre as relações entre a palavra e o pensamento e especialmente sobre a existencia e grãos de progresso ou ausencia da expressão das relações entre as intuições. As lin-



guas que exprimem essas relações são chamadas *formas* e classificam-se segundo os diversos meios que ellas empregam para as exprimir; as linguas que não as exprimem são linguas sem fôrma (*amorphas?*). Essa classificação, aliás importante, presta-se a diversas criticas e tem o defeito de separar linguas genealogicamente affins.

f) Classificação genealogica

A *classificação genealogica* ordena as linguas em grupos cujos membros são considerados como alterações d'um mesmo typo de lingua perdido ou conservado. Se esse typo é conhecido directamente (por monumentos litterarios), parte-se d'elle para determinar as leis de variação em virtude das quaes elle se modificou no tempo e no espaço; é o que se dá com relação ao latim e ás linguas chamadas romanicas. Se o typo não foi conservado, tenta-se reconstruil-o theoricamente pelas linguas cuja communidade de origem a comparação nos revelou; é o que se dá com o typo primitivo das linguas chamadas indo-europeas.

As principaes familias de linguas até hoje classificadas genealogicamente, isto é, como provenientes d'um typo commum para cada grupo, são as seguintes:

1) *grupo indo-chino*, comprehendendo o tibetano, o birmano, o chinez e o siamez, grupo que não está ainda estabelecido com todo o rigor desejavel, mas ácerca de cuja unidade originaria ha fortes presumpções; o tibetano e o birmano são aparentados pela estrutura e pelo vocabulario entre si e pelo ultimo com o chinez, que do seu lado pelo monosyllabismo e pela distincção de raizes homonymas por intonações especiaes se aproxima do thai (siamez) e do annamita. O annamita porém diverge d'aquelles pelo systema de



numeração, que o aproxima das linguas do Pegu e de Cambodja.

2) *grupo dravidico*, assaz bem determinado, comprehendendo o tamil, o telugu, o canarim, o malabarico e outros dialectos menos importantes fallados pelos povos da raça dravidica, na parte meridional da península ciscangetica, desde os montes Vindhya e o rio Nerbada até ao cabo Comorim, e ao noroeste de Ceylão.

3) *grupo malaio-polynesio*, cuja unidade parece sufficientemente demonstrada e que se divide em tres ramos: a) *ramo melanesio*, comprehendendo as linguas das ilhas Melanésias; b) *ramo polynesio*, comprehendendo as linguas das ilhas da Polynésia, desde a ilha de Paschoa ao oriente até Nova Zelândia ao occidente, desde Nova Zelândia, no oceano Austral, até ás ilhas de Sandwich, no oceano Boreal; c) *ramo malaio*, comprehendendo numerosos dialectos fallados nas ilhas de Sunda, na península de Malaca e na ilha de Madagascar, nos mares da Africa.

4) *grupo uralo-altaico*, (chamado tambem scythico ou turanico), dvidido em tres ramos, cuja unidade parcial dentro de cada ramo está provada, mas cuja unidade total não se acha demonstrada: a) *ramo finno-hungaro*, comprehendendo o finlandez, o esthnonio, o livonio, na Finlândia, Esthonia e Livonia; o lapão, ao norte da península scandinava; o húngaro, na Hungria; o ostiaco e o wogul, por detraz dos montes Uraes; as linguas de diversas tribus da Russia asiatica, como os zerínios, os wotiacos, os mordwinos; b) *ramo samoyedico*, comprehendendo cinco dialectos principaes fallados pelos povos hyperboreos, que se extendem do mar do norte ao Jenissei e ao longo d'esse rio até Altai; c) *ramo turco ou tartaro*, comprehendendo diversos dialectos fallados pelos yakutos, baskires, kirghis, uigures, usbeques, turcomanos, osmanlis, e outros povos da mesma raça.



5) *grupo cafre* ou *bantu*, comprehendendo os dialectos indigenas de toda a Africa austral, com excepção dos dialectos dos hottentotes e boschimanos; o seu dominio estende-se ainda um pouco ao norte do equador; pertencem a este grupo, portanto, todos os dialectos indigenas fallados nas possessões portuguezas da Africa austral.

6) *grupo khamitico*, comprehendendo o antigo egypcio, a lingua das inscrições hieroglyphicas; o coptico, proveniente do antigo egypcio, e hoje inteiramente fóra de uso; o antigo lybio, que pôde estudar-se em algumas inscrições; o lybio moderno ou berber e diversos dialectos, constituindo um ramo chamado ethiopico, os quaes são fallados na Africa central ao sul do Egypto, nas proximidades e em certas partes da Abyssinia.

7) *grupo semitico*, dividido em tres ramos: a) *ramo arameo-assyrio*, comprehendendo o assyrio (a lingua da antiga Assyria), e os dois dialectos aramaicos: o chaldeo e o syriaco; b) *ramo chananeo*, comprehendendo o hebreu e o phenicio; c) *ramo arabico*, comprehendendo o arabe, propriamente dicto, e diversos dialectos da Arabia meridional e da Abyssinia. No arabe distinguem-se a fórmula litteraria ou arabe litteral e a fórmula popular ou arabe vulgar, de que ha quatro dialectos principaes: o de Barbaria, e os da Arabia, Syria e Egypto.

8) *grupo indo-europeu*; é o mais bem estudado de todos os grupos glotticos; a sua unidade está demonstrada do modo mais completo possível; as fórmulas da lingua perdida de que proveem as diversas linguas que o constituem foram restituídas pela comparação d'estas nas suas feições essenciaes, não podendo attribuir-se a esse trabalho de restituição, que se corrige incessantemente, senão um valor theorico. Esse grupo divide-se em oito ramos, dois asiaticos e seis europeus.



a) os *ramos asiaticos*, a que se deu o nome comum de *o arico*, são: 1) o *ramo indico*, compreendendo o sanskrito e os dialectos modernos que se lhe ligam, como o hindustani, o bengali, o sindhi, o mahratia, fallado na India portugueza, etc.; 2) o *ramo eramico*, compreendendo o antigo persa, empregado nas inscrições de Dario e Xerxes, escriptas em caracteres cuneiformes, o *zend*, em que se acham escriptos os livros sagrados attribuidos a Zoroastres, o *persa moderno*, etc.

b) *ramos europeus*, a cujo conjuncto se dá o nome de *o europeu*: 1) *ramo hellenico*, compreendendo o grego, cuja historia podemos seguir durante cerca de 3000 annos, pois é ainda uma lingua viva e os seus mais antigos monumentos remontam a mais de oito seculos antes da E. C.; 2) o *ramo italico*, compreendendo o latim com os seus dialectos modernos chamados linguas romanicas (portuguez, hespanhol, francez, provençal, italiano, rumeno ou valachio) e alguns dialectos fallados na Italia antes da E. C.; 3) o *ramo celtico*, que se subdivide em dois sub-ramos: a) o *gadelico*, compreendendo o irlandez, fallado na Irlanda, o *erse* ou *gaelico* fallado no norte da Escocia, e o dialecto da ilha de Man; b) o *brittanico*, compreendendo o kymrico ou cambrico, fallado no paiz de Galles (Cambria), o cornico (hoje extincto), fallado em Cornualha, o bretão ou armoricano, fallado na Bretanha (França) e o antigo *gallo*, fallado nas Gallias; 4) o *ramo germanico*, (ou teutonico), que se subdivide em quatro sub-ramos: a) o *gotico*, representado pela traducção da Biblia do bispo Vulfilas, feita no quarto seculo da E. C., da qual nos foram conservados fragmentos; b) o *scandinavo* ou *nordico*, compreendendo o norueguez, o sueco, o dinamarquez e o islandez; c) o *baixo allemão*, compreendendo o saxão, o anglo saxão, de que deriva o inglez; o baixo allemão,



propriamente dicto, o hollandez, o flamengo, etc.; d) o *alto allemão*, em que se distinguem tres phases: antigo, medio e alto allemão, e que é desde o seculo xvi a lingua litteraria da Allemanha, 5) o *ramo slavo*, comprehendendo o slavão liturgico (lingua morta), o polabico (lingua morta), o russo, o rutheno, o polaco, o tcheque ou bohemio (fallado na Bohemia), o sorbo (serbo de Lusacia), o serbo-croata, o sloveno, o bulgar; 6) o *ramo lettico*, comprehendendo o antigo prussico (lingua morta), o lithuano e o letto.

O sanskrito, a antiga lingua sagrada da India, em que se distinguem duas phases, a *vedica* e a *classica*, é a lingua do grupo indo-europeu que offerece mais antigos monumentos litterarios (os Vedas); mas apesar da perfeição com que muitas fórmas grammaticaes se conservam nessã lingua, emquanto se acham obscurecidas nas outras linguas do grupo, estas não devem ser consideradas como provenientes do sanskrito.

§ 6. Alguns principios da historia da linguagem

Podem distinguir-se na historia geral da linguagem os seguintes periodos:

1.º periodo de desenvolvimento embryonario, ou periodo pathognomico, em que as expressões puramente emocionaes (pathognomicas), surgindo por um mechanismo analogo ao dos actos reflexos, vão pouco e pouco subindo á dignidade de expressões d'ideias, por um progresso psychologico resultante da influencia reciproca da expressão e do pensamento; neste periodo fixam-se a maior parte dos elementos materiaes da linguagem, as fórmas radicaes;

2.º periodo de desenvolvimento grammatical, ou periodo synthetico, em que se chega á construcção de systemas morphologicos mais ou menos complexos, taes como o que vemos reflectido no sanskrito, no grego e ainda no latim; neste periodo o processo mor-



phologico predomina sobre o syntactico (assim em latim *domus patris* = a casa de o pae; *amor* = eu sou amado);

3.º periodo de decadencia morphologica ou periodo analytic, em que as fórmas fixadas pelo uso no periodo anterior se obscurecem por alterações diversas, que pouco e pouco vão exigindo, para que a expressão seja clara, o emprego de processos syntacticos ou periphrasticos, como os exemplificados acima.

Chronologicamente não é possível de modo nenhum estabelecer separações entre esses periodos, senão pelo predominio dos factos que os caracterizam. Assim o periodo pathognomico nunca terminou até hoje e é até sobretudo pelos exemplos vivos quotidianos que temos das expressões pathognomicas que fazemos idea d'elle. Do primeiro para o segundo periodo deve ter havido transições lentas, como as ha do segundo para o terceiro. Poder-se-hia ainda dividir a historia da linguagem num *periodo de criação e de desenvolvimento* e num *periodo de decadencia* phonetica e morphologica; mas não só a criação nunca termina na linguagem, pois, d'um lado, quando não ha (e ainda hoje a ha) criação de elementos novos, ha criação de combinações novas, novas adaptações; e, d'outro lado, a alteração attingiu já sem duvida o periodo mesmo de mais completa criação.

Nem todas as linguas atravessaram os tres periodos acima indicados; pelo menos é o que se nos afigura do seu estudo. Essa divisão é applicavel sobretudo á historia das linguas indo-germanicas; outras acham-se ainda no periodo de desenvolvimento grammatical e em geral detidas em certas phases d'esse desenvolvimento.

A historia da linguagem tem que considerar sobretudo 1) os diversos factores externos e os factores internos (psychologicos) que actuam sobre a linguagem,



já no sentido do seu desenvolvimento, já no da sua alteração; 2) as diversas especies de alterações a que as linguas estão sujeitas, para as classificar e subir tanto quanto possível ás suas causas.

a) Factores externos das modificações das linguas

O estudo dos factores das modificações das linguas que podemos considerar como externos a ellas, tem que determinar até que ponto as diferenças originaes ou diferenças adquiridas das linguas (a sua estrutura primitiva e as suas alterações) dependem da raça, do clima, das condições sociaes, das conquistas, da existencia ou não existencia d'uma litteratura, das relações dos povos, etc.

a) É innegavel que as diferenças intellectuaes das raças humanas se manifestam nas linguas; mas o facto que individuos, povos inteiros d'uma raça, fallam linguas, que originariamente não pertenciam a essa raça prova que não pôde admittir-se, senão com certas restricções, a influencia da raça sobre a lingua. As diferenças originaes das linguas devem todavia ser consideradas como dependendo essencialmente das raças e do meio. Tal raça incapaz de crear uma lingua desenvolvida, como as das raças superiores, é todavia susceptivel d'apprender as das ultimas, do mesmo modo que povos incapazes de crear certas industrias, as aprenderam d'oultros povos.

b) Ao clima tem-se attribuido uma influencia directa consideravel sobre as linguas, a ponto de se supôr que as linguas dos climas frios, asperos, offerecem sons fortes, asperos; as linguas dos climas temperados ao contrario sons doces, brandos, supposição que os factos não justificam; mas nós vemos hoje d'um lado uma mesma lingua ser fallada em climas muito diversos sem alteração essencial; d'outro lado demons-



tra-se que as mesmas alterações ou alterações da mesma especie se teem operado nas linguas sob os climas mais diversos. Não deve porém negar-se toda a influencia ao clima, comquanto essa influencia seja assaz obscura e mais indirecta que directa.

c) As condições sociaes, as conquistas, a existencia ou não existencia d'uma litteratura, as relações dos povos e todos os factos da mesma natureza são dos que exercem maior influencia na historia das linguas.

Dois principios importantes se acham determinados com relação a essas condições:

1. *As alterações d'uma lingua estão em razão directa das alterações nas condições sociaes, do gráo de intensidade de vida historica do povo que as falla ;*

2. *As alterações das linguas estão em razão inversa da cultura litteraria.*

É evidente que este segundo principio restringe o primeiro, do mesmo modo que o primeiro restringe o segundo.

Exemplos. O arabe, como o povo que o fallava se conservou fóra do movimento historico, em que entrou pelo islamismo, vivendo na Arabia uma vida uniforme, patriarchal, quando foi fixado pela escripta conservava muito maiores caracteristicos de antiguidade que o hebreu, que só foi fixado pela escripta quando o povo que o fallava tinha já passado por grandes vicissitudes. Depois de Mahomet, o arabe separou-se em lingua litteraria e dialectos populares, que offerecem muitas alterações desconhecidas antes do islamismo. O hebreu, como lingua litteraria, conservou-se immovel.

Durante os reinados de D. Pedro I e D. Fernando e parte do de D. João I a litteratura portugueza esteve em decadencia ; mas tivemos então as luctas com Castella, que excitaram a nossa actividade historica: a



lingua portugueza experimentou nesse periodo alterações bastante notaveis.

d) A mistura dos povos pela conquista, a colonisação, e outros moveis são causas importantes de alteração das linguas, porque as linguas dos povos em contacto influem-se muitas vezes reciprocamente até nos systemas grammaticaes respectivos, passando de uns para outros d'esses systemas sons, typos de derivação, fórmias verbaes, numeraes, pronomes, construcções syntacticas, etc.

É no vocabulario d'uma lingua que mais claramente se fazem sentir todos os factos exteriores que reagem sobre ella. Os costumes, as crenças, o gráo de cultura, as relações commerciaes, as vicissitudes de dominio sobre outro povo ou de submissão a estranhos, emfim a vida inteira d'um povo revela-se no seu vocabulario. Por isso o estudo do vocabulario, dirigido scientíficamente, constitue um dos ramos mais importantes da glottologia applicada.

b) Factores psychologicos das modificações das linguas

As representações mentaes dos elementos da linguagem, a que se deu o nome de linguagem interior, estão sujeitas ás mesmas leis que todas as outras representações mentaes. Os principios da historia da linguagem não são por isso em grande parte mais que um largo capitulo de psychologia applicada. Os limites d'esta obra obrigam-nos a apresentar aqui apenas um exemplo d'essa applicação.

Cada vez que vemos de novo um objecto já conhecido, reproduz-se a representação anterior d'elle e funde-se com a nova: o objecto apresenta-se como identico nessas representações ou como mais ou menos modificado, o que se dá, por exemplo, quando vemos no verão a mesma paysagem que vimos no in-

*



verno. Outras vezes um objecto novo suscita a representação d'um objecto conhecido precedentemente por analogia entre elles e produz-se uma confusão, como, por exemplo, quando nos dirigimos a um extranho suppondo ser um nosso conhecido. Esse phenomeno foi chamado *assimilação*. No dominio da linguagem encontramos muitos exemplos d'essa assimilação; mas o mais interessante é o denominado *etymologia popular*.

Dá-se *etymologia popular* quando inconscientemente uma palavra ou parte d'uma palavra nova é confundida com outra já conhecida que se substitue áquella. Ha varios casos d'*etymologia popular*.

1) *Palavras substituidas por outras da lingua em virtude apenas de similhaça phonetica.*

Tintura d'odio por tintura de iodo.

Agua d'objecto por agua de vegeto.

Picacoelho por ipecacuanha.

Cifrão por siphão.

2) *Alteração parcial d'uma palavra por influencia d'outra sem interpretação de sentido.*

Destrilitro por districto, com influencia de litro.

Malmequerque por Albuquerque, com influencia de malmequer.

3) *Palavras substituidas por outras em virtude de similhaça phonetica com interpretação de sentido.*

Deputar por disputar (os deputados disputam).

Premio de casas por predio de casas.

4) *Derivados novos, palavras alteradas parcialmente em virtude de similhaças phoneticas com interpretação de sentido.*

Clarete por chloreto de cal, como se derivasse de claro e significasse que serve para fazer claro, branquear.

Andorinha do latim hirundo, -inis, ou antes de hirundinina, como se derivasse de andar.



Espantera por *panthera*, como se derivasse de *es-pantar*.

Mal-feio por *morphea*.

c) Alterações das linguas

Chama-se diferenciação dialectal o processo pelo qual uma mesma lingua modificando-se no tempo e no espaço vem a apresentar fôrmas distinctas, segundo as regiões, constituindo linguas diversas ou dialectos.

A essas fôrmas particulares de linguagem dá-se o nome de linguas quando se consideram independentemente; de dialectos quando são consideradas como variante d'um mesmo typo. Assim o portuguez considerado em si é uma lingua; considerado com relação ao latim é um dialecto.

As *alterações das linguas* extendem-se a todos os seus elementos: são *lexicologicas* ou *grammaticaes*.

As alterações lexicologicas consistem no *archaismo* e no *neologismo*.

As alterações grammaticaes dividem-se em *phoneticas*, *morphologicas* e *syntacticas*, a que se podem juntar as de função (*sematologicas*), ainda não reduzidas a systema.

Passamos a estudar succintamente essas diversas especies de alterações, exemplificando-as principalmente com a lingua portugueza.

I. Alterações lexicologicas

a) O *archaismo*. Chamam-se *archaismos* as palavras que deixaram de ser usadas numa lingua; dá-se ainda o nome de archaismo ao emprego pelos escriptores de palavras caídas em desuso.

A luta do archaismo e do neologismo, a oscillação no uso ou desuso d'uma palavra é um dos pheno-



menos mais interessantes a estudar na vida litteraria d'uma lingua e que nos faz comprehender como esta não pôde considerar-se nunca fixada.

O auctor da mais antiga grammatica portugueza, Fernão d'Oliveira, observára já na lingua portugueza esse phenomeno ¹.

«As dições velhas são as que foram usadas: mas agora são esquecidas como. Egas. Sancho. Dinis. nomes proprios e ruão que quis dizer cidadão segundo que eu julguey em hum liuro antigo o qual foi trasladado em tempo do mui esforçado rey dom Iohão da boa memorea o premeiro deste nome em Portugal: per seu mandado foy o liuro que digo escrito e está no moesteiro de Pera longa; e ehama-se estorea geral: no qual achei esta com outras anteguidades de falar: mas destas e doutras que por lugares mais particulares achamos cada dia quanto nos havemos daproueitar ou servir e como: logo o diremos. Poys em tempo del rey dom Afonso Anriquez capapelle era nome de huma certa vestidura e não somente de tanto tempo, mas tambem antes de nos hum pouco nossos pays tinham alghũas palauras que já não são agora ouuidas: como compengar que queria dizer comer o pão com a outra vianda; e nemichalda o qual tanto valia como agora nemigalha segundo se declarou, poucos dias ha, hũa velha que por isto foy preguntada dizendo ella esta palaura: e era a velha a este tempo quando isto disse de çento e dezaseis annos de sua idade. Estas diz Çiçero no terçeyro liuro a seu irmão quinto; as velhas digo nos diz elle que guardão muito a anteguidade das linguas porque falão com menos gente: acarão que quer dizer junto ou a par: e samicas ², que sinifica por ventura: outras piores vozes ainda agora as ouuimos e zombamos dellas; mas não he muito de maravilhar diz Marco Varrão que as vozes enuelheção e as velhas alghũa ora pareção mal porque tambem enuelhecem os homens cujas vozes ellas são: e isto he verdade, que a fremosa meueniçe depois de velha não he para

¹ *Grammatica de lingoagem portuguesa*, cap. 36, 1.^a ed. 1536, 2.^a ed. 1871.

² Gil Vicente põe muitas vezes esta palavra na boca do povo, o que corrobora as palavras de Oliveira e lhes serve de commentario; por exemplo, no *Auto pastoril portuguez*:

INEZ.	Sera algum cogumello?
MARG.	Não, que tem olhos e mãos.
CAT.	São caçapos temporãos.
MAD.	Mas samicas pesadelo.

ver: e assi como os olhos se ofendem vendo as figuras que em elles não contentão: assi as orelhas nam consintem a musiea e vozes fóra do seu tempo e costume: e muy poucas são as cousas que durão por todas ou muytas idades em hum estado: quanto mais as falas que sempre se eonformão com os conceitos ou entenderes, juysos e tratos dos homens: e esses homens entendem: julgão: e tratão por diuersas vias e muytas: as vezes segundo quer a neçessidade: e as vezes segundo pedem as inclinações naturaes. O vso destas dições antigas diz Quintiliano traz e dá muita graça ao falar quando he temperado e em seus lugares e tempos: a limitação ou regra será esta pella mayor parte que das dições velhas tomemos as mais nouas e que são mais vezinhas de nosso tempo: assi como tambem das nouas hauemos de tomar as mais antigas e mais recebidas de todos ou da mayor parte: ainda porem que não sempre isto he acertado, porque muitas vezes alghũas dições que ha poueo são passadas são já agora muito auorreçadas: como abem, ajuso, acajuso, a suso, e hoganno, alгорrem: e outras muitas: e porem se estas e quaesquer outras semelhantes as meteremos em mão dum homem velho da Beyra: ou aldeão: não lhe parecerão mal: mas tambem não sejam muitas nem queyramos vangloriarnos por dizerem que vimos muytas antiguidades: porque se essas dições antigas que vsamos: as quaes sendo moderadas nos auiam da-fremosentar: forem sobejas faram muito grande disonância nas orelhas de nossos tempos e homens.»

Duarte Nunes apresenta-nos uma lista de 128 palavras portuguezas como antiquadas no tempo d'elle.

Abilhar ataviar, *abilhamento* atavio, *acimar* acabar, *acoi-mar* acusar, *adergar* acertar, *adur* apenas, *afam* trabalho, *afincar* importunar, *afundo* abaixo, *aguisada* cousa feita a proposito, *aguisado* eonveniente, *agro* campo, *aguça* pressa, *aguçoso* apressado, *aleive* traição, *alfageme* guarnecedor de espadas, *algo* alguma cousa, *albergar* aposentar, *algures* em algum outro lugar, *alhures* em outro lugar, *aquecer* aconteeer, *aquecer* esquentar-se, *apres* depois, *aprisoar* prender, *arefercer* abaixar-se a fervura, *arefece* homem baixo (vil), *asuso* acima, *atimar* acabar, *aturar* perseverar, *atroar* derivado de *trom* estouro de tiro grande, *auisamento* aviso, *auer* por fazenda, *az* por batalha, *bafordar* jogo de armas tirando lanças por alto, *bastiaens* labores de baixella de prata, *bem parcente* bem parecido, *bacinette* easco de ferro, *bicornia* bigorna, *britar* quebrar, *cima* por cabo ou fim, *coita* paixão ou nojo, *condessilho* deposito,



confortar consolar ou esforçar, *communal* por *commum*, *consum* juntamente, *coudel* capitão, *covilheira* camareira, *cota* veste de armas, *domaa* semana, *desfeita* dissimulação, *desempachar* desimpedir, *desvaio* desavença, *dorado* que tem dor, *divido* parentesco, *doesto*, *doestar* desonrar, *estimo* estimação, *encalçar* alcançar, *emprir* encher, *entemes* entremez, *entonces* entam, *emader* acrescentar, *ensinança* doutrina, *ensanhar* irar-se, *esmerar* fazer alguma cousa com diligencia, *esguardar* respeitar, *estado* pompa ou apparato, *estugar* apressar, *forrejar* roubar o campo dos inimigos (depredari), *filhar* tomar, *falha* falta, *fagueiro* brando, *meigo*, *femença* mostra ou vontade, *finado* defunto, *gançar* ganhar, *gaso* por leproso, *gouuir* gozar, *grei* por rebanho ou companhia, *grado* vontade, *herco* herdeiro, *hoste* por arraial, *hostáo* hospedaria, *hostes* por imigos, *hu* por onde, *increo* incredulo, *juso* abaixo, *joglar* truão, *infançoens* moços fidalgos que inda não eram cavalleiros, que os Castelhanos diziam donzelles, *lançar a tauolado* jogo de armas de arremessar, *lancos* para alto sobre tauoado ou cousa alta, *laidar* por litigar, *lidar* pelejar, *lindo* por puro e limpo, *lidimo* por legitimo, *maguer* posto que, *medes* o mesmo, *mentar* por lembrar, *nenhures* por nenhum lugar, *oufano* por presuntoso ou contente de si, *peró* por tanto ou mas, *possança* poder, *posar* entrar, *paruo* por menino, *puridade* por secreto, *prasmar* por vituperar, *prez* por preço, *preste* por sacerdote, *quebrantar* por quebrar, *sagaz* prudente, *sageria* sabedoria, *sagazmente* prudentemente, *sanhudo* irado, *sanha* por ira e indignação, *sendos* por senhos, id est, singulos, *sina* bandeira, *talante* vontade, *tanger* tocar, *teudo* obrigado, *toste* logo, *trebelho* brinco, *trebelhar* brincar, *trigança* pressa, *trigoso* apressurado, *trom* tiro de bombarda ou que faça grande estouro, *vcha* area, e d'ahi *veharia* e *vehão* por despenheiro, *vindita* vingança⁴.

Algumas d'essas palavras, dadas como antiquadas por Duarte Nunes, estão ainda hoje em uso, o que prova ou que ellas, desusadas na linguagem litteraria, permaneciam na boca do povo, que as transmittiu até uma epocha posterior, em que a linguagem litteraria de novo as adoptou, ou que alguns escriptores as foram desenterrar nos antigos escriptos e chamal-as de novo á vida.

4 Origem da lingua portugueza, cap. 17. Lisboa, 1606.



No primeiro caso estão evidentemente *albergar, algures, aquecer, aturar, atroar, confortar, desempenhar, falha, finado, nenhures, oufano, sagaz, tanger, etc.*; o segundo caso parece dar-se com *afam, aleive, refece* (antigo *arrefece*), *doesto, fagueiro, gafo, puridade* (na locução *á puridade*), etc.

Em geral os auctores que dão uma palavra como archaismo consideram as coisas do ponto de vista do uso litterario; mas o grammatico não pôde nisto, como no mais, formular regra á lingua. O que elle hoje approva é amanhã condemnado pelo uso; o que elle hoje suppõe morto, reaparece amanhã vivo na linguagem.

Numa lista de palavras antiquadas feitas no seculo xviii por Francisco José Freire¹, notam-se egualmente palavras hoje de novo em uso, taes são: *acatar, adrede, alliviar, andrajo, asso-mo, bargante, britar* (só fallando de pedras: *britar pedras*), *des-peito, embair, envez, ervado, moimento, pacigo, passamento, pequize, pincaro, relé* (gente de baixa *relé*), *sandeu, sandice*.

Mas, se algumas palavras renascem, o numero das que morreram para sempre, ao que parece, é incomparavelmente superior. As que Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo² colligiu nos documentos e nalguns monumentos portuguezes da idade media representam apenas uma parte pequenissima das que elles minis-tram.

Mas não é só nos escriptores da idade media que se encontram palavras hoje caídas em desuso: os escriptores dos seculos xvi, xvii e xviii e ainda do co-meco d'este offerecem-nos uma assaz vasta collecção d'ellas.

Francisco José Freire fez um catalogo de algumas d'essas palavras usadas desde João de Barros até ao padre Antonio

¹ *Reflexões sobre a lingua portugueza, part. iii, refl. 1.ª*

² *Elucidario das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*, 2 vol. in-fol. Lisboa, 1798-99, 2.ª ed. incorrectissima e com addições insignificantes em 1865.



Vieira¹; se muitas d'ellas estão hoje de novo em uso, outras porém como *corrego* regueiro, *desviver* morrer, *esmechar* ferir, *emparcelado* que tem parceiros, *estugar* por apressar, *feitura* creatura, *feros* ameaças, *governalho* leme, *longura* comprimento, *miramento* acto de olhar com attenção, *patrisar* conformar-se com estylos da patria, *nadivel* que pôde passar-se a nado, *pompear* ostentar com pompa, *referta* contenda, repugnancia, *remoela* acinte, pirraça, *replenado* repleto, cheio, estão realmente caídas em desuso ou vivem só como termos provinciaes (p. ex. *corrego*, *feros*).

«*Queixume*, diz F. José Freire, foi palavra polidissima até o fim do seculo decimo-setimo; hoje não é admittida nem ainda em Poesia, com sentimento d'aquelles quo respeitam (como dizia Jacintho Freire no seu prologo) as venerandas cãs e ancianidade madura da nossa linguagem antiga.»

Hoje *queixume* sôa aos nossos ouvidos como uma palavra nobre e cheia d'uma doçura triste, e não *repugna a ninguém* empregar-a.

As causas do desaparecimento de palavras são muitas e ás vezes tão particulares que escapam a toda a generalisação e a toda a conjectura.

A causa mais simples e mais evidente é a do desaparecimento da palavra por ter desaparecido a coisa que ella significava. É por isso que hoje não se empregam já, senão falando das coisas do passado de Portugal, palavras como *adail*, *adeantado*, *alcaide*, *corregedor*, *almotacel*, *anadel*, porque esses cargos deixaram de existir.

Mas nem sempre o desaparecimento do objecto causa o desaparecimento do nome; este pôde ser transferido para um objecto novo que substitue o que antigamente designava.

A moda, o pedantismo, a imitação da linguagem de alguns auctores especiaes, que teem sempre um vocabulario mais ou menos limitado, o neologismo, a synonymia, são outras causas do desaparecimento de palavras.

¹ Reflexões sobre a lingua portugueza, part. 1, refl. 2.^a



1) A moda, determinada ás vezes por motivos estheticos ou ethicos (cf. p. 19), faz com que muitas palavras sejam olhadas como ridiculas ou baixas, como succede com o vestuario, as maneiras, etc. A linguagem por este lado está muito sujeita ao convencional. É assim que não se dizem hoje em boa sociedade *corneo*, emquanto *chifre* ou *ponta* podem ser pronunciadas sem receio, *feder*, *botar*, *surdir*, etc.

Muitas palavras devem tambem esse desprezo ao facto de adquirirem um sentido obsceno e d'este então descerem ao ultimo plano do uso.

2) O pedantismo litterario desterra tambem arbitrariamente muitas palavras. Comquanto a maior parte do que elle propõe seja tornado irritado pelas forças vivas da linguagem, é certo que esta não permanece livre da sua acção.

3) A synonymia concorre tambem para o desaparecimento de palavras.

Arteirice caiu em desuso depois que do latim se tirou a synonyma *astucia*, palavra que era nova no seculo xv, como se conclue das palavras d'um escriptor d'esse seculo: «Na prudencia o sobejo se chama em latym *astucia*, ou *calliditas*, que em linguagem querem dizer maa sagidade, ou *arteirice* mais que o que compre, ou malicia; e o seu mynguado he crasitudado em latim, que quer dizer em linguagem pequiçe¹.»

Além das palavras que se perdem inteiramente ha muitas que deixam de ser usadas só num ou mais de seus sentidos, ou que adquirem sentidos novos.

Eis alguns exemplos d'estes factos :

Acordar-se, *recordar-se*. «E eu acordei-me da palavra de nosso Senhor.» *Act. Apost.* 2, 16, l. «non se acordando do dia

1 *Leal Conselheiro*, cap. 58.



é mez.» Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, cap. 27. Hoje usa-se só no activo no sentido de despertar.

Attender, esperar. «Foronssse todos muy bem guiados a huum lugar que chamam uall de vez e *atenderom* hi.» *Chron. Santa Cruz*, p. 26. «non as ousaram *datender* no mar.» Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, cap. 24. «En mentre Sam Paulo *atendiã* em Athenas S. Gillas e Thimotheu, moveu a ssa alma em ssi.» *Act. Apost.* 17, 16. Hoje usa-se no sentido de prestar attenção.

Brocha, certa peça da armadura. «Deu-lhe com uma *brocha* que tragia.» Fern. Lopes, *ob. cit.*, cap. 20. «Os caualeiros que eram em terra filhauam-se pelos lazes das capelinas e dos bacinetes e dauam-se das *brochas* que as poinham da outra parte.» *L. Linh.* III, p. 186. E figuradamente:

Por falar no gouernar
& largar assy a *brocha*
non espaço.

Canc. Res. 1, 197.

Britar, antiquado no sentido geral de partir, quebrar, e no figurado de annullar. «Ali sesmalhauam (s'esmalhauam) fortes lorigas e *britauam* e especauam (espeçavam, despedaçavam) e talhauam eseuados capilinas baçinetes.» *L. Linh.*, III, p. 186.

Demandar, antiquado no sentido de pedir. «Uennos *demandar* accorro.» *Chron. Santa Cruz*, p. 29.

Espaço, antiquado no sentido de tempo. Hoje diz-se ainda espaço de tempo. «Os seus aguardarom per muj grande *espaço*.» Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, cap. 31.

Fallar, antiquado no sentido de dizer. «Nós nom podemos estar, que *non falemos* o que vimos, e ouvimos.» *Act. Apost.* 4, 20. «Dá aos teus a *falar* a tua palavra com feuz.» *Ibidem*, 4, 29. «*Falo* palavras de verdade e de mesura.» *Ibidem*, 26, 25.

Insoa, antiquado no sentido de ilha. «Des que perandaram toda aquella *insoa*, atá que chegarom a Papho, acharom hi huum encantador falso propheta Iudeu, que avia nome Beriem.» *Act. Apost.* 13, 6.

Mesura, antiquado no sentido de medida, e no figurado de bizzarria, comedimento, etc. «Se todo in todo vir o pesunie do incarrego sobrepojar (sobrepojar) a *mesura* das ssas forças.» *Regra de S. Bento*, cap. 68.

... Creio que faria mal sem
Quem nunca gran fiuz ouver
Em *mesura* d'outra molher.

Trov. e Cant. n.º 76.



Mesura seria, senhor,
De vos amercear de mi.

Canc. D. Diniz, p. 65. 1.^a ed.

«Falo palavras de verdura e de *mesura*.» *Act. Apost.* 26, 25.

Nunca vy tanta *mesura*
quanta falar se costuma
tam valdya.

Canc. Res. 1, 194.

Peça, antiquado no sentido de espaço de tempo.

Hunha grã *peça* do dia
Jeu'ali, que nou falava.

Canc. D. Diniz, p. 87. 1.^a ed.

«Esteve esguardando hũa grande *peça*.» *Hist. geral*, cap. 6. No sentido de pedaço. «Catou a pedra em que estavam as leteras e achoua quebrantada em *peças*.» *Ibidem*, cap. 6. «Por isso andara hũa *peça* da noite.» *L. Linh.* III, p. 193.

Talkar, antiquado no sentido geral de cortar. «Ali sesmalhauam fortes lorigas e britauam e especauam e *talhauam* escudados capilinas baçinetos.» *L. Linh.* III, p. 186. «Se tu a mim *talkas* a cabeça eu nom recebo gram perda.» *Ibidem*, p. 188. «non leixe criar os pecados, mais sagesmente, e com caridade os *talhe*.» *Regra de S. Bento*, cap. 64. No sentido de dar fôrma:

Hunha pastor ben *talhada*
Guydava em seu amigo.

Canc. D. Diniz, p. 86. 1.^a ed.

Tolher, antiquado no sentido de tirar. «Nom entendia a *tolher* ao Arcidiago nenhũa cousa do seu dereyto.» Doc. 1306, Rib. *Dissert.* 1, 297. «*Tolhamos* aqueste homem da terra, ca nom he bem que viva.» *Act. Apost.* 22, 22. «...secrá *tolheita* da terra a sua vida.» *Ibidem*, 8, 33.

Nam ha cousa a que s'acolha
que *tolher* possa, nem *tolha*,
seu primor ao sospirar.

Canc. Res. 1, 65-66.

Comp.: «Nunca *tolheo* a nenhuma cousa que lhe seu padre desse.» Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, cap. 1.



e aqui vos solto cuydado
e o sospirar vos tolho.

Canc. Res., 1, 17.

... lugar nam tem
de sospirar, mas rretem,
porque seu cuydar o tolhe.
Se o cuydar lh'o faz tolher
o qu'eu nam posso cuydar,
d'oje mays cuydo dyzer, etc.

Ibidem, 53.

Vivenda, antiquado no sentido de modo de viver. « Per i foy
escrito este alcoram que deste a mafomede teu miseyro que nos
mostrase por el a nossa *uiuenda* e o seruico que te auiamos de
fazer. » *L. Linh. III, p. 189.*

Conssyro en tal *uiuenda*
qual viuemos, d'emborythos.

Canc. Res., 1, 179.

Volta, antiquado no sentido de revolta, tumulto. « \om es
tu o Egeciam, que ante aquestes dias movestes gram *volta*? »
Act. Apost. 21, 38. « Em aquelles dias crescia muyto o conto
dos discipulos, e leuantouse muy gram *volta* e muy gram ba-
ralha antre os discipulos Judeus. » *Ibidem, 6, 1.*

Muitas palavras usadas em portuguez antigo acham-
se hoje substituidas por outras derivadas do mesmo
thema ou raiz, ou outras compostas com o mesmo
thema ou raiz.

Eis alguns exemplos d'essas palavras :

Antigo	Moderno
accorro	socorro
altividade	altivez
assinado	assignatura
baixura	baixeza
calçamento	calçado
calveira	calva
cambador	cambista
colorar	colorir, córar
conhecença	conhecimento
conquerer	conquistar



Antigo

Moderno

corto	cortado
costaneiras	costas
demoniados	endemoninhados
doçar	doce
dulcidão	doçura
emburylho	embrulhada
endurentar	endurecer
ensinamento	ensino
esmaiar	desmaiar
esprivamento	privação
esterrado	desterrado
estroimento	destruição
estroir	destruir
exerdar	desherdar
fallamento	falla
falsilho	falso
falsura	falsidade
geeramento	geração
judengo	judaico
lastimeiro	lastimoso
longueiro	longo
mentideiro	mentiroso
naviamento	navegação
perdoança	perdão
podrido	pôdre, apodrecido
refrescamento	refresco
sabença	saber (subst.)
secretariamente	secretamente
semelhavel	semilhante
similidõe	semilhança
sofrença	soffrimento
trauto	tractado
vegada	vez
vindiço	adventicio
vizindade	visinhança

b) O *neologismo*. Chamam-se neologismos as palavras que começam a ser empregadas numa lingua, sendo até ahi desconhecidas nella, ou os sentidos novos dados a palavras já no uso da lingua.

Aquellas palavras saem ou 1) do fundo da lingua, isto é, são produzidas por novas combinações dos seus



elementos proprios, ou 2) são tiradas já formadas das linguas classicas ou produzidas pelas combinações de elementos d'essas linguas (o grego e o latim), o que se dá principalmente na terminologia scientifica, ou 3) são introduzidas das outras linguas modernas.

1) Tínhamos, por exemplo, em portuguez, *carambola* no sentido de *bola* e primeiramente de bola de neve, graniso, saraiva; a introdução do jogo de bilhar fez que a uma das bolas se dêsse o nome de *carambola* e se creasse o verbo *carambolar*. A publicação de folhas periodicas ou jornaes deu lugar a que do adjectivo *periodico*, já existente, se derivassem *periodicista* e *periodiqueiro*. Durante as nossas luctas civis d'este seculo se derivaram as palavras *abrilada*, de *abril*, *caceteiro* de *cacete* (nome dado aos partidarios de D. Miguel que traziam cacetes adornados com as cores do partido para espancarem os do partido contrario), *cartista* de *carta*, *septembrista* de *septembro*, etc.

2) A introdução de palavras tiradas directamente do latim, que não podem ser classificadas de verdadeiros neologismos, mas apenas de renovações, observam-se em os monumentos de quasi todas as epochas em que a lingua portugueza foi escripta.

No seculo xv já D. Duarte se declarava contra o uso d'essas palavras:

— «Da maneira para bem tornar algũa leytura em nossa lynguagem.

Primeiro coahecer bem a sentença do que a de tornar, e poella inteiramente, nom mudando, acrecentando, nem mynguando algũa cousa do que esta scripto.

O segundo que nom ponha pallavras latinadas, nem doutra lynguagem, mas todo seja em nossa lynguagem scripto, mais achegadamente ao geeral bom costume de nosso fallar que se poder fazer ¹.» Varias passagens nos mostram como este monarcha escriptor tractava na prática de cumprir os seus proprios

1 Leal Conselheiro, cap. 99 (por erro 98 na edição de Paris de 1842).



preceitos. Diz elle: «Da *yra* seu proprio nome em nossa lyngua-gem he *sanha*, que vem de hum arrebatado fervor de coração por desprazer que sente com desejo de vyngança¹.» Noutra parte: «Primeiro do *odio*, ou segundo nossa lynguagem *malquerença*, que he hum contynuado desejo de mal, perda, abatymento de bem doutrem por qualquer guisa que viir possa².» E ainda «Da *ociosidade* em nossa lynguagem seu nomie apropriado he *prigujça*³.»

Outro escriptor da mesma epocha e irmão de D. Duarte, o infante D. Pedro, Duque de Coimbra, não é tão exaggerado em pontos de purismo como aquelle. Escreve elle, escusando-se de introduzir palavras latinadas na sua *Virtuosa Bemfeitura*:

«E os que menos letrados forem do que eu som nom se anojem d'alguas palavras latinadas e termos seuros, que em taes obras se nam podem seusar⁴.»

Na epocha em que foi feita a traducção da Historia do Testamento publicada por Fr. Fortunato de S. Boaventura (seculo xiv segundo todas as probabilidades) a palavra *anathema* era ainda inteiramente desconhecida na lingua portugueza, porquanto nessa traducção lê-se: «E ensinou o Anjo (*leia-se* Anjo) per que guisa avia de tomar a cidade de Jericó, e que fizessem a cidade, e todalas cousas dela *anathemas*, que quer dezer es-comunhom maior.⁵»

Os escriptores do seculo xvi engrossaram consideravelmente o lexico portuguez com latinismos, e essa obra foi continuada pelos dos seculos seguintes, d'um modo mais ou menos pedantesco; muitas d'essas innovações, porém, não vingaram, principalmente quando os anctores que as introduziram eram dos menos reputados.

Quem empregará hoje *agilitar*, *aperção*, *dealbado*, *dere-licto*, *excidio*, *extar*, *inupta*, *invitar*, *lutulento*, *modio* (alqueire), *tentorio*, *tribulo* (abrolhos), etc., condemnadas por um purista

¹ *Leal Conselheiro*, cap. 16.

² *Ibidem*, cap. 17.

³ *Ibidem*, cap. 26.

⁴ *Virtuosa Bemfeitura*, liv. 1, cap. 2. Ms. da Bibliotheca da Academia das Sciencias de Lisboa.

⁵ Josué, cap. 4.

do século XVIII¹, com outras do mesmo genero que todavia estão ainda em uso, sobretudo como termos technicos?

«*Bipartido* por cousa dividida em duas partes só no verso tem bom uso com o exemplo dos nossos Poetas Classicos, e na prosa não se deve seguir a alguns que a usaram.

Bipede por cousa de dous pés, só no verso se admite. Tem-lo achado em alguns discursos, tratando-se de monstros, e nesta acceção pode ser permittido².»

Bipartido e *bipede* são hoje usados sem escrupulo principalmente na linguagem scientifica. Brotero adoptou o primeiro em botanica³.

3) Como exemplos mais conhecidos da terceira especie de neologismo temos as palavras que a lingua portugueza tem recebido da franceza, chamadas *gallicismos* ou *francezismos*.

Já Duarte Nunes de Leão notava a singularidade da influencia da lingua franceza sobre o nosso lexico, formava uma lista das palavras que suppunha nos tinham vindo d'ella directamente, mas que em grande parte nos vieram por outra via e tractava até de assignalar as causas d'essa influencia.

«Tam difficil he, diz elle⁴, dar razão porque dos Francezes vierão aa lingoa Portuguesa tantos vocabulos, quanto inuestigar quaes são os mesmos vocabulos. Porque a razão que demos que as gentes communicão suas lingoagens por causa da vezinhança, esta razão parece que não milita entre Portugueses & Franceses, porque o Reino de França está apartado de Hespanha, cujos limites asi da parte do mar como da terra são os montes Pyrneos e pella banda da terra está França ainda mais alongada de Portugal que de nenhũa outra parte da Hespanha. A razão que achamos a esta communicação de palauras parece ser por as idas que em tempos mais antigos os Portugueses fazião a França por causa da nauegação que era mais frequente que agora, & por a maior confederação, e amizade que antes havia entre hũa nação & outra. E porque como os Portugueses não nauegauão para as praias do mar Oceano, nem tinham achadas as regiões da Ethiopia, nem da India, & ilhas descubertas, que depois continuarão com na-

refl. 4. ¹ Francisco José Freire, *Reflexões sobre a lingua portugueza*, part. 1,

² *Ibidem*.

³ *Comp. de Botanica*, I, 123, 124, 237.

⁴ *Origem da lingoa portugueza*, cap. 11.



uegação de mais proueito, d'aquelles portos de França, aonde entam ião a leuar suas mercadorias, e buscar outras, trazião nouos vocabulos. A outra era que des do principio deste Reino sempre vierão a elle Franceses, como foi o Conde dom Henrique, que vindo de Borgonha, necessariamente hauia de trazer sua familia, & gente daquella nação. Vierão tambem a este Reino os estrangeiros que ajudaram a tomar Lisboa, de que vinha por Capitão geeral Guillelme da longa espada, filho de Ricardo, Conde de Anjou, com que vinhão muitos senhores Franceses que neste Reino ficarão, & pouoarão muitas villas & logares, de que oje ha muitos fidalgos deseendentes seus. Veo o Infante Dom Affonso de Bolonha de Picardia, que casou com Mathilde, Condessa daquelle estado, & foi Rei de Portugal, III. do nome, que comsigo para o seruir e ajudar a defender del Rei dom Sancho seu irmão, a que vinha despor do gouerno, necessariamente hauia de trazer grande companhia. Viera a Rainha dona Mafalda, Francesa, filha do Conde Amadeu de Mariana & de Saboia a casar com dom Afonso Henriquez, que tambem viria acompanhada de Damaas & Caualleiros Franceses. E por causa da nauegação & trato vinhão tambem a este Reino tantos Franceses, que euidarão muitos que se chamava Portugal, do porto de Gallos.»

Com nenhuma outra nação temos tido relações tão intimas e tão duradouras como com a França; nenhuma tem influenciado tanto como esta sobre a litteratura, os costumes, as ideas portuguezas; a sua influencia lexicologica resulta necessariamente d'essas intinias relações. Mas é sobretudo a partir da epocha de D. João IV, e da vinda de tropas francezas a Portugal para ajudar esse rei nas luctas eontra Hespanha, que a lingua portugueza tem recebido grande numero de fórmãs francezas. D. Francisco Manoel de Mello, queixava-se já d'essa invasão d'estrangeirismos na epocha da vinda d'aquellas tropas. Escreve elle:

«Andão per alto vozes peregrinas, não cessando com os combois, brechas, aproxes, viveres, avançadas, è castramentações; pois se o escutão (a um soldado), Deos seja com-nosco! Ó que lhe acodem de Cornas, Ornavaques, Crubeques, gollas, francos, lizeres, barbacans, e falças bragas? Que de esquadroens, serras grandes, fundos grandes, frontes, quadrados de gente e de terreno, dobrêtes, Cruzes, cubos e prolongados? Outras vezes se dá pelos officios militares, ahi vos digo eu, que o Diabo o espere com Arrecures, Maridaes da estalla, Caporal, Corneta, Dragão, Furriés, Quarteis mestres, grão Prevoste? Emfim com milhares de vozes estrangeyras, que nossos peeca-

*



dos (alem dos costumes estrangeyros) nos trouxeram á terra para sua maior corrupção que defença ¹.»

No seculo seguinte repetem-se os protestos dos puristas portuguezes contra a invasão do estrangeirismo e o escrúpulo sobre esse ponto attinge as raízas do ridiculo: grosso numero de palavras são suspeitas de falta de caracter nacional; o patriotismo torna-se exaltado em questões de estylo. Francisco José Freire descreve-nos este estado e pretende achar uma regra que ponha termo ás questões de nacionalisação e adopção de palavras.

« Assim como nas idades passadas era mui vulgar nos Escriptores de linguagem impura valerem-se dos vocabulos latinos, e acoomodar-os á pronunciação Portugueza: assim hoje é mui commum na mesma classe de Auctores, servirem-se de vozes francezas e italianas, pretendendo naturalisal-as em Portugal. Destas creio que o numero é já infinito, espalhadas por todas as sciencias, artes e officios mechanicos; porém com especialidade na Filosofia Experimental, na Arte Militar, na Architectura Civil, etc. Dizem que a falta de termos proprios obrigára a introduzir tantas palavras novas. Se assim foi procedeo-se com razão, porque obrigando a necessidade, devem-se buscar vozes para se exprimirem as cousas. Porém os amantes da pura linguagem portugueza queixam-se de se introduzirem termos novos, meramente por moda, e não por precisão, pois que a nossa lingua tinha muitos, e bons, com que se explicava antes que se mendigassem outros ás estranhas para se exprimir o mesmo.

« Que necessidade havia (dizem os puritanos da lingua) de se dizer *Abandonar* tendo desamparar; *Affares* tendo negocios; *Bellas Letras* havendo Letras Humanas, e Boas Artes: *Bellezas* da Eloquencia, havendo rasgos, de que sempre usou Vieira; *Bom Gosto*, havendo já discernimento, e juizo?

« Porque se havia de introduzir *Cadete* por filho, que não é primogenito: *Criterio* por Arte Critica: *Canoculo* por oculo de ver ao longe: *Charlatão* por palrador ignorante: *Chichibéu* por galan, ou amante: *Delicadeza* de engenho por subtileza: *Dessert* por aparato de sobremesa: *Discolo* por extravagante, e mal procedido: *Passagem* por logar, ou passo de algum bom Auctor: *Retalhos* de eloquencia por pedaços de eloquencia?

« Que precisão tinhamos de *Garante* e *Garantir*, por fiador, e affiançar: de *Imagens* por logares, e passos eloquentes, ou da fantasia, ou do juizo: de *Interessante* por importante: de *Prejuizo* por antecipação de juizo, ou juizo antecipado: de *Projectar* por dar ideas, e arbitrios: de *Responsavel* por obrigado a res-

¹ Apologos Dialogaes, p. 169. Lisboa, 1721.

ponder: de *Susceptível* por cousa capaz de receber outra: de *Viajar* por correr terras: de *Manobra* por marcação, etc. ?

« Não só d'estas palavras, mas de outras muitas que agora nos não occorrem, mas lembram bein aos queixosos d'ellas, se lamentam aos fleis conservadores da pura Língua Portuguesa; porém outros criticos não acham para tanta queixa bastante fundamento. Dizem, que com esta liberdade é que se enriquecem de vocabulos as linguas vivas, e que só nas mortas, como a Grega e Latina, é que o uso não pôdo exercitar o seu absoluto dominio.

« Que não se tem enriquecido ha menos de um seculo a Língua Inglesa com a introdução de infinitos termos, já inventados, já pedidos a outros idiomas, em que o Portuguez tem igualmente seu logar? E por fim ha hoje lingua viva que não tenha naturalisado innumeraveis vocabulos estrangeiros, sem exceptuar ainda a Castelhana, e Italiana, não obstante a sua copiosissima abundancia ?

« Assim fallam os defensores das vozes novas, e nós para dizermos o que sentimos entre estes indulgentes, e aquelles escrupulosos, dizemos que uns e outros tem razão. Os escrupulosos, porque é certo, que havendo para exprimir qualquer cousa termo nacional e usado pelos Auctores, que são textos, não se deve adoptar um novo; porque de outro modo nunca se verificaria que um Escriptor é de linguagem mais pura do que outro, e seria vão o nome de classico, que se dá aquelles Auctores que o mereceram.

« Porém estes escrupulos peccão muitas vezes por excesso, sentenceando por vozes novas, e introduzidas pela moda, que reina na presente Litteratura do nosso seculo, a algumas que teem já muitos annos e tambem seculos de antiguidade. Por exemplo: estranha-se por novamente adoptada a palavra *Reproche*, e já Duarte Nunes de Leão faz della memoria cortando-a por uma daquellas que fomos buscar aos fancezes... Tem igualmente por nova a palavra *Policia*, e é não menos quo de João de Barros na Decada 3.^a pag. 87, onde diz: *Nisto se mostra a grandeza, e policia daquelle Príncipe*, etc. Que não dizem elles tambem contra a palavra *Pedante*, quando Duarte Nunes de Leão na sua Orthographia já traz *Pedantesco*? Não podem ultimamente soffrer, que se use do Italiano *Affanar*, e *Affano*, havendo em Portuguez *Affligido*, *angustiado*, *Affligir-se* e *angustiar-se*; quando Vieira, insigne texto da Língua, disse, como sabem os eruditos, *Affanado*, e *Affano*. Podemos fazer menção de outros vocabulos, a que os escrupulosos erradamente chamam novos, e como taes os reprovam; mas não sejamos prolixos, e passemos a defender os Escriptores indulgentes.



«Tem estes razão em procurarem á maneira das outras Nações, e vivamente protegerem a introdução de vocabulos expressivos, e precisos, quando não podemos exprimir uma cousa, senão por longa, e tediosa circumlocução. Se para nós expressarmos a força do verbo francez *Supplantar*, nos é preciso usar do rodeio de dizer : usar de força ou artificio para tirar a alguém o cargo, ou fortuna que possui : não será bom que admittamos este verbo, e digamos *Supplantar*? Não é mais expressivo e breve dizer *Criterio* do que *Arte critica*, *Insignificante*, do que cousa que nada significa? Não é mais succinto usar de uma só palavra, qual é *Responsavel*, e *Susceptivel*, do que occupar diversas vozes, dizendo : obrigado a responder, e capaz de receber? Se podemos com um só vocabulo exprimir o filho segundo, terceiro, etc., de uma familia porque se não ha-de dizer *Cadete*?

«Porém quando a nossa lingua tem termos proprios, que exprimem o mesmo que os outros novamente introduzidos, em tal caso é com razão reprehensivel a novidade, porque se oppõem áquella pureza de fallar de que em todas as outras Nações se faz especial apreço. Porque havemos dizer *Abandonar* se temos *Desamparar*; *Resurce* se temos *Remedio*; *Discolo* se temos *Malprocedido*; *Affaires* se temos *Negocio*, etc. etc.? Porque diremos *Intriga*, *Intrigante* e *Intrigador* por enredo, e enredar, e enredador, ou por maquina, maquinar, e maquinador? Porque havemos dizer *Character* por distinctivo; *Conducto* por procedimento, governo, prudencia, etc.?

«Eis-aqui como nos parece que devem concordar os dois partidos ambos excessivos, um porque nada permite, ainda havendo precisão, outro porque tudo concede, ainda sem haver necessidade. Este nosso juizo é fundado sobre o mesmo parecer que deram os Academicos da Crusea para se introduzirem ou não no seu famoso vocabulario vozes estrangeiras. Foi seguida esta prudente resolução por Monsieur de Furetière, e pelos sabios das Reaes Academias Castellhana e Franceza, quando apprehenderam os seus Diccionarios ¹.»

Finalmente em 1817 publicou Fr. Francisco de S. Luiz, depois cardeal, um *Glossario das Palavras e Frases da Lingua Franceza, que por descuido, ignorancia, ou necessidade se tem introduzido na Locução Portugueza moderna, com o juizo critico das que são adoptaveis nella* ².

Como se sabe, a terceira especie de neologismo está sujeita muito mais que as outras duas ao dominio da opinião litteraria.

¹ Reflexões sobre a lingua portugueza, part. 1, refl. 5.^a

² Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa, 1.^a serie, t. iv. part. II, p. 1-153. O Glossario foi tambem impresso em separado.



Uma parte consideravel de neologismos d'essa especie introduz-se todavia pelo canal popular, como se observa, por exemplo, com alguns termos dos caminhos de ferro (*vagão*, der. *vagonete*, *tender*, etc.).

II. Alterações phoneticas

As alterações phoneticas observam-se a cada passo: todos conhecem a tendencia que teem as pessoas sem instrucção para alterar a pronuncia das palavras; todos teem observado ou ouvido descrever os defeitos da pronuncia provincial ou local. Ora examinando bem essas alterações de pronuncia reconhecem-se os dois pontos seguintes:

1) que essas alterações não são arbitrarías, mas resultam de tendencias geraes;

2) que essas alterações se dão dentro dos limites impostos pelas relações dos sons, segundo os órgãos que os produzem, segundo a sua qualidade, etc. Assim no Minho o povo troca o *l* em *r* (*r* guttural) quando se lhe segue outra consoante e diz assim *marga* por *malga*, *ártura* por *altura*, *fárcão* por *falcão*; *r* e *l* são duas sonoras liquidas; a sua troca é pois facil. Não vemos, porém, mudar-se por exemplo um *r* em *t*, um *l* em *p*, etc., porque tal mudança é physiologicamente impossivel, como mudança immediata.

Um som póde passar por muitas alterações successivas que o afastem consideravelmente da sua fôrma primitiva; mas para admittir a relação entre dois sons quaesquer é mister demonstrar com exemplos mais ou menos numerosos e com fôrmas intermedias as suas relações. Em latim o *c* antes de *e* e *i* pronunciava-se como o nosso *qu* em *que*, *quero*; assim *cera* pronunciava-se *kerá* (*quero*); nós pronunciamos *sera*; isto é, a momentanea guttural forte *k* latina alterou-se na continua dental *s*; uma tal alteração não foi immediata, mas sim o resultado de alterações successivas, cuja



serie é possível determinar-se aproximadamente, porque encontramos em diversos dialectos grãos intermedios.

A importancia das alterações phoneticas está em razão directa da sua extensão. Alterações isoladas, diversas, ainda que numerosas, de palavras não determinam por si só nenhuma feição nova numa lingua; não dão producção a nenhuma fôrma dialectal; são factos parciaes, que até podem ser annullados; variações de pronuncia que podem ser corrigidas.

São essas especies de alterações phoneticas as principaes que geralmente se observam no periodo em que as linguas teem uma litteratura fortemente constituida, uma legislação grammatical e lexicologica, que apesar de toda a sua força não podem obstar a ellas; são essas, portanto, as principaes que observamos no portuguez desde que elle entrou nesse periodo, isto é, desde o seculo xvi.

São de duas especies as variações de pronuncia que observamos na lingua portugueza: uma consiste numa maior desviação do typo latino, e tem uma origem puramente popular e organica, resultante das tendencias geniaes da lingua; outra consiste numa aproximação do typo latino, que as mais das vezes é antes apparente que real, e tem uma origem puramente erudita. Por exemplo, na idade media dizia-se *trauto*, *auto*; no seculo xvi reforma-se essa pronuncia sobre o typo latino e começa-se a escrever *trato*, *acto*, e a pronunciar *trato*, *ato*, em que o *c* latino não se acha representado, ao contrario do que se dá nas fôrmas *trauto*, *auto*, em que o *u* o substitue. O numero de factos d'esta natureza é consideravel e constitue uma das differenças mais importantes entre o portuguez medieval e o portuguez classico (o portuguez a partir dos grammaticos Fernão de Oliveira e Barros, isto é, do primeiro quartel do seculo xvi).



É curioso observar como modos de pronunciar condemnados numa epocha são os correntes e adoptados por todos dentro d'um espaço de tempo pouco consideravel, e como os modos de pronunciar primeiramente propostos para substituir os que se julgavam viciados são depois os que se condemnam.

Francisco José Freire ¹ quer que se diga:

antiado	e não	enteado
avelutado	»	aveludado
bilhafre	»	milhafre
blazão	»	brazão
borôa	»	broa
celeusina	»	celeuma
churma	»	chusma
contia	»	quantia
cossário	»	corsario
desgraciado	»	desgraçado
diecese	»	diocese
emprender	»	emprehender
epiteto	»	epiteto
estamago	»	estomago
gasnate	»	gasnete
gira	»	gíria
golotão	»	glotão
Jesu	»	Jesus
laera	»	laere
zanolho	»	zarolho
etc.;		

mas os modos de pronunciar condemnados por elle são hoje os seguidos na linguagem culta e na litteratura.

O numero d'estas variações de pronuncia é considerabilissimo, e comparado com elle insignificante o numero das palavras que, quer na bocca do povo, quer nos escriptores e nos documentos, não offereçam variantes, que, em verdade, se reduzem a um numero de especies muito limitado.

Mas as alterações phoneticas mais importantes são as que se extendem a um systema inteiro de fôrmas

¹ Reflexões II, 42.



grammaticaes, como, por exemplo, no portuguez a syncope do *d* nas fórmās da segunda pessoa do plural, syncope que, começada a operar no primeiro quartel do seculo xv se tinha generalisado já no fim d'esse seculo; a mudança da antiga terminação *om* em *am*, etc. Os phenomenos d'esta natureza nunca se dão isolados numa lingua, porque as condições em que se produzem são ou a decadencia litteraria, ou o movimento historico do povo que falla essa lingua, ou ambos reunidos, isto é, causas de grande extensão e não causas inteiramente locais e só capazes de produzir especies pouco importantes de alterações. D'elles se serve a glottologia para characterisar os periodos da historia das linguas; é assim que á phase do alto allemão em que já se observa o abrandamento geral da vogal, que se seguia á syllaba do thema, num *e* indistincto, se dá o nome de *medio alto allemão*, e á phase anterior, em que aquelle abrandamento não existe ainda, o nome de *antigo alto allemão*¹.

Se mudanças d'esta natureza se dão só numa parte da zona geographica d'uma lingua, e que outra parte fica livre d'ella, ha producção d'um dialecto; se ellas se operam em differentes partes d'essa zona, mas diversas em cada uma d'essas partes, ha producção de tantos dialectos distinctos quantas forem essas partes.

As principaes alterações phoneticas que podemos exemplificar com palavras portuguezas, principalmente quando comparadas com as latinas, são as seguintes:

1. *Alterações das vogaes simples accentuadas*: consistem em alterações de qualidade, dependentes em grande parte da quantidade que tinham em latim; exemplos:

a) *e* em *i*: *tigo* de *tecum*; *e* em *ei* (antes de vogal): *candeia* de *candela*, *veia* de *vena*;

¹ Schleicher, *Die deutsche Sprache*, p. 402.



- b) *i* em *e*: *pero* de *pirum*, *cedo* de *citrus*;
- c) *o* em *u*: *outubro* de *october*, *cumpro* de *compleo*;
- d) *u* (geralmente o *u* breve latino ou *u* na posição, raro o *u* longo) em *o*: *lobo* de *lupos*, *tronco* de *truncus*.

2. Alterações dos diphthongos accentuados:

a) *au* muda-se em *ou*, *ó*, *oi*: *ouro*, *oiro* de *aurum*, *cousa*, *coisa* de *causa*;

b) *ai* em *ei*: *primeiro* de *primairo* de *primario*.

3. Alterações das vogaes atonas: estas alterações são:

a) substituição d'uma vogal por outra, como de *a* por *e* em *espargo* de *esparagus*; e por *ou* em *ourico* de *ericius*; o por *e* em *escuro* de *obscurus*, etc.;

b) consonantisação (*i* em *y*, *j*, *u* em *v*) como em *raio* (*rayo*) de *radius*, *Jeronymo* de *Hieronymos*, etc.;

c) supressão: aa) de vogal inicial (apherese): *bispo* de *episcopus*, *relogio* de *horologium*, *Lisboa* de *Olisipona*; bb) de vogal medial (syncope), que atinge principalmente *e*, *i*, *o*, *u*: *gritar* de *quiritare*, *bondade* de *bonitate*, *caldo* de *calidus*, *posto* de *positus*; cc) de vogal final (apocope), que atinge principalmente as vogaes *e* e *i*, mais raro *o*, *u*, depois de *l*, *r*, *m*, *n*, *c* (*s*, *z*), não geminadas (dobradas) nem ligadas com outra consoante: *amor* de *amore*, *dever* de *debere*, *papel* de *papyrus*, *sem* de *sine*, *tem* de *tenet*, *vem* de *venit*, *faz* de *facit*, *pez* de *pice*, *tom* de *tono* (*tonus*) bom de *bono* (*bonus*).

4. Alterações das consoantes isoladas (isto é, que não se acham em contacto com outras consoantes, mas sim com vogaes numa palavra). Essas alterações são:

a) *abrandamento* ou passagem das fortes mediaes para as brandas correspondentes: *agudo* de *acutus*, *cadella* de *catella*, *lobo* de *lupus*;

b) *degeneração* ou passagem d'uma momentanea para a classe das continuas, como a do *k* e *g* latinos antes de *e*, *i*: *cera* (*sera*) de *cera* (*kera*), *prazer* de

placere (*plakere*), *piche* de *pice* (*pike*); *gente* (*jente*) de *gente* (*ghente*), *esparzir*, de *espargere* (*sparghere*); também *p* degenera em *v*, por exemplo, em: *povo* de *populus*, *escova* de *scopa*;

c) *syncope*, que se observa com relação aos sons latinos *g*, *d*, *b*, *n*, *l* e *v*; mais de *magis*, *fiel* de *fidelis*, *marroio* de *marrubium*, *cadeia* de *catena*, *ceo* de *coelum*, *cidade* de *civitate*;

d) *apocope*, que se observa com relação aos sons finais latinos *t*, *c*, *d*, *n*: e de *et*, ou de *aut*, *cabo* de *caput*, *ama* de *amat*; *so*, *sou* de *sum*, *ame* de *amem*, *dez* de *decem*; *si*, *sim* de *sic*, *ne*, *nem* de *nec*; *a* de *ad*: *vime* de *vimen*, *grude* de *gluten*;

e) *apherese*, que é extremamente rara: *irmão* de *germanus*, *Elvira* de antigo *Geloira*.

§. Alterações nos grupos consonantes. As principais d'essas alterações são:

a) *simplificação* das germinações ou sons duplos: *vaca* de *vacca*, *peco* de *peccor*, *folle* de *follis*, *cana* de *canna*; e também com alteração de som; *grunhir* de *grunnire*, *pinha* de *pinna*, *galha* de *galla*, *centelha* de *scintilla*;

b) *assimilação*, ou modificação d'uma consoante por influencia d'outra, aproximando-se aquella na qualidade ou no ponto d'articulação, ou tomando inteiramente a fórma d'esta; em portuguez a geminação resultante da assimilação simplifica-se: *dito* (*ditto*) de *dictus*, *matar* (*mattar*) de *macitare*, *nosso* (*nosto*, *nostro*) de *nostrum*, *vosso* (*vosto*, *vostro*) de *vestrum*; *roto* (*rotto*) de *ruptus*, *gruta* (*grutta*) de *crypta*; *disse* de *dixi* (*dicsi*), *tecer* (*tesser*) de *texere* (*tecsere*); *augmente* (*augmento*), *pimenta* de *pigmentum*;

c) *dissolução em vogal da primeira consoante do grupo consonantal*: exemplos: *leite* de *lactem*, *noite* de *noctem*, *douto* de *doctus*; *receitar* de *receptare*; *conceito* de *conceptus*; *eixo* de *axis* (*acsis*), *teixo* de

taxus (*tacsus*); *couce* (*cauce*) de *calcem*; muito de *multum*; *reinar* de *regnare*;

e) *dissimilação*. A dissimilação tem por fim evitar numa palavra o encontro ou repetição de syllabas ou consoantes eguaes; pôde ser de tres especies:

aa) por simples alteração de consoante, como em *marmelo* de *melimelum*, *lirio* de *lilium*, *rouxinol* de *lusciniolus*;

bb) por supressão de consoante, como em *proa* de *prora*, *frade* de *fradre* (*fratrem*), *crivo* de *cribro* (*cribum*);

cc) por supressão de syllaba, como em *trigo* de *triticum*, *bondoso* por *bondadoso* de *bondade*, *caridoso* por *caridadoso* de *caridade*.

6. *Influencia de vogaes sobre consoantes*. Eis alguns factos mais importantes:

a) A vogal latina *i* atona, originaria ou proveniente de *e* atona, e seguida de *a* ou *o*, actua em regra sobre *n* e *l* precedentes e funde-se com elles nos sons duplos chamados *n* e *l* molhados, que representamos respectivamente em a nossa escripta usual por *nh* e *lh*: exemplos: *venha* de *veniat*, *tenho* de *teneo*, *Junho* de *Junius*, *linha* de *linea*, *tinha* de *tinea*, *vinha* de *vinea*; *Julho* de *Julius*, *filho* de *filius*; *milha* de *milia*.

b) A vogal *i* atona, originaria ou proveniente de *e* atono, seguida de vogal, actua sobre *c* e *t* precedentes, fundindo-se com elles em sons duplos que depois de terem a fôrma *ts*, *dz* se simplificaram em *s*, *z*: exemplos: *face* de *faciem*, *faça* de *faciam*, *praza* de *placiat*; *graça* de *gratia*, *praça* de *platea*, *poço* de *puteum*, *preço* de *pretium*. Mais raros são os exemplos de acção semelhante de *i* (*e*) sobre *d*, como em antigo *arço* de *ardeo*, *arça* de *ardeam*, que hoje se dizem *ardo*, *arda* por analogia d'outras fôrmas.

7. *Influencia das consoantes sobre vogaes*. Tambem as consoantes exercem sobre as vogaes diversas in-



fluencias, entre as quaes mencionaremos a *labialisa-*
ção de vogal (mudança de *a* e *e* em *o*, *u*) sob a in-
fluencia d'uma consoante labial, como em *vibora* de
vipera, *vespora* de *vespera*, *sobolos* ant. por *sobelos*
(sobre os), *sobola* pop. por *cebola*¹.

Os principios de alteração phonetica que acabamos de men-
cionar são em parte particulares ao portuguez, em partes com-
muns ás diversas linguas romanicas ou a duas ou mais d'ellas,
em parte observaveis noutras linguas além das romanicas. Ha
nos principios d'alteração phonetica como que circulos concen-
tricos, que vão d'uma grande generalidade a uma estricta indi-
vidualidade.

III. Alterações morphologicas

1) As *alterações phoneticas* tendem a obscurecer e
confundir as fórmãs grammaticaes, isto é, os elemen-
tos formativos dos casos, dos tempos, modos, numeros
e pessoas nos verbos, e os elementos de derivação;
assim a antiga desinencia indo-europea do ablativo *t*
conservada em sanskritto, apparece-nos ainda em antigo
latim representada por um *d*, mas desaparece com-
pletamente antes do seculo de Cicero; por isso do an-
tigo ablativo *Romad* fez-se *Romā*. Estas alterações são
uma das causas mais consideraveis que produzem a
supressão de fórmãs grammaticaes, porque logo que
essa fórmãs não se distinguem facilmente d'outras o
seu numero reduz-se necessariamente.

2) A *existencia de differentes meios para exprimir*
a mesma relação grammatical dá logar tambem ao
desapparecimento de fórmãs grammaticaes, principal-
mente pela complicação com a alteração phonetica. O
emprego em latim de construcções como *unus de mul-*
tis concorreu para a substituição do genitivo pela pre-

¹ Não mencionamos senão as alterações d'um caracter mais geral. Na *His-*
toria da lingua portugueza (para publicar) encontrar-se-ha uma exposição com-
pleta da phonetica da nossa lingua.



posição *de*. Em portuguez o emprego do imperfecto pelo condicional na linguagem popular pôde vir a produzir o desaparecimento do condicional.

3) A *analogia* é outra causa importante da redução do numero das fórmãs grammaticaes. Por *analogia* tende-se nas linguas a conformar a *typos* geraes e mais frequentes o maior numero de palavras possível, a fazer substituir as fórmãs menos usuaes por outras mais conhecidas, a destruir tudo o que parece irregular. No portuguez antigo, por exemplo, o perfeito do verbo *jazer* era *jouve*, analogo portanto aos de *haver*, *poder*, *saber*, *houve*, *pude*, *soube*; hoje o perfeito d'esse verbo é formado pelo *typo* em *i* (*jazi*) chamado regular; *houve*, *poude*, *soube*, fórmãs muito mais frequentes na linguagem, conservaram-se. Pela analogia as creanças dizem *dezi* por *disse*, *fazi* por *fiz*, etc.

Quanto mais alto remontamos na historia das linguas indo europeas, maior riqueza de fórmãs grammaticaes se nos depara; assim o sanskrito tem ainda oito casos: nominativo, genitivo, dativo, accusativo, vocativo, ablativo, locativo e instrumental; tres numeros: singular, dual, plural; quatro modos: indicativo, imperativo, subjunctivo, optativo, além do infinito e fórmãs participaes; formações regulares do comparativo e superlativo, etc.

O latim reduziu os casos a seis *typos*, em que se misturam algumas fórmãs dos casos perdidos (*Romae*, em Roma, não é um genitivo, mas um locativo); perdeu o dual, de que apenas são um ultimo vestigio *ambo* e *duo*; confundiu o subjunctivo com o optativo (*dicam* corresponde a um subjunctivo primitivo; *sim* por *siem* é um optativo). Um tempo que pertencia, sem duvida, já à lingua de que o sanskrito, grego, latim, etc., são dialectos e que se encontra em grego e sanskrito, o aoristo (com duas fórmãs: aoristo primeiro e aoristo segundo) não se encontra em latim. Em compensação



d'essas perdas apparecem algumas vezes processos novos de formação, por meio de composição ; assim em latim os themas dos verbos em *ā*, *ē*, *ī* (*amā-re*, *debē-re*, *vestī-re*), *ē* e formas, ao que parece, d'um verbo *fu* ou *bu*, primitivo *bhu*, ser, desusadas no periodo historico da lingua, com excepção do perfeito *fui*, se formaram os futuros como *ama-bo* (*bo* por *buo*, presente de *fu*), *ama-ba-m* (*ba-m* imperfeito de *fu*), *ama-vi* (por *ama-fui*).

Em portuguez as fórmas do futuro são o resultado da juxtaposição do infinito com as fórmas do presente do verbo *haver* (*amar-ei*, *amar-ás*, *amar-emos*, etc.) ; as fórmas do condicional resultado da juxtaposição do infinito com as fórmas contractas do imperfeito do verbo *haver* (*amar-ia* por *amar-havia*, etc.).

319 Nas phases modernas das linguas indo-europeas observa-se, porém, em muito maior numero de casos a substituição de fórmas grammaticaes por construcções syntacticas ou periphrases que a producção de fórmas novas, devendo-se além d'isso observar que as fórmas novas, como as que acabamos de notar em portuguez, se distinguem fundamentalmente pelo seu principio das fórmas antigas : nestas ha combinação das raizes ou themas, naquellas juxtaposição de palavras que nem sempre chegam a subordinar-se a um só accento, como se dá nos adverbios portuguezes em *mente*, constituidos por um adjectivo feminino, que conserva o seu accento independente, e a palavra *mente*, que do sentido de *intenção* veio nessas ligações a ter o de *modo*, *maneira*.

IV. Alterações syntacticas

1) As alterações na syntaxe d'uma lingua dependem primeiro que tudo das alterações morphicas ; por exemplo, a perda de casos traz comsigo necessaria-



mente a perda de processos syntacticos correspondentes, a introdução ou generalisação d'outros que os substituam; as modificações que padecem as fórmulas grammaticaes na sua função, isto é, a sua adopção para exprimirem relações diversas das que exprimiam primeiramente, ou o desuso d'ellas para a expressão de relações que até certo momento exprimiam, produzem um resultado analogo ao primeiro.

2) Assim como uma palavra faz muitas vezes desaparecer outra synonyma, assim um processo syntactico faz muitas vezes desaparecer outro processo equivalente: por exemplo o verbo *começar*, que se construe hoje com um infinito fazendo preceder este geralmente da preposição *a*, e muito raramente da preposição *de*, mas nunca, a não ser por affectação de seiscentismo, sem preposição, encontra-se nos escriptores do seculo xvi construido por esses tres processos:

1. *Começar* com infinito sem preposição: «Começavam dar testemunho do muito que depois fizeram.» Moraes. *Palmeirim*, cap. 11. «Começou dizer antre si.» *Ibidem*, cap. 25. «Comece ser sentida.» A. Ferreira, *Odes*, I, 1.

2. *Começar* com *de*, seguido de infinito: «Começou de lhe perguntar.» Barros, *Clarimundo*, II, 1. «Começou de bradar.» G. Vic., *Barca do Purgatorio*.

3. *Começar a*: «Começou a dizer hum marinheiro.» Barros, *Clarimundo*, II, 3. «... Alto começar A travar dos vestidos, e cabecear.» G. Vic., *Dialogo sobre a Resurreição*.

3) Succede muitas vezes que um processo syntactico que exprimia duas ou mais relações differentes deixa de ser empregado para a expressão d'algumas d'essas relações, afim de evitar a ambiguidade. É um facto comparavel ao de perda de significações nas palavras. Por exemplo, o gerundio d'um verbo precedi-



do da preposição *em* equivalia no portuguez antigo a *logo que*, seguido do verbo no futuro do conjunctivo, e exprimia tambem a mesma relação que o simples gerundio, como por exemplo na passagem seguinte: «*Em sendo* abadessa ouue huum filho.» *L. Linh.* III, p. 195; hoje porém só é empregado com preposição para exprimir a primeira relação, e só por affectação de archaismo o será para exprimir a segunda.

4) A analogia tem tambem grande influencia na syntaxe. Eis um exemplo interessante. Na construcção *amar muito a alguém*, *muito* pode ser grammaticalmente o regimen directo (objecto), *a alguém* o regimen indirecto, como prova o conhecido exemplo *pelo muito que amava a seu filho*, no qual *que* pronome relativo é o objecto grammatical, representando *muito* como nome. Essa construcção resulta da influencia da analogia do verbo *querer*. Diz-se *querer bem*, *querer mal a alguém*, *querer muito bem*, *querer muito mal a alguém* e ellipticamente *querer muito* (= *querer muito bem*) *a alguém*. Assim *querer* e *muito* fixou-se no sentido de *amar* e ficou com a construcção determinada pelo character objectivo (grammatical) de *muito*; d'ahi por analogia *amar muito* com a mesma construcção.

Influencia semelhante se nota na expressão frequente, mas viciosa, *de ha muito* por *ha muito*. *Ha muito* fixa-se como a indicação d'um tempo passado; *ha* não é apercebido como verbo, mas antes como preposição (*á*); d'ahi o antepôr-se-lhe a preposição *de* por analogia de expressões como *de então* (para cá, até hoje), *de hontem*, *de muito*.



SECÇÃO II

O LATIM E AS LINGUAS ROMANICAS

(PARTICULARMENTE O PORTUGUEZ)

1. Extensão do dominio do latim em Italia

No começo o latim era apenas a lingua de um dos numerosos povos italicos, o idioma do Lacio (*Latium*, d'onde *latinus*, que é do Lacio), região abrangendo apenas uma superficie de 272 kilometros quadrados, limitada ao norte pelo Tibre, ao oriente pelas montanhas da Sabinia, ao sudoeste pelos picos dos Volscos e ao oeste pelo mar.

Quando os romanos começaram a conquista da Italia fallava-se celtico na Gallia cisalpina, etrusco na Etruria, e diversos dialectos estreitamente aparentados com o latim na Umbria, Sabinia, Campania, Samnium e Lucania; havia além d'isso importantes colonias gregas em Cumas, Sicilia, etc., onde se fallava o grego. Na região sudoeste da Italia superior habitavam os ligures, sobre cuja lingua propria reina muita obscuridade, porque nenhum monumento nos resta d'ella e alguns vestigios, consistindo principalmente em nomes proprios de logar, pela interpretação dos quaes se quiz

*



vêr no ligur uma lingua aparentada de perto com o celtico, podem ser de proveniencia celtica ou explicados d'outro modo. Os venetos, que occupavam a região do nordeste da Italia superior, eram um povo illyrico, que fallavam uma lingua differente da dos celtas. Na extremidade sueste da peninsula italica, na Apulia e na Calabria, teem-se achado vestigios da lingua dos japygios ou messapios; essa lingua pertence tambem ao grupo indo-europeu.

Os dialectos antigos da peninsula italica, estreitamente aparentados com o latim, formam com este o grupo italico (vid. pag. 46). Temos monumentos d'alguns d'elles, que são o sabellico, o umbro, o volsco, o falisco e o osco.

Sabellico. Os mais antigos monumentos d'este dialecto, e ao mesmo tempo das linguas e escripturas italicas, são duas inscrições achadas em Crechio e em Cupra maritima. Pertencem provavelmente á epocha das doze taboas e dos decemviros em Roma, das tres guerras com os vejenses (493-440 A. C.). Os mais recentes monumentos sabellicos foram redigidos entre 325 e 174 A. C.

Umbro. Os monumentos mais consideraveis d'este dialecto do povo italico que antes da invasão etrusca teve maior predominio na peninsula italica são as taboas de bronze achadas em Iguvium (taboas eugubinas). As mais antigas d'essas taboas escriptas em caracteres nacionaes umbricos remontam ao periodo a que pertencem os mais antigos monumentos sabellicos; as mais recentes devem ter sido redigidas na epocha dos Gracchos, entre 133 e 118 A. C.

Volsco. Ha apenas um monumento epigraphico certo d'este dialecto, além d'um par de restos duvidosos; é em caracteres latinos archaicos, que indicam a sua antiguidade e deve ser anterior á conquista de Velletri (Velitra), onde foi achado pelos romanos, con-



quista que se deu 338 A. C. Segundo o testemunho de Festo, o volsco era ainda dialecto vivo no segundo seculo A. C.

Oscos. Os mais antigos monumentos epigraphicos d'este dialecto são attribuidos ao tempo que vae da invasão dos samnitas na Campania á dominação d'esse paiz pelos romanos (421-338 A. C.) Os mais recentes monumentos oscos provêem de Pompeios e foram redigidos pouco antes da destruição d'essa cidade (79 E. C.). A taboa de Bancia (413-418 A. C.) é o mais consideravel resto d'esse dialecto.

Falisco. De todos os dialectos italicos, affins do latim, era o falisco o que menos differia da lingua de Roma. As inscripções faliscas são muito mais antigas que as mais antigas inscripções latinas; os seus caracteres paleographicos são communs em parte ás mais antigas inscripções oscas e sabellicas.

Etrusco. Da lingua particular dos etruscos restam-nos numerosas inscripções que teem dado logar a variadas theorias, em virtude de falta de rigor methodico na investigação. Ora se viu no etrusco uma lingua semitica, ora uma lingua indo-germanica, já de ramo particular, já do ramo italico, aparentado pois de perto com o latim, o umbro, etc.; já um dialecto do ramo eranico, etc. O problema etrusco permanece sem solução.

Latim. Os mais antigos monumentos em lingua latina, cuja epocha de redacção podemos determinar, são as inscripções dos tumulos de Cornelio Scipião Barbato, censor no anno 290 A. C., e de seu filho Lucio Cornelio Scipião, censor no anno 238 A. C. Alguns philologos pensam, porém, que a do tumulo do filho é a mais antiga, tendo sido a original do tumulo do pae raspada e substituida posteriormente por outra ¹.

¹ Na *Historia da litteratura* são mencionados os mais antigos monumentos litterarios propriamente ditos da lingua latina.



1) Com a conquista romana estende-se o dominio da lingua latina para fóra do Lació. A guerra social, ultimo esforço dos povos umbro-sabellicos para fundarem uma tardia unidade, uma republica modelada pela de Roma, é a data, não diremos da morte, mas sim do começo da agonia dos dialectos particulares d'esses povos; desde então elles não foram mais empregados como linguas escriptas. Como lingua fallada deviam ainda subsistir durante um periodo cuja duração não foi muito provavelmente consideravel, mas só como linguas populares, como linguas de alguns pontos onde a assimilação romana não foi tão rapida ou tão intensa no começo, até que pouco e pouco, reduzidos a linguas d'um cantão, d'uma familia e por fim d'um só individuo cederam inteiramente o logar ao latim¹.

2) Nas partes meridionaes da peninsula italica, onde as colonias hellenicis tinham implantado a lingua grega, fazendo desaparecer provavelmente o messapio e outros idiomas de pequenas fracções de perdidas nacionalidades, que tiveram assento naquellas partes, aquella lingua só muito lentamente foi perdendo a importancia, cedeu o logar ao latim, depois da conversão da Grecia em provincia romana. Em Reghion e Nápoles, pelo menos conservou-se o grego durante todo o imperio, como prova o testemunho das inscrições nessa lingua, attingindo as provenientes da segunda d'aquellas cidades o seculo vii da E. C.

3) Na epocha da guerra social e das luctas de Mario e Sulla, com a perda definitiva da nacionalidade etrusca, desapareceu a litteratura etrusca e, conquanto a lingua d'esse povo, sem affinidade demonstrada com o latim, offerecesse maior resistencia á implanta-

¹ O cornico, o dialecto céltico de Cornualha, na Inglaterra, era fallado no seculo passado por uma só familia, e por fim por uma só velha. Similhanes factos dão-se com todas as linguas que desaparecem.



ção d'este que os outros dialectos italicos, essa lingua desapareceu tambem, sem que possamos indicar a data da sua completa ruina. O sul da Etruria latinizou-se mais rapidamente que o norte, já pela maior proximidade de Roma, já porque nessa parte havia um elemento umbro bastante forte, que, quando os etruscos repelliram os umbros da região do Pó na direcção de sueste, não poudo refugiar-se nâs montanhas.

4) Na Gallia Cisalpina o parentesco do gallo, dialecto celtico, com o latim, facilitava tambem a implantação da lingua dos conquistadores. Virgilio e Livio (Tito), nm dos maiores poetas e um dos maiores historiadores de Roma, eram celtas da Cisalpina.

2. Antigos povos e linguas da península iberica

Antes dos Romanos começarem a conquista da Hispania ou península iberica, tinham-se aqui succedido, sobreposto, juxtaposto, fundido camadas de povos de origens muito distinctas.

Os estudos prehistoricos provam-nos que a península foi habitada nas edades em que o homem desconhecia ainda na Europa o uso dos metaes. As relações ethnicas dos povos prehistoricos d'estas regiões com os povos de que mais tarde temos noticias pelos monumentos historicos são ainda incertas.

Uma passagem do polygrapho romano Varrão, que viveu no primeiro seculo antes da nossa era, indica como habitadores da península os iberos, os persas, os phenicios, os celtas e os carthaginezes.

Iberos. Iberi, Iberia. Esses nomes foram no começo apenas simplesmente denominações geographicas dos habitantes e da região do rio *Iber* (o Ebro); depois a denominação de *Iberia* estendeu-se á península inteira e a de *Iberi* aos habitantes de toda a *Hispania*; mas esse termo foi empregado principalmente pelos



escriptores gregos e latinos para designar os habitantes da Hispania em que elles não reconheciam nem celtas, nem phenicios, nem carthaginezes ou outro povo historico. Mas d'ahi nã, pôde concluir-se que os *Iberi* tomados neste sentido fossem um povo unico, nem que fossem realmente distinctos todos os ramos dos *Iberi* dos celtas ou de outro povo conhecido fóra da nossa península.

Bascos e iberos. Na França e na Hispanha, na região Pyrenaica, no primeiro paiz no Labourd, Baixa-Navarra e Soule (antigas divisões), no segundo no senhorio de Viscaya, na provincia de Guizposcoa, em parte da provincia de Alava e do reino de Navarra, falla-se ainda hoje uma lingua que tem o nome geral de basco, vasconço ou biscainho, a que os próprios que a fallam chamam *euskara*, e que comprehende tres grupos de dialectos (ao todo oito dialectos). Todas as tentativas até hoje feitas para classificar essa lingua genealogicamente carecem de base.

Do seculo x ao seculo xv os unicos vestigios certos do basco são alguns nomes espalhados em documentos em latim ou castelhano e uma lista de 18 palavras colhidas por um peregrino francez do seculo xii, quando se dirigia para Santiago de Compostella e conservadas numa obra d'esse peregrino, descoberta em 1881 na cathedral d'aquella cidade da Galliza. Do seculo xv temos uma canção franceza com um estribilho basco; a partir do seculo xvi apparecem-nos já extensos monumentos d'esta lingua, dos quaes o mais importante é uma traducção do Novo Testamento publicada em 1571.

Os bascos são considerados por diversos escriptores como representantes dos iberos, que olham como um povo particular, distincto dos celtas, e a sua lingua como representando a lingua dos habitantes da Hispania anteriores ás invasões dos povos indo-euro-



pens. A lingua euskara ter-se-hia extendido por toda ou quasi toda a peninsula. Comquanto não possa deixar de considerar-se o basco como o representante de uma antiga lingua iberica, não está demonstrado scientificamente que o seu dominio antigo fosse tão extenso como se tem pretendido. Todavia, pela combinação de varios dados, é difficil de admittir a opinião d'outros escriptores que pensam que desde alta antiguidade, até desde o começo, o basco occupasse apenas uma região geographica limitada, correspondendo de perto á actual.

Celtas. Damos o nome de celtas ao povo ou povos que fallavam dialectos do ramo a que pertencem a antiga lingua das Gallias, de que temos vestigios em cerca de trinta inscrições e numerosos nomes proprios de logar, de divindades e de pessoas, e os dialectos modernos fallados na Irlanda, Escocia, paiz de Galles e Baixa-Bretanha, que mencionamos no grupo indoeuropeu, ramo celtico (pag. 46). Abstrahimos aqui da questão se esses povos, fallando linguas celticas, tinham a mesma origem, o mesmo typo physico, os mesmos costumes; é a questão da lingua que nos occupa. Ora o estudo dos nomes antigos de logar, de rios, de montes da peninsula iberica, os nomes de pessoas e de divindades que nos conservaram os escriptores gregos e latinos e as inscrições latinas, estudados comparativamente, permitem affirmar que o dominio dos povos fallando dialectos celticos na peninsula foi mais extenso do que alguns ethnologos teem pretendido e do que as noticias expressas dos antigos geographos fazem suppôr. Segundo essas noticias, que todavia não concordam em muitos pontos, havia na Hispania tres grupos ou melhor quatro grupos celticos; os celtiberos, considerados por alguns como um mixto de celtas e de iberos, os berones, vizinhos d'esses, os *celtici* da mesopotamia formada pelo Ana (Guadiana) e o Tagus, e os celtas ou *celtici* na re-



gião noroeste da península, onde o promontório Nerium Celticum lhes devia o seu nome, e que segundo Estrabão eram aparentados com os *celtici* do Ana. A insuficiência e pouca crítica das notícias ethnographicas dos antigos tornam necessario recorrer a numerosos dados combinatorios para resolver com segurança o problema da extensão dos celtas na península. Já Guilherme de Humboldt, H. Kiepert e Jorge Phillips examinaram, para esse fim, ainda que de modo incompleto, a toponymia, a qual prova que os celtas se achavam muito espalhados fóra dos tres centros indicados.

Restringindo-nos aqui á Lusitania (provincia romana) e á Callaecia, vemos dispersos por todas ellas, isto é, por toda a larga faxa occidental da península, numerosos elementos onomatologicos celticos, mais ou menos evidentes: assim é muito provavel a celticidade dos nomes dos rios *Ana* (Gnadiana), *Vacua* (Vouga), *Durius* (Douro), *Minus* (Minho); dos nomes do monte *Erminius* (*Herminius*, de *er* particula reforçativa celtica, e raiz *min*, que se encontra tambem em lat. *emineo*, *promineo*, etc.), *Vindius* (raiz *vind*, ser branco), dos nomes dos chefes lusitanicos *Viriatius* (adornado com a *viria*, bracelete celtico; compare-se o nome latino *Torquatus*), *Tautamus* (talvez de *tauta*, cidade, povo; comp. os nomes latinos *Civilis*, *Publius*, etc.); dos nomes das divindades *Bormanicus* (o que faz borbotar, ferver; *Bormanicus* era o deus tutelar das caldas de Vizella), *Tameo-brigus* (divindade tutelar do rio Tamega), etc. São frequentes na Lusitania e na Callaecia os nomes de logar compostos com *briga*: *Abobriga*, *Adobriga*, *Caetobriga*, *Conembriga*, *Jerabriga*, *Lacobriga*, *Langobriga*, *Merobriga*, *Mundobriga*, *Nemetobriga*, *Talabriga*, *Tongobriga*, *Tuntobriga*, *Volobriga*. Ora *briga* é um elemento que nos apparece na toponymia das Gallias e d'outros paizes



celticos e que se reflecte nos dialectos celticos modernos: ant. irlandez *brigh*, kymrico *bre* por *breg*, e significa collina, monte. De *briga* derivam *Brigantes* e *Brigantium*, nome de logar que encontramos na Callaecia, na Gallia e na Raetia. *Caledunum*, na Callaecia, é um nome composto de *cale* e *dunum*, elemento que nos apparece em muitos nomes de logares por toda a parte onde os antigos nos indicam existirem celtas; assim na Gallia: *Uxellodunum*, *Noviodunum*, *Virodunum*, *Caesarodunum*. Esse elemento explica-se pelo irlandez *dūn*, arx, castrum, e o kymrico *din*, castellum, oppidum. A cidade *Nemetobriga*, e o povo *Nemetati* da Galliza apresentam-nos, uma o thema celtico *nemeto*, outro um derivado do mesmo, que é conhecido no onomastico celtico da Gallia etc.; cp. por exemplo, *Vernemetum*, *Tasinemetum*, *Augustonemetum*, *Nemetocenna*, *Nemetomarus*. Ora *nemetum* significava, como nos diz Venancio Fortunato, *fanum*, e o irlandez *nemed*, *sacellum*, confirma-nos a asseveração do antigo poeta. O proprio nome de *Callaecia* é um derivado de *callaicus*, que a seu turno deriva talvez de *callio*- ou *callaio*-, thema celtico significando bosque, floresta (ant. irlandez *caill*, silva). Limitamo-nos aqui a esses exemplos. Sem duvida os celtas da peninsula assimilaram a si os povos que encontraram aqui estabelecidos e pelas diversas misturas se diferenciaram. A extensão dos dialectos celticos na peninsula contribuiu fortemente para facilitar a implantação do latim, porque as linguas celticas nas suas antigas phases apresentavam numerosas particularidades grammaticaes que, dentro do grupo indo-europeu, as aproximavam notavelmente do latim.

Persas. Não pôde determinar-se o que fossem os persas mencionados na lista de Varrão. O poeta Silio Italico falla nos *sarmaticos muros* de Uxama, cidade antiga da Hispania, cujo nome parece celtico (de *uxos*,



elevado). Diefenbach pensa que esses persas da Hispania eram os sarmatas, edificadores de Uxama. Os sarmatas eram, pelo menos em parte, de origem erânica. Mas essa questão dos persas de Hispania é muito obscura.

Phenicios. Pela lingua, pelo menos, os phenicios pertenciam ao grupo semitico. Segundo Strabão, teriam elles occupado a melhor parte da Hispania já em tempos anteriores a Homero, o que designa d'um modo vago uma alta antiguidade. Admitte-se que os seus estabelecimentos nas costas do Mediterraneo datam do anno 2000 antes da nossa era, do tempo em que os Hyksos dominavam o Egypto. As colonias hispanicas dos phenicios, de que a mais antiga parece ter sido Gades, foram numerosas e importantes; pelo que a lingua phenicia, dialecto semitico, como já dissemos, e muito proximo do hebreu, foi sem duvida fallada por um numero bastante elevado de colonisadores da Hispania antes do dominio Romano, na zona meridional maritima e numa extensão assaz consideravel das costas do Atlantico. O semitologo Gesenius attribue origem phenicia aos nomes de logar da Hispania *Abdera, Barbesula, Barcia, Belon, Calpe, Carteia, Castulo, Certima, Cissa, Gades, Iippo* (que vê tambem nos nomes aparentemente compostos *Baesippo, Olisippo, Irippe, Ostippo, Acinippo*, etc.), *Hispalis, Malaca, Sex, Suel*. O punico, lingua dos carthaginezes, era um dialecto phenicio.

Gregos. Um outro povo, cujas colonias hispanicas tiveram muita importancia, foi o grego. Os chronologos vacillam entre 700 e 900 annos antes da E. C. na determinação da epocha em que os phoceos, os descobridores gregos da Iberia, fizeram a sua viagem de exploração (Herodoto, liv. i, 163). As colonias gregas da Hispania, Rhoda, Sagunto, Emporias, etc., eram todas de fundação posterior á epocha d'aquelle desco-



brimento. O commercio dos gregos com a Hispania esteve interrompido desde a viagem dos phoceos até a dos samios (Herodoto, liv. iv, 152), que os chronologos dão como feita no anno 640 antes da E. C.

Os colonos gregos foram representantes na peninsula da adiantada civilisação do seu paiz. D'elles, na opinião do historiador Mommsen, receberam os povos ibericos o alphabeto phenicio modificado, e não directamente dos phenicios. O grego pertence, como vimos, ao grupo indo-europen; as suas fórmulas grammaticaes e o lexico offerecem muitas analogias particulares com o latim, que facilmente se implantaria pois nas colonias hellenicis da Hispania.

Elementos lybicos. A presença na Hispania, principalmente na região littoral do sul, antiga de elementos de população libyca ou berbere é mais que provavel. Nas colonias phenicias deviam encontrar-se necessariamente esses elementos, e diversos documentos permitem reconhecer a sua passagem em periodos posteriores ao das colonias phenicias.

3. Romanisação da peninsula iberica

Recordemos succintamente os factos que determinaram a romanisação da peninsula hispanica.

Depois da guerra dos mercenarios Carthago enviou para a Hispania Hamilcar com o seu exercito (238 antes da E. C.). A conquista da peninsula, em que o general carthaginez empregára todos os recursos da violencia e da politica, ia já adiantada quando elle foi morto numa batalha contra os lusitanos (229). Seguiram-se-lhe successivamente no commando Hasdrubal, seu genro, morto por um escravo gallo, e Hannibal, seu filho. Em 219 a familia dos Barcas era senhora de toda a Hispania para áquem do Ebro, onde um tractado com os romanos tinha feito parar Hasdru-



bal. Os odios que tinha suscitado a primeira guerra púnica foram de novo incendiados por Hannibal com a tomada de Sagunto, cidade em que havia uma população mixta de gregos e romanos. D'esta declaração de guerra, confirmada deante dos deputados romanos, resultou a passagem de tropas romanas para a península. Duas legiões commandadas por Cneu Scipião punham os pés na Hispania no momento em que Hannibal, depois de ter completado aqui a obra da conquista matando grande numero de vacceos e carpitanos e derrotando os olcades junto de Toledo, entrava em Italia (218). A principio ganhou Cneu Cornelio Scipião grandes vantagens sobre as tropas que Hannibal deixára na península, e quando seu irmão Publio se lhe veio juntar, as coisas corriam-lhe prosperamente e assim seguiram até ao anno 212. Mas, com a vinda de Hasdrubal, que na Africa tinha vencido o principe numida Syphax, a posição dos Scipiões tornou-se insustentavel: separaram-se, julgando vencer assim as difficuldades, mas perderam-se. C. Claudio Nero foi immediatamente mandado pelo governo romano com um exercito de 12000 homens de pé e 1000 de cavallo e no anno seguinte (210) passou para Hispania com forças quasi eguaes a essas P. Cornelio Scipião. Da epocha da sua passagem póde datar-se o estabelecimento do dominio romano na península, dominio que abalado pelas luctas de alguns povos ibericos principalmente dos lusitanos, insurreccionados em 153 por um emissario de Carthago, e mais fortemente pela guerra de Sertorio (82-71), ficou inteiramente assente e em paz até á invasão dos barbaros.

A politica dos romanos levava-os a assimilar pouco e pouco á sua civilisação os povos barbaros subjogados. Una das condições principaes para se realisar a assimilação era que os povos conquistados falassem a lingua dos vencedores. Os romanos não



aprendiam, salvo alguma rara excepção, as linguas dos povos barbaros, pelas quaes tinham o maior desprezo; os barbaros subjugados, que se viam na necessidade de se entenderem com os soldados, com os colonos, com os magistrados romanos, eram pois forçados a aprender a lingua latina. Mas os romanos não os coagiam directamente a essa aprendizagem, como não faziam guerra ás suas linguas particulares. Com fina politica esperavam até que os povos subjugados lhes pedissem a permissão d'usar do latim nos seus documentos publicos. Tito Livio diz-nos que no tempo da guerra de Persen essa auctorisação fôra concedida a Cumas: «Cumanis eo anno petentibus permissum ut publice loquerentur, et praeconibus latine vendendi jus esset.» (Liv. XL, cap. 42). Den-se com esta lingua na Hispania, como nas Gallias, e nos outros paizes que se incorporaram ao imperio romano, um facto da mesma natureza do que se deu modernamente com o portuguez, o hispanhol, o italiano, o francez, o inglez, etc., nas colonias e conquistas dos europeus na Africa, Asia e America, onde os povos indigenas são forçados a aprender essas linguas; e o modo por que os barbaros, aprenderam o latim foi muito provavelmente o mesmo por que essas linguas modernas tem sido aprendidas fôra da Europa.

Na primeira phase da aquisição o latim foi talvez extremamente simplificado nas fórmulas; só as palavras mais essenciaes foram aprendidas e a pronuncia experimentou modificações mais ou menos consideraveis.

Modernamente, o portuguez por exemplo, experimenta as seguintes modificações na boca dos indigenas da Africa: as fórmulas verbaes reduzem-se ao infinito e ou a algumas outras de uso mais frequente, sendo os diversos tempos expressos por palavras auxiliares; as distincções de masculino e feminino, singular e plural desaparecem. Mas como o dominio romano



duron muito, como a cultura litteraria de Roma se estendeu por todo o imperio, a maior parte das riquezas grammaticaes do latim foram conhecidas do povo em todo o imperio do occidente, salvo nalgumas regiões onde as linguas anteriores persistiram.

A marcha da romanisação, da latinisação dos povos submettidos não caminhou por toda a parte por igual: na peninsula hispanica podem assignalar-se differenças consideraveis. Estrabão, que nasceu cerca do anno 50 antes da E. C. e morreu em o anno 14 d'esta era, enquanto nos descreveu como estando em grande estado de atrazo alguns povos das regiões montanhosas da peninsula, diz-nos que os turdetanos se tinham convertido inteiramente ao modo de viver dos romanos, tendo até renunciado ao seu idioma nacional.

Diversas passagens dos escriptores antigos parecem testemunhar pela persistencia das linguas pre-latinas da Hispania.

Cicero, *De divinatione*, II, 64: «Similes enim sunt dei, si ea nobis obiciunt, quorum neque scientiam neque explanatorem habeamus, tanquam si Poeni aut Hispani in senatu nostro sine interprete loquerentur.» Estrabão, lib. III, falla de differenças de linguas entre os povos ibericos. Plinio, *Hist. nat.*, III, 4, menciona a lingua dos celticos e celtiberos. Silio Italico, referindo-se apparentemente ao tempo de Hannibal, mas muito provavelmente tambem ao seu, menciona a lingua dos Callaicos:

*Callaeciae pubem,
Barbara nunc patriis ululantem carmina linguis.*

Nenhuma passagem posterior a Silio Italico, que florescen na segunda metade do I seculo da E. C., nos indica a existencia d'uma lingua peninsular differente do latim, até á queda do imperio.



A litteratura romana teve como cultores muitos filhos da Hispania. Já Horacio chamava douto ao Ibero :

*...me peritus
Discet Iber...*

Odes II, 20.

Quando Lucano e Marcial, naturaes da Hispania, escreviam, nenhuma outra parte do imperio lhes oppunha talento egual. Os dois Senecas, Columella, o agronomo, Porcio Latro, o professor de Ovidio e de Augusto, C. Julio Hygino, colleccionador e director da bibliotheca palatina, Quintiliano, o grande mestre da rhetorica latina, Pomponio Mela, o geographo, eram hispanos. O grande numero de inscrições latinas achadas por assim dizer em todos os pontos da peninsula, em logares até onde hoje não ha habitantes, inscrições cuja linguagem é geralmente correcta, provam com evidencia até que ponto o latim fôra divulgado para áquem dos Pyreneus. Comprehende-se esse facto quando se sabe que até junto das minas havia escolas, como prova a celebre taboa de bronze d'Aljustrel, unico monumento que nos resta da legislação mineira dos romanos, e na qual se menciona o mestre-escola (*ludi magister*).

Uma parte da Hispania, correspondente talvez aproximadamente ao dominio do basco, pelo menos ao seu dominio medieval, resistiu á romanisação completa, conservando a sua antiga lingua.

4. O latim vulgar e o latim litterario

O latim popular da Hispania não podia deixar de divergir, como por todas as outras partes do imperio, do latim litterario. Aos ouvidos mesmo dos puros latinistas não escapavam os provincianismos dos homens



ainda instruídos da Hispania, como nos testemunha, por exemplo, a seguinte passagem de Cicero pro Archia x, 26: «Q. Metello Pio... qui praesertim usque eo de suis rebus scribi cuperet, ut etiam Cordubae natis poetis, pingue quiddam sonantibus atque peregrinum, tamen aures suas dederet.»

Não temos nenhum monumento do latim vulgar; mas pelas numerosas indicações dos antigos escriptores, pelo estudo de grande numero de certas fórmulas ministradas pelas inscrições e os manuscriptos romanos, as quaes devem ser consideradas como populares ou manifestando uma influencia popular, pela combinação de varios dados da historia das linguas, podemos fazer uma idea assaz exacta das relações em que se achava a lingua popular para com a lingua litteraria. É mister em tudo o que diz respeito ao latim vulgar distinguir cuidadosamente as epochas e os logares: tal opinião verdadeira ou proxima da verdade com relação a uma epocha ou um logar pôde ser falsa com relação a outros. Assim negou-se que o latim vulgar tivesse casos, e pretendeu-se que em geral se tinham dado nelle já as modificações que se observam nas linguas portugueza, hispanhola, provençal, franceza e italiana, quando as comparamos com o latim litterario. Essa opinião é extremamente erronea.

Os escriptores latinos não tinham inventado os casos da declinação da sua lingua, nem a voz passiva, nem os tempos dos verbos latinos que faltam nas linguas que hoje representam o idioma do Lacio; elles tinham achado todas essas riquezas grammaticas na lingua popular, que as possuia em grande parte em commum com os outros dialectos italicos, o osco e o umbro; os casos não eram mais do que a herança commum indo-europea, mais bem representada pelos oito casos distinctos do sanskritto que pela declinação,



já em decadencia, do grego e do latim¹. Mas já no periodo a que remontam os mais antigos monumentos latinos o latim tinha passado por consideraveis transformações e nesse periodo havia no emprego de certas fórmãs grammaticaes grandes oscillações, que continuaram mais ou menos nos periodos seguintes, na linguagem popular, principalmente das provincias que pouco e pouco se foram encorporando no dominio de Roma. Assim, nos ultimos tempos do imperio, o *m* e o *s* linaes, que representam um papel importante na declinação, eram pronunciados em geral muito obscuramente e ainda supprimidos; o *i* final breve confundia-se com *e*; muitos diphthongos tinham-se fundido num só som; d'ahi resultava uma grande confusão de fórmãs na declinação, como pôde vêr-se do seguinte exemplo:

SINGULAR

<i>nom.</i>	rosa	<i>lat. pop.</i>	rosa
<i>acc.</i>	rosam		rosa
<i>voc.</i>	rosa		rosa
<i>abl.</i>	rosa		rosa
<i>gen.</i>	rosae		rose
<i>dat.</i>	rosae		rose

PLURAL

<i>nom.</i>	rosae		rose
<i>voc.</i>	rosae		rose
<i>dat. abl.</i>	rosis		rosi, rose
<i>acc.</i>	rosas		rosas (rosa)
<i>gen.</i>	rosarum		rosaro

1 Varrão (nascido em 416 A. C.), *De lingua latina*, viii, 6, diz que, apenas algumas palavras novas se introduziam na lingua, toda a gente as declinava logo sem difficuldade: *itaque novis nominibus allatis in consuetudinem, sine dubitatione eorum declinatus statim omnis dicit populus*; o que os escravos comprados de novo para uma casa onde tinham numerosos companheiros, mal conheciam o caso recto do nome d'estes, o faziam passar por todos os casos obliquos: *etiam novicii servi empti in magna familia cito omnium conservorum nominis recto casu accepto in reliquis obliquos declinant*.



Essa confusão chamava o emprego frequente de preposições, a substituição d'uns casos por outros, em certas condições, etc. Havia naturalmente já diferenças segundo as provincias, mas sem constituirem ainda dialectos definidos. É mister sobretudo, como dissemos, distinguir as epochas em tudo o que respeita ao latim vulgar.

A existencia d'uma lingua litteraria, fixada pelos grandes escriptores do periodo classico da litteratura latina (epochas de Cicero e de Augusto), a cujos canones os escriptores posteriores em geral tentavam conformar-se, pelo menos no que respeita ás fórmulas das palavras, o desenvolvimento dos estudos grammaticaes que indicavam e condemnavam as alterações que se introduziam na lingua, impunham um obstaculo a que as tendencias transformadoras existentes no latim vulgar chegassem a um pleno desenvolvimento. As numerosas inscrições do imperio, além da litteratura, mostram-nos que havia nelle um muito consideravel numero de individuos que conheciam a lingua litteraria, comquanto nellas, como já notámos, se revelem tambem as tendencias do latim vulgar.

Nas inscrições romanas da Hispania, reunidas na maior parte pelo epigraphista allemão Emilio Hübner, ha muitas d'essas irregularidades de forma ou de construcção, que se devem attribuir á influencia do fallar popular; mas essas irregularidades não provam a existencia de um dialecto especial hispanico: são identicas ás que se encontram nas outras partes do imperio. Sem duvida o latim vulgar não era perfeitamente o mesmo por toda a parte; podemos apreciar muitas diferenças que já nelle se deviam dar segundo as regiões; mas devemos admittir que nas suas tendencias geraes era quasi uniforme: as linguas saídas do seio d'elle o confirmam.



5. A invasão dos barbaros e a decadencia da cultura romana

Tres causas principaes, produzindo a decadencia da cultura romana e da litteratura latina em particular, promoveram a rapida alteração do latim a partir da epocha de Constantino Magno: 1) a decadencia completa da nobreza romana, que fôra o principal sustentaculo da litteratura e da alta cultura; 2) a victoria do christianismo, cujos doutores condemnavam e desprezavam geralmente a leitura dos classicos pagãos; 3) a invasão dos barbaros.

4120 Pelos annos de 409 os vandalos e os suevos, povos germanicos, e os alanos, povo de origem erânica¹, precipitaram-se atravez dos Pyreneus na peninsula hispanica. Depois de varias luctas, dividiram entre si o paiz, em que havia uma população profundamente decaida: aos alanos coube a Lusitania e a Carthaginense, aos vandalos e suevos a Callaecia e a região hoje denominada Castella-a-Velha, aos silingos, ramo dos vandalos, a parte da Betica a que se chama Andaluza.

O dominio d'esses povos na peninsula foi de pouca duração: as guerras reciprocas e as luctas com os visigodos, que pouco depois atravessaram os Pyreneus, obrigaram os vandalos a passar para a Africa, e destruíram quasi inteiramente os alanos, cujos restos se uniram aos suevos. Estes adquiriram poder na Betica e na Lusitania, mas enfraquecidos pela guerra incessante, já com os ultimos restos das tropas romanas conservadas na Hispania, já com os visogodos, pouca

¹ Os alanos vieram da vertente septentrional do Cáucaso, onde habitavam desde alta antiguidade; o primeiro nome com que apparecem na historia (om Herodoto) é o do *budinos*. O grande ethnographo Zeuss considera-os como formando parte da raça dos scythas nomades, aparentados aos medo-persas.



duração teve a sua independencia: o seu ultimo rei Audica caiu nas mãos dos visigodos em 585.

Os visigodos ou godos do occidente, para os distinguir dos ostro — ou ostogodos, godos do oriente, eram um dos principaes e o menos rude dos ramos dos povos germanicos.

No tempo de Valerio e Gallieno tinham feito uma exploração á Galacia e Cappadocia, d'onde tinham trazido escravos christãos, que foram os primeiros que lhes fizeram conhecer o christianismo. O bispo Vulfilas traduziu para elles do grego em gotico o Antigo e o Novo Testamento. J. Grimm pensa que os visigodos e ostogodos fallavam o mesmo dialecto, com pouca differença.

X Chegados á Hispania os visigodos foram acolhidos como amigos e auxiliares contra os invasores anteriores e o seu dominio estabeleceu-se sem difficuldade da parte da população romana. Em 476 Odoacro era rei de Roma e a dynastia visigotica foi depressa reconhecida por elle.

A invasão barbara teve como consequencias immediatas, entre outras, a ruina da nobreza romana, a suppressão da maior parte das escolas, o desaparecimento quasi total da cultura litteraria, a que apenas se applicava um pequeno numero de individuos, geralmente da classe ecclesiastica. Os senhores barbaros em regra não queriam que os filhos fossem instruidos em qualquer sciencia, porque, como diz o historiador Procopio, pensavam que a instrucção nas sciencias tendia a corromper, a enervar e deprimir o espirito; que o que se acostumára a tremer debaixo da vara do pedagogo jámais olharia para uma espada ou lança com olhar destemido.

Os membros da classe ecclesiastica que ainda se dedicavam ás lettras eram, como dissemos, adversos ao estudo da litteratura classica; assim Isidoro de Se-



vilha, o ultimo que na Hispania visigotica tentou escrever latim com correcção, prohibiu aos monges que estavam sob a sua direcção a leitura dos escriptos dos pagãos.

A necessidade que tinham os barbaros de commu-
nicar com as populações conquistadas exigia que uns
adoptassem a lingua dos outros. Nesta conjunctura os
conquistadores adoptaram a lingua do povo subjugado.
As causas d'este phenomeno estão sobretudo 1) em
que a população romana era em maior numero que a
barbara; 2) em que o latim era a lingua da Igreja e
da lei; 3) em que os romanos eram superiores pela
cultura aos barbaros, apesar da decadencia d'essa cul-
tura e se julgavam taes. Esse phenomeno deu-se em
toda a Europa latina. As linguas germanicas tinham a
mesma estrutura fundamental que o latim; mas acha-
vam-se, no momento da conquista, já profundamente
differenciadas d'este; ainda assim era mais facil aos
germanos aprender o latim do que seria a um povo
fallando uma lingua de origem diversa. Em muitas
particularidades grammaticaes, as analogias do gotico,
por exemplo, e do latim eram ainda evidentes. Exem-
plifiquemos com o presente do indicativo do verbo
habere latino e do gotico *haban* :

latim habeo
habes
habet
habemus
habetis
habent

gotico haba
habais
habaith
habam
habaith
haband

É difficil determinar a epocha em que os visigodos
da Hispania tinham abandonado inteiramente a sua
lingua. «Emquanto os visigodos professaram o aria-
nismo, gozou a sua lingua de uma vantagem que fal-
tou ao francico e ao lombardo; era ella usada na vida



ordinaria, mesmo na Igreja. Depois que o rei Recaredo se converteu ao catholicismo (586) e foi concedido direito egual a todos os seus vassallos sem consideração de origem, a fusão dos germanos e romanos, favorecida por elle e por seus successores, realisou-se mais promptamente que em qualquer outra parte¹.»

6. Influencia dos povos romanizados e dos barbaros sobre o latim

Tem-se considerado muitas vezes o portuguez e as outras linguas em que o latim se diferenciou dialectalmente, como uma mistura do latim com as linguas dos povos conquistados pelos romanos e dos povos barbaros; essa opinião na sua fôrma exagerada não é seguida pelos verdadeiros glottologos, mas uma parte d'estes admittem ainda uma influencia directa das linguas d'esses povos e principalmente das linguas dos conquistados pelos romanos sobre o latim. Em rigor esta segunda opinião é identica á primeira, porque se admitte que para o latim passaram das linguas dos povos conquistados *sons, fôrmas grammaticaes, processos syntacticos*, que houve mistura em maior ou menor gráo. A mistura de linguas consiste na fusão de suas particularidades grammaticaes; a simples adopção de palavras completas não constitue mistura.

Não pôde affirmar-se que a grammatica do portuguez, como a das outras linguas romanicas, seja em todos os seus caracteristicos de origem latina. Ha em portuguez, por exemplo, os suffixos *arro, arra* (*boccarra, homenzarr-ão*), *orro, urro* (*cachorro, mazorra, modorra, pachorra, casmurro*), que não são de origem latina e que se encontram tambem no basco, parecendo pois terem uma origem euskara; o suffixo *engo*

¹ Diez, *Grammatik der romanischen Sprachen*, 1^o, 64-65.



(*realengo, requengo, solarengo, mulherengo*), que é de origem germanica; os suffixos *ista, issa (essa)*, que são de origem grega e nos vieram pela corrente do latim ecclesiastico; o suffixo *asco*, que em latim só apparece em *verbascum* e se encontra em alguns nomes antigos e muitos modernos da Italia septentrional e na peninsula iberica já em *Menlascus* e * *Vipascum* e em muitos derivados portuguezes e hispanhoes, mas cuja origem é desconhecida. Em francez o processo de contagem vigesimal (quatre-vingts = 80) é de origem immediata celtica e remota basca. Mas essas particularidades morphologicas, assim como algumas syntacticas, que não tem origem latina, são muito pouco numerosas.

Na morphologia e na syntaxe as linguas romanicas são uma transformação organica do latim sem influencia directa de lingua extranha, salvo nalgumas particularidades secundarias.

Com relação aos sons, a questão é mais complexa. Os systemas phoneticos das linguas dos povos barbaros differiam mais ou menos consideravelmente do latino; é pois não só natural pensar que na boca d'esses povos se alterasse a pronuncia do latim, mas é um facto demonstrado pelo testemunho dos antigos que essa alteração se dava.

Aulus Gellius, vi, 2: Quod nunc autem barbare quem loqui dicimus, id vitium sermonis non barbarum esse, sed rusticum et cum eo vitio loquentes rustice loqui dictitabant.

Hieronymus, *Epistola* lxxvi *ad Laet.*: Sequatur statim latina eruditio, quae si non ab initio os tenerum composuerit, in peregrinum sonum corrumpitur et externis vitiis sermo patrius sordidatur.

Isidorus Hispalensis, *Origines*, xxxi, 1: Appellatur autem barbarismus a barbaris gentibus, dum latinae orationis integritatem nescirent. Unaquaeque enim gens



Romanorum facta cum opibus suis vitia quoque verborum e morum Romam transmisit.

Mas nenhuma modificação profunda foi feita na pronuncia, no primeiro momento: deu-se apenas uma modificação geral sem duvida, uma apropriação dos sons latinos aos órgãos barbaros, mas tão fiel quanto possivel dentro dos limites impostos por habitos tradicionaes diversos de pronuncia. Nenhum som das linguas barbaras foi introduzido violentamente na pronuncia do latim; nenhum som latino foi supprimido violentamente; nenhum som latino trocado por um som muito diverso. Obscurecimento d'uns sons, differenciação a principio pouco sensivel d'outros, tudo submettido a typos geraes de pronuncia, determinado pelos habitos particulares dos diversos povos, eis, cremos, os caracteres phoneticos do latim na boca dos povos romanisados. Essas differenciações porém foram o ponto de partida de todas as alterações posteriores, realisadas independentemente de influencia extranha. Podemos conceber, em verdade, que sem a influencia da pronuncia dos povos extranhos, que o adoptaram, o latim se alterasse; porque conhecemos linguas em que alterações mais ou menos consideraveis se teem dado sem influencia extranha; mas apesar d'isso aquella influencia deve ser considerada como um factor na historia do latim, factor a que porém não deve attribuir-se uma importancia exaggerada.

7. Formação das linguas romanicas

É no periodo que vae da queda do imperio do occidente até ao apparecimento das linguas romanicas como linguas escriptas, que o latim vulgar, já em todas as bocas, porque o latim litterario se tornava inintelligivel fóra do pequeno circulo dos letrados, se differencia profundamente no espaço e no tempo: é



então que as divergencias dialectaes, iniciadas, sem duvida, desde a primeira implantação do latim vulgar nas diversas provincias romanas, se produzem independentemente, segundo regiões, por effeito da scissão do imperio, das differenças entre os povos barbaros nelle estabelecidos e da organização varia dos seus estados. Mas não foi d'um salto que as linguas romanicas chegaram a apresentar as feições com que as vemos nos seus monumentos escriptos: todas as modificações que se operaram foram o resultado de um trabalho lento, de accumulações successivas, comquanto a sua marcha não fosse igual nem em todas as partes, nem em todos os tempos. Ainda depois de chegarem a ser linguas escriptas essas linguas teem continuado a experimentar até hoje alterações successivas. E é mister ter sempre em vista que a differenciação dialectal do latim não foi um simples processo de decomposição como se suppõe muitas vezes, mas que o processo de producção, de creação, embora á custá d'elementos preexistentes, está sempre em actividade (cf. pag. 48).

Os mais antigos monumentos do francez remontam ao seculo ix; são os mais antigos de todas as linguas romanicas.

Os do provençal remontam ao seculo x.

Os do hispanhol (castelhano) e do italiano remontam ao seculo xii.

O valachio ou rumeno é o unico dialecto romanico do imperio do Oriente. Julgou-se durante muito tempo que representava o latim dos colonos romanos enviados para a Dacia no tempo de Trajano; mas julga-se provado que os rumenos são os descendentes dos povos barbaros, parcialmente romanisados, que occupavam as regiões do imperio situadas entre a Grecia e o Danubio. Os rumenos que habitam os paizes correspondentes á antiga Dacia immigraram para lá, ao que



parece, só no seculo xii ou xiii da E. C. Uma fracção de rumenos vive ainda nas montanhas da Macedonia.

Os principios geraes que se observam quando se comparam as linguas romanicas com o latim e se busca dar as leis geraes da sua formação, são os seguintes:

1) A vogal latina accentuada permanece em geral e com o accento, modificando-se apenas na qualidade, dependente da sua quantidade;

2) As vogaes atonas são frequentemente supprimidas; mas essa suppressão está sujeita a condições especiaes;

3) As explosivas surdas *k*, *t*, *p* são substituidas pelas sonantes *g*, *d*, *b* e as sonantes supprimidas; mas este principio está sujeito a mnitas restricções;

4) Um certo numero de consoantes são syncopadas; os dialectos apresentam neste ponto grandes divergencias; a maior parte das consoantes finaes latinas apocopadas;

5) *c* (*k*) e *g* deante de *e* e *i*, que em latim foram pronunciadas até tarde como explosivas, degeneraram em continuas (*tch*, *tz*, *ts*, *z*, *s*; *dj*, *j*, etc.);

6) *ti*, seguido de vogal, foi assibilado (essa assibilação começara já no latim popular do seculo iii da E. C.);

7) a declinação latina foi reduzida a um só caso, com fórmas distinctas para o singular e o plural: o caso normal parece ser o accusativo; mas em francez e provençal antigos conservava-se ainda um declinação de dois casos;

8) nos verbos desapareceu a voz passiva, substituida pelas construcções periphrasticas com o verbo significando *ser*, como em latim se dava já em muitos tempos da passiva;

9) o futuro latino activo desapareceu sendo substituido por nma construcção periphrastica com o presente de *habere*; de que até no latim classico se achava



ram já vestígios, pois Cicero, p. ex., diz: «*quid habes igitur dicere de Gaditano foedere?*» *Balb.*, 14, 33;

10) conservaram-se a maior parte dos suffixos de derivação do latim, sendo supprimidos no emprego popular os que em latim não tinham o accento;

11) desenvolveu-se o emprego do artigo, nascido d'um pronome demonstrativo (*ille, illa*).

A formação do plural dos nomes, as fórmulas do feminino e do masculino, os pronomes, a maior parte das particulas, todas as fórmulas verbaes, os processos de composição e derivação (com excepção de alguns raros suffixos), os processos syntacticos em geral, a parte mais importante do vocabulario das linguas romanicas, teem a sua razão de ser no latim; por outras palavras, as linguas romanicas são phases novas do latim, em que quasi nenhum elemento grammatical é todavia novo.

8. O latim barbaro

No periodo que vae da queda do imperio até ao apparecimento dos primeiros monumentos das linguas romanicas, dos monumentos que nós reconhecemos como escriptos indubitavelmente nessas novas fórmulas de linguagem, nesse periodo continuou-se a escrever apesar da decadencia geral da cultura. Os escriptos que remontam a esses tempos são de duas especies: 1) uns, em geral obras litterarias, conservam em regra as fórmulas do latim classico, empregando assaz correctamente os casos, a voz passiva, etc., com muitos neologismos, muitos desvios na syntaxe com relação ao latim classico, com um estylo de completa decadencia; 2) a segunda especie comprehende em geral documentos de archivos, obra de tabelliães, etc., em que ha as maiores irregularidades no emprego dos casos e de muitas outras fórmulas latinas, uma construcção em



regra profundamente differente da latina, numerosissimos neologismos, etc. É á linguagem d'esses documentos que se dá o nome de *latim barbaro*.

Na França e na Italia ha documentos em latim barbaro que remontam ao v seculo. Na Hispanha e em Portugal os mais antigos d'esses documentos (authenticos) remontam ao seculo ix.

Suppôz-se que o latim barbaro era identico á lingua popular do periodo a que nos referimos. Essa opinião não tinha o minimo fundamento. As linguas romanicas são perfeitamente regulares nos seus mais antigos monumentos; as irregularidades apparentes proveem-lhes da influencia da orthographia latina (do latim barbaro): o seu desenvolvimento manifesta-se como perfeitamente organico. O latim barbaro é inorganico, notavelmente irregular; emfim uma linguagem forjada artificialmente com formulas ministradas por collecções escriptas de proposito com esse fim, com fórmãs da lingua vulgar e fórmãs mal aprendidas do antigo latim; é emfim uma gíria de tabelliães ignorantes em que transparece, mas não se acha reflectida directamente, a lingua popular.

O documento mais antigo em latim barbaro do territorio portuguez, publicado na collecção das *Charta et diplomata* da Academia das Sciencias, pertence ao reinado de Ordonho i (850-866).

« Hordonius rex uobis iusto abba uel fratribus uestris, per huius nostre preceptionis iussione testamus atque concedimus uobis in suburbio de conimbrie uilla que dicunt algazala cum quantum ad prestitum ominis est: uineas, puinares, terras ruptas uel inruptas. Et alios uillares iuxta ribulo mondeco nomine lauredo et sautelo, ipsas supranominatas per suos terminos anticos in omnique circuito per locis suis seu uel cum omnibus prestationibus suis quicquid in se continent, etc.»

A ignorancia profunda dos tabelliães, a que devemos esses documentos, revela-se no modo por que el-



les estropiam completamente as formulas que lhes eram ministradas, já por os formularios, já pelo ensino tradicional dos cartorios. Assim a formula das doações e testamentos em que se exprimia que o doador ou testador obrava sem coacção exterior: *nullius que cogente imperio*, acha-se estropiada ora em *nulus que congentis imperio*, ou *nullus quoquo gentis imperio* em documentos do seculo ix.

Um monumento medieval muito curioso permite-nos conhecer que idea se fazia do modo por que se devia escrever em latim. É um tractado intitulado *Vergilii Cordubensis philosophia*, que se pretende ter sido escripto em arabe por Vergilio, philosopho de Cordova, e traduzido em latim no anno 1290. Esse philosopho teria vivido no começo do seculo x; mas com razão se pensa que nunca existiu e que o tractado foi composto no fim do seculo xii ou começo do xiii. Nelle lê-se: « Qui custodit linguam suam sapiens est. Ille est vituperandus qui loquitur latinum circa romancium, maxime coram laicis, ita quod ipsi nēt intelligunt totum; et ille est laudandus qui semper loquitur latinum obscure, ita quod nullus intelligat eum nisi clericus; et ita debent omnes clerici loqui latinum suum obscure in quantum possunt, et non circa romancium.»

9. Os musulmanos na Hispania

Em 711 o conde bysantino Julião introduziu os musulmanos na Hispania e os triumphos de Tarik e Musa decidiram em breve da sorte do imperio visigotico. O dominio musulmano estabeleceu-se com rapidez e tres annos depois d'aquella data toda a peninsula se tinha submettido aos novos conquistadores até ás montanhas das Asturias e da Biscaya, detraz das quaes Pelagio se refugiára com os ultimos defensores da independencia hispanica.

A mistura das classes populares christãs com a musulmana foi bastante intima em muitas partes; os christãos que adoptavam os costumes arabes eram chamados



mosarabes (tornados arabes). Suppoz-se que sob a conquista musulmana a lingua vulgar, em que o latim se tinha modificado, desapparecesse, sendo conservada apenas pelos refugiados das Asturias, d'onde se teria extendido depois com a reconquista christã sobre toda a peninsula. Essa hypothese não tem fundamento. Sem duvida os arabes, que tinham uma cultura litteraria muito notavel, uma lingua verdadeiramente culta, quando dominaram a peninsula não aprenderam em geral a lingua dos vencidos; estes pois eram obrigados a aprender a d'elles, o que nós demais sabemos directamente por uma passagem do escriptor do seculo ix Alvaro de Cordova.

«Heu, proh dolor! linguam suam nesciunt Christiani, et linguam propriam non advertunt Latini ita ut omni Christi collegio vix inveniatur unus in milleno hominum numero, qui salutatorias fatri possit rationabiliter dirigere litteras. Et reperitur absque numero multiplex turba, qui erudite Chaldaicas verborum explicet pompas.»

É evidente que Alvaro se refere aos instruidos e não ao povo, ao latim litterario, á lingua da Igreja, e não á lingua vulgar, á lingua do povo.

A ignorancia, sempre crescente, do latim e o desprezo em que era tida a lingua popular, o *romancium*, considerada como indigna de ser empregada na escripta, fez adoptar o arabe, a lingua viva dos conquistadores, em muitos documentos christãos. João, bispo de Sevilha, traduziu até a Biblia em arabe, por esta lingua ser em geral mais entendida, segundo se pensa, que o latim de S. Jeronymo. Apesar d'esses e d'outros factos, não póde admittir-se que os dialectos romanicos desapparecessem d'entre a população submettida ao dominio arabe. Os proprios arabes não ignoravam completamente o romano. Uma anecdota, referida em diversos escriptores arabes, mostra que Abderamen iii e seus vizires comprehendiam e empre-



gavam algumas palavras romanicas, que elles tinham aprendido, sem duvida, da população christã que os rodeava. O historiador Ibn-Haiyân refere uma phrase em romanico que fôra pronunciada por Omar-Ibn-Hafçûn.

Como os arabes não buscavam assimilar pela conquista os christãos, permittindo-lhes regerem-se pelas suas leis especiaes e conservarem a sua religião, como entre o arabe e as linguas romanicas havia as profundas differenças que separam dois grupos de linguas irreductivas segundo todas as probabilidades, os christãos em geral continuaram a fallar os seus dialectos vulgares. Não podem explicar-se as differenças que apresentam os dialectos peninsulares estudados nos seus mais antigos vestigios, se não se admite que o latim vulgar se foi alterando sem solução de continuidade em todo o dominio do hespanhol e do portuguez, durante os periodos visigotico e arabe.

O estado dos nomes de logar e das fórmulas dos documentos em latim barbaro prova directamente esse facto.

O arabe não influiu, como tambem se tem pretendido, na pronuncia das linguas peninsulares e especialmente do hespanhol; mas ministrou ao vocabulario d'essas linguas um bastante consideravel numero de palavras, que foram accommodadas á pronuncia de cada uma d'ellas.

10. O portuguez lingua escripta

No estado de perturbação em que as luctas da reconquista lançavam a península, o conhecimento tão enfraquecido das velhas fórmulas latinas e dos formularios que auxiliavam os escribas na redacção dos contractos tornou-se de cada vez mais escasso, de modo que o logar dado á lingua popular vaé sendo de cada



vez maior em grande numero de documentos, ao passo que nos approximamos do seculo xii. Pelo fim d'esse seculo apparecem já documentos em uma lingua que reconhecemos como a que chamamos portugueza, bem caracterisada pelas suas feições especiaes, embora nesses documentos haja ainda um certo numero de fórmulas do latim barbaro, de modos de escrever tradicionaes.

Os mais antigos documentos portuguezes que se acham publicados são uma *noticia particular* sem data, mas que é considerada como remontando ao reinado de D. Sancho I (de Portugal) e uma *noticia de partilhas* datada do mez de março da era mcccxxx (anno 1192).

Extracto do I documento: «noticia de torto que fecerum a Laurencius Fernandiz, por plazo, que fece Goncavo Ramiriz antre suos filios, e Lourenço Fernandiz, quale podedes saber: e ouve aver derdade, e daver tanto quome uno de suos filios, da quanto podese aver de bona de seuo pater, e filios seu e sua mater. E depois fecerum plazo novo. e convem a saher quale: in elle seem taes firmamentos quales podedes saber. Ramiro Goncalviz e Goncalvo Gonca, Elvira Goncalviz, forun fiadores de sua Irmana, que orgase aquele plazo, come illos: super isto plazo arferum suo plecto, e a maior ajuda que illos hic conoecrum que les aconocer-se Laurencio Fernandiz sa irdade per preito, que a tevese o Abate de Santo Martino, que como vencesem octra, que asi les dese de ista o Abade, e que nunqua illos lecxasem daquela irdade, etc.»

A comparação das fórmulas d'esse documento com os que lhe ficam mais proximos em data permite reduzi-lo ás fórmulas populares do tempo.

... noticia de torto que fecerum (ou *fezerom*) a Lourenço Fernandiz, por plazo (ou *prazo*), que fece (ou antes *fez*) Gonçalvo Ramires antre seus filhos, e Lourenço Fernandiz, qual podedes saber: e ovc (houve) aver derdade e daver tanto come un de seus filhos, de quanto podessent aver de boa de seu padre e filios de seu padre e sua madre. E depois fecerum (ou *fezerom*) plazo (ou *prazo*) novo, e convem a saber qual: en elle seem (=lat. *sedent*) taes firmamentos quaes (cp. *taes*) podedes saber. Ramiro Gonçalvis e Gonçalo Gonça, Elvira Gonçalves fo-



rum fiadores de sua irmãa que orgasse (outorgasse) aquele plazo (ou prazo) como elles; sobre este plazo (ou prazo) arferum (ou arfererom: ar=re?) seu pleito, e a maior ajuda que elles aqui conocerum (ou conhocerom) que les (=thes) acanocesse (ou aconhodesse) Lourenço Fernandis sa erdade per preito, que a tevesse o abade de São Martinho, que como vencessem outra, que assi les desse de esta o abade, e que nunca elles leixassem daquella erdade. . . etc.

II documento. In Christi nomine amen. Hec est notitia de partiçon, e de devison, que fazemos entre nos dos erdamentus, e dus Coutus, e das Onrras, e dous Padruadigos das Eygreygas, que forum de nosso padrc, e de nossa madre, en esta mianeira: que Rodrigo Sanches ficar por sa partiçon na quinta do Couto de Viiturio, e na quinta do Padroadigo desse Eygreyga en todolos us herdamentus do Couto, e de fora do Couto: Vasco Sanchiz ficar por sa partiçon na Onrra Dulveira, e no Padroadigo dessa Eygreyga, en todolos herdamentos Dolveira, e en nu casal de Carapezus da Vluar, e en noutro casal en Agiar, que chamam Quintaa: Mem Sanchiz ficar por sa partiçon na Onrra da Carapezus, e nus outros herdamentos, e nas duas partes do Padroadigo dessa Eygreyga, e no Padroadigo da Eygreyga de Treysemil, e na Onrra e no herdamento Darguiffe, e no herdamento de Lavorados, e no Padroadigo dessa Eygreyga; Elvira Sanches ficar por sa partiçon nos herdamentos de Centegaus, e nas tres quartas do Padroadigo dessa Eygreyga, e no herdamento de Treysemil, assi us das sestas, como noutro herdamento. Estas partiçoens e divisoes fazemos antre nos, que vallam por en secula seculorum amen. Facta Karta mense Marcii, Era mcccxxx: Vaasco Suariz testis=Vermuu Ordoniz testis=Meen Fanrripas testis=Gonsalvu Vermuiz testis=Gil Dias testis=Dom Minon, testis=Martim Periz testis=Dom Stephani Suariz testis=Ego Johanes Menendi Presbiter notavit.

A sciencia latina do presbytero que lavrou estas notas reduzia-se ás formulas iniciaes e finaes; nem sequer sabia bem a formula ecclesiastica *per omnia saecula saeculorum*, pois escreveu *en por omnia*. É evidente que a essa ignorancia do latim se deve ter sido escripto em vulgar com uma orthographia hesitante esse documento. Essa hesitação, por exemplo, no emprego duplo de *us* e *os* (artigo), *us* e *os*, terminação de varias palavras; *g* por *j* (Eygreyga=*eigreja*, *g* por *gu* (Agiar=*Aguilar*), mostram que não estava ainda estabelecido ou pelo menos generalisado o uso das letras *g* e *j* para representar a momentanea sonante guttural e a continua palatal, de modo inequivoco. *Antre* ao lado de *entre* encontra-se até ao seculo xvi na litteratura e ainda hoje na boca do povo. *Quintaa* deve ter sobre o primeiro

*



a um til (*Quintãa*); mas o notario não conhecia ainda o uso d'este signal para indicar a vogal nasal; é por isso que escreve *divisões* por *divisões*, *particoens* (orthographia que se conserva até muito tarde) por *partições*. *Vluar* deve ler-se *Ular*; por *vallam* leia-se *valham*; *lh* ainda não estava escolhido para representar o *l* molhado. Ha hesitação em *Treysemil* e *Treyxemil*; a fôrma moderna é *Treixomil* ou *Trouxemil*¹.

Apesar das indecisões na orthographia, apesar da imperfeição da syntaxe, imperfeição que de fôrma alguma caracteriza a lingua de qualquer epocha, porque em todas as epochas se escrevem documentos com uma syntaxe ainda mais irregular, os nossos mais antigos documentos apresentam-nos uma lingua tão determinada nas suas fôrmas, como o portuguez de qualquer epocha posterior. Não é uma lingua barbara, um idioma na infancia, como se costuma dizer: a supposição da sua rudeza vem apenas d'elle não ser exactamente o portuguez que nós fallamos, de apresentar algumas fôrmas archaicas. É, emfim, uma lingua coherente, clara, um instrumento perfeito para a expressão do pensamento, cuja maior plasticidade dependerá apenas da cultura litteraria.

Depois dos dois documentos referidos só começam a apparecer outros em portuguez, segundo João Pedro Ribeiro, do reinado de D. Affonso III e desde o anno de 1255; esses documentos tornam-se muito numerosos no reinado de D. Diniz. Esse rei, porém, não ordenou por lei que o portuguez fosse empregado nos documentos publicos.

A importancia que a lingua vulgar ganhou nos reinados de D. Affonso III e D. Diniz resultou da cultura litteraria, do emprego d'ella nas composições poeticas e em diferentes obras em prosa. A lingua portugueza

¹ Os documentos são reproduzidos de João Pedro Ribeiro, *Dissertações chronologicas e criticas*, I, n.os 60 e 61.



está *definitivamente* elevada á dignidade de lingua escripta¹.

12. Portuguez e gallego

Nos seculos xiii e xiv os dialectos fallados na Galliza e em Portugal divergiam muito pouco, segundo pôde julgar-se pela comparação do Cancioneiro de Afonso x de Castella, escripto em gallego, e das composições encerradas nos Cancioneiros portuguezes das bibliothecas do Vaticano, da casa Brancuti e da Ajuda, nos quaes collaboraram muitos poetas da Galliza. Os documentos de Lugo publicados por Flores na *España Sagrada* e outros confirmam essa quasi completa identidade de linguagem do reino de Portugal e da provincia do noroeste da Hispanha. No seculo xv o gallego, como se acha em documentos de Santiago de Compostella, tem as mesmas feições que o portuguez do seculo anterior, abstrahindo d'algumas raras fórmulas particulares. Portuguez e gallego foram todavia differenciando-se cada um do seu lado de modo que o primeiro se acha em frente do segundo como um dialecto perfeitamente definido, não porque o portuguez seja um dialecto do gallego ou o gallego dialecto do portuguez, mas porque portuguez e gallego saíram d'uma mesma base commum, a lingua gallegio-portugueza dos seculos xii a xiv.

Ainda hoje ha phrases, períodos, estrophes gallegas que divergem apenas por uma ou outra fórma e pela coloração particular da pronuncia (variantes phoneticas secundarias) do portuguez; exemplo:

1. O amor da costureira
era papel e molhou-se;
ahora, (agora) costureirinha,
o teu amor acabou-se.

¹ Vide Secção IV, cap. 1. Deve ter-se em vista que a cultura poetica entre nós começou antes de Afonso III.



2. Passei pola tua porta
e mirei polo ferrolho;
e a ladra da tua nai (mãe)
meteu-m' um pau por um olho.

3. Estou rouca, estou rouca,
estou rouca e beni o sinto;
acabei de rouquear
c'um vaso de vinho tinto.

As diferenças entre o portuguez e o gallego consistem principalmente em que o gallego

1) conserva com fidelidade varias fôrmas medievaes que o portuguez alterou, como os nomes em *on* (*corazon, padron, occasion*) e as fôrmas verbaes em *on* (*deron, feceron*);

2) alterou fôrmas medievaes que o portuguez conserva com maior fidelidade, como as fôrmas da 2.^a pessoa do singular do preterito perfeito, em que modificou *st* em *ch*: *vendeche* = *vendeste*, *deche* = *deste*, *olvidache* = *olvidaste*; as fôrmas nasalizadas da 1.^a pessoa do preterito perfeito: *vin* = *vi*, *conocin* = *conoci* (port. ant.) *conheci*, *fun* = *fui*;

3) usa muitas fôrmas castelhanas, que não foram introduzidas em portuguez, como *luna* (ao lado de *lua*), *iglesia* (ao lado de *eirexa*), *virtu* (ao lado de *virtude*);

4) tem fôrmas e palavras especiaes que parecem desconhecidas do portuguez nas suas diversas epochas, como *cañoto* (talo de planta), *xato* (vitellino), *cara-bullo* (pau torcido), *desvaleirar* (despejar):

5) deu a diversas palavras, que tambem se encontram no portuguez, significações especiaes; por exemplo *moa* significa em gallego dente molar e é identico ao portuguez antigo *moa*, port. moderno *mó*.



13. Variedades dialectaes do portuguez

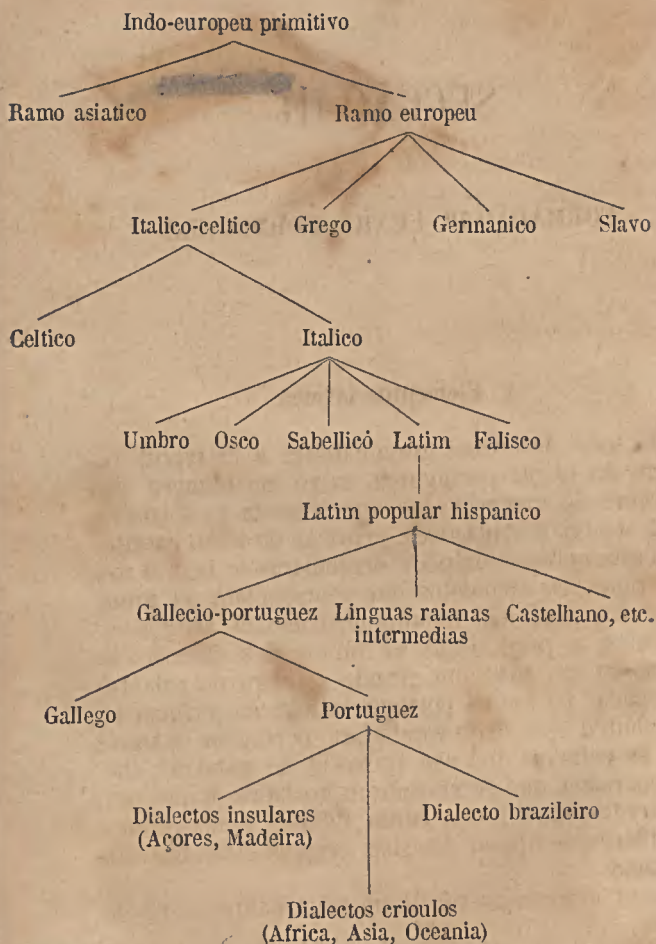
No dominio portuguez propriamente dicto, já no territorio continental europeu, já nos territorios que as conquistas e descobrimentos fizeram nossos, não se falla uma lingua unitaria, mas notam-se ao contrario variedades dialectaes. Em Portugal essas variedades, menos intensas entre si que a do gallego comparada com o portuguez, coincidem em parte, nos seus traços geraes, com as antigas divisões por provincias. As variantes dialectaes da região ao sul do Mondego (Extremadura, Alemtejo e Algarve) parecem formar um grupo assaz unitario nos seus caracteristicos mais importantes; vêem depois as variedades da Beira, as do Douro e Trás-os-Montes e as do Minho. Ha naturalmente fórmãs de transição, variantes de certas provincias que se ligam melhor ao dominio d'uma provincia vizinha, como a do Baixo-Douro, que se liga ás variantes dialectaes minhotas. Na raia transmontana notaram-se dialectos que representam a transição entre o dominio portuguez e o dominio hispanho¹.

Fóra de Portugal, são mais ou menos conhecidas as variedades dialectaes insulares (archipelagos da Madeira e dos Açores), o dialecto brasileiro e os dialectos crioulos, a que já alludimos e que formam uma serie á parte. Nessa serie devem já distinguir-se, em grosso, os dialectos portuguez-crioulos da Africa dos da Asia e Oceania. Nos crioulos africanos conhecidos distinguem-se ainda por varias particularidades tres grupos: o caboverdiano, o guineano e o de S. Thomé e Príncipe.

¹ As variedades dialectaes portuguezas são estudadas com methodo pelos srs. A. R. Gonçalves Vianna e J. Leite de Vasconcellos.



Quadro genealogico da lingua portugueza



SECCÃO III

FORMAÇÃO DO LEXICO PORTUGUEZ

1. Elementos latinos

Os sons, as fórmãs grammaticaes e os typos syntacticos da lingua portugueza, salvo um numero insignificante de excepções no que respeita ás fórmãs e talvez aos typos syntacticos, proveem do latim e a filiação d'esses elementos pôde demonstrar-se com o maximo rigor. Os elementos que representam na grammatica um papel tão importante como os artigos, os pronomes, as preposições, as conjuncções são todos de origem latina; mas um grande numero de palavras empregadas na lingua portugueza não tem origem latina; além d'isso, se do vocabulario portuguez tirarmos todas as palavras que não proveem de palavras, themas ou raizes que se encontram no latim, o que fica, comparado com o lexico latino, offerece ainda profundas differenças apesar das suas origens estarem todas no ultimo.

Essas differenças consistem principalmente no seguinte:

a) Apparecimento de vocabulos que deviam existir



já no latim popular, mas que não foram empregados na litteratura.

b) Emprego normal ou ainda exclusivo de termos que em latim eram pouco usados na litteratura por pertencerem apenas á linguagem popular.

c) Substituição de palavras pelas suas synonymas (este caso coincide em parte com o primeiro).

d) Diferenciação phonetica d'uma palavra em duas ou mais fórmulas correspondentes em geral a uma differença de significação.

e) Substituição de palavras latinas por outras derivadas do mesmo radical ou derivadas immediatamente das desaparecidas.

f) Substituição de palavras latinas por outras novas derivadas de radical latino.

g) Desaparecimento de palavras latinas para evitar homonymia.

h) Alterações da significação das palavras.

Ajunte-se ainda que as alterações na organização social, na religião, nas artes, os progressos das sciencias, enfim todo o movimento historico tão consideravel das nações que correspondem ao antigo imperio do occidente, produziram o desaparecimento d'um grande numero de palavras e formação de grande numero d'outras.

a) Palavras provenientes do latim popular que não foram empregadas na litteratura

É difficil affirmar em todos os casos em que se offerece uma palavra portugueza de radical latino, a qual não conhecemos pelo lexico latino, que ella não provenha do latim, isto é, que a sua formação não seja anterior ao quinto seculo da nossa era.

É mister para isso que a palavra de que se tracta seja derivada por um processo desconhecido ao latim



ou que um documento qualquer nos prove a data da sua formação posterior áquella epocha. Em latim, por exemplo, é desconhecido o emprego do suffixo *ario*, d'onde o suffixo portuguez *eiro*, para formar nomes de arvores, como *pereira*, *nogueira*, *pinheiro*; essas formações são propriamente romanicas. Mas quando esses criterios que nos estabelecem o character de formação moderna d'uma palavra faltam, pôde suppôr-se que esta existia já em latim, ainda quando não temos prova directa d'isso. É mister ter em vista que não possuímos o lexico latino completo, já porque o que nos resta da litteratura latina é apenas uma parte, embora muito importante, já porque ainda que possuissemos a litteratura latina completa, ella não representaria inteiramente a lingua fallada, porque existem muitos termos populares ou locaes que nunca chegam a ser reproduzidos pela escripta.

Ha casos em que, sem conhecermos directamente (isto é, pelos escriptores latinos) o typo latino d'uma palavra portugueza, podemos affirmar que ella existia já em latim: isto dá-se quando a palavra é derivada por um processo de formação estranho ao portuguez. Exemplo: *aguçar* vem d'uma palavra latina *acutiare*; *aguçar* não pôde resultar de *agudar*, que seria derivado de *agudo*, porque *d* não se muda em *ç* (*s*); não pôde ser derivado do radical *agu* (=lat. *acu* em *acutus*, *acuere*, etc.), por meio d'um suffixo *uça* ou *ça*, porque tal processo de derivação não existe em portuguez; ao contrario, em latim derivava-se regularmente de *acutus* um substantivo *acutia*, como de *nequitus* *nequitia*, *peritus* *peritia*, e de *acutia* formava-se regularmente *acutiare*, que pelas alterações phoneticas normaes deu o port. *aguçar*.



b) Palavras provenientes do latim popular que foram empregadas na litteratura

As palavras usadas pelos escriptores latinos do periodo anti-classico ou post-classico, evitadas na boa latinidade, que se reproduzem no portuguez, podem em geral considerar-se como pertencendo ao latim popular; taes são:

lat.	port.
abante	avante
abbreviar	abreviar
abortare (por <i>abori</i>)	abortar
absconsus	esconso, escuso
adjutare	ajudar
badius	baio
blitum	breido
combinare	combinar
dejectare (por <i>dejacere</i>)	deitar
gubernum (por <i>gubernaculum</i>)	governo (leme)
jejunare	jejuar
jentare	jantar
masticare (por <i>mandere</i>)	mastigar, mascar
merenda	merenda
possibilis	possivel
proba	prova
sapius	sabio
testa (no sentido de craneo)	testa
tina	tina
vacivus (por <i>vacuus</i>)	vazio.

c) Substituição de palavras latinas por synonymas

Já encontramos no caso b) alguns exemplos d'este c). Nos seguintes exemplos, a palavra que permaneceu pertencia indubitavelmente á lingua popular, ou devia ter muitas vezes nella uma applicação mais extensa que na lingua litteraria:

Palavras desaparecidas

aedes, domus
bilis

Palavras que permaneceram.

casa
fel

Palavras desaparecidas

culina
anguis
aevum
arx
janua, ostium
urbs, oppidum
lorum
osculum, suavium
sidus
vulnus, ictus
fur
uxor
arvum, rus
carmen
tellus

Palavras que permaneceram

coquina (cozinha)
serpentem, colubra (cobra)
aetatem (idade)
castellum
porta
civitas (cidade)
corrigia (correia)
basium (beijo)
astrum
plaga (chaga)
latronem (ladrão)
sponsa (esposa)
campus
cantum
terra

d) Diferenciação d'uma palavra em duas ou mais fórmās

Ha que distinguir varios casos:

aa) fôrma popular, isto é, proveniente da tradição latina directamente e alterada segundo as tendencias organicas da lingua ao lado da fôrma erudita tirada dos auctores ou dos lexicos latinos e accommodada apenas á pronuncia portugueza. Exemplos:

pop. dobro

papel
combro
rezar
mézinha
nedio
prégar
madeira
vagar
redondo
delgado
findo
linde
amendoa
cabido
sino

erud. duplo

papyro
cumulo
recitar
medecina
nitido
predicar
materia
vacar
rotundo
delicado
finito
limite
amygdala
capitulo
signo

lat. dup'um

papyrus
cumulus
recitare
medecina
nitidus
praedicare
materia
vacare
rotundus
delicatus
finitus
limitis
amygdala
capitulum
signum



leal	legal	legalis
miudo	minuto	minutus
mister	ministerio	ministerium
pégo	pelago	pelagus
teia	tela	tela

bb) duas ou mais fôrmas, todas populares, correspondendo a significações diversas da palavra.

1) as fôrmas proveem d'uma anterior que não se conserva em portuguez como fôrma popular. Exemplos :

artigo e artelho	<i>lat.</i> articulus
alvitre e alvedrio	arbitrium
chumbo e prumo	plumbum
coroa e coronha	corona
desbulhar e despojar	despoliare
freire e frade	fratre
ilha e insua	insula
malha, mancha e magua	macula
sola e solha	solea
todo e tudo	totus

2) uma das fôrmas populares provém da outra ainda existente :

caudal de cabedal	<i>de lat.</i> capitalis
caveira » calveira	calvaria
dom » dono	dominus
frei » freire	fratrem
mealha » medalha	metalla
safo » salvo	salvus
tombo » tomo	tomus
cem » cento	centum
grão » grande	grandis
mui » muito	multum
são » santo	sanctus

cc) fôrmas latinas alteradas em uma das outras linguas romanicas encontram-se ao lado das fôrmas propriamente portuguezas das mesmas palavras :



chefe	<i>fr.</i>	chefe	ao lado de	cabo	<i>lat.</i>	caput
jaula	»	geole		gaiola		caveola
cré	»	craie		greda		creta
hotel	»	hôtel		hospital		hospital
chapa	»	chape		capa		cappa
lhano	<i>hesp.</i>	llano		chão		planus
frente	»	fruenta		fronte		frontem
opera	<i>ital.</i>	opera		obra		opera
attitude	»	attitudine		aptidão		aptitudine
piano	»	piano		chão		planus

e) Substituição de palavras latinas
ou outras derivadas do mesmo radical das palavras desaparecidas

Muitas palavras latinas foram substituídas por derivados mais complexos do mesmo thema ou raiz, derivados que, em muitos casos sabemos que existiam já em latim, que, noutros, decorrem muito provavelmente de lá. Na primeira columna dos exemplos que seguem vae a fôrma morta; na segunda a fôrma hypothetica ou real latina que substitue aquella; na terceira a fôrma portugueza.

spes	sper-antia	esperança
genu	genu-culu-m <i>lat.</i>	geolho, Joelho
aes (aer-is)	aer-a-men <i>lat.</i>	aramé
pollex	pollicare <i>adj. lat.</i>	pollegar
talpa	talparia	toupeira
sturnus	sturninus	estorninho
scaraboeus	scaraboeculus	escaravelho
potus	potaginein	potagem
unguis	ungula	unha
calx (calcis)	calcaneare	calcanhar
caecitas	caecaria	cegueira
merx (merc-s)	merc-a-tor-ia	mercadoria
icterus	ictericia	ictericia
—	—	trizia <i>pop.</i>
civis	civitatanus	cidadão
praeco (n)	praeconarius	pregoeiro
fornax	fornacea	fornaça <i>ant.</i>
—	fornalia	fornalha
salinum	salaria	saleira



Muitos themas que serviam para designar plantas receberam o suffixo *ario*, *a*, ficando em muitos casos o thema original para designar partes ou productos d'essas plantas. Não se encontrando vestígios d'este processo em latim, em que os themas formados da maneira indicada são empregados com adjectivos, por exemplo *palmarius*, *a*, *um*, relativo á palmeira, plantado de palmeiras, é de crêr que este processo seja puramente romanico.

amygdala	amendoa	amygdal-aria	amendoeira
castanea	castanha	castane-aria	castanheira
cerasea (cerasus)	cereja	cerase-aria	cerejeira
ficu-s	figo	fic-aria	figueira
lauru-s	louro	laur-ariu-s	loureiro
miliu-m	milho	mili-ariu-s	milheiro
moru-s	amora	mor-aria	a-moreira
mespilu-s	nespera	mespil-aria	nespereira
nux (nuc)	noz	nuc-aria	nogueira
oliva	—	oliv-aria	oliveira
persicu-s	pecego	persic-ariu-s	pinheiro
piru-s	pero, pera	pir-aria	pereira
prunu-s	abrunho	prun-ariu-s	a-brunheiro
rosa	rosa	ros-aria	roseira
salix (salics)	—	salic-ariu-s	salgueiro
sambucu-s	sahugo	sambuc-ariu-s	sabugueiro
tamarix (tamarics)	—	tamaric-ariu-s	tamargueiro
suber	sobro	suber-ariu-s	sobreiro

No latim ou não havia distincção entre o nome de planta e o do seu producto ou parte (por ex., *citrus* = limoeiro e limão, *laurus*, = loureiro e louro, *palma* = palmeira e palma, *rosa* = roseira e rosa, *tamarix*, = tamargueiro e tamarindo), ou havia distincção que se fazia por tres modos: 1) por meio da differença dos generos, sendo, em regra, o nome da planta do gen. feminino em *us* e o do producto do gen. neutro (assim *cerasus* e *cerasum*, *arbutus* e *arbutum*, *citrus* e *citrum*, *ebenus* e *ebenum*, *morus* e *morum*, *mespi-*



lus e *mespilum*, *persicus* e *persicum*, *pirus* e *pirum*, *malus* e *malum*, *porrus* e *porrum*, *prunus* e *prunum*, *sorbus* e *sorbum*, *cornus* e *cornum*); 2) por meio de palavras derivadas de raízes diversas (por ex., *corylus* e *avellana*, *quercus* e *glans*, *ulmus* e *samera*, *labrusca* e *oenanthe*); 3) por meio d'um suffixo secundario (por ex., *caepa* e *caepula*). O ultimo meio é rarissimo, o primeiro o regular.

No portuguez continúa a haver muitos nomes de plantas que não se distinguem dos seus productos (cebola, jacintho, trigo, aveia, etc.); tendo-se tornado impossivel o primeiro meio de distincção empregado em latim, foi compensado com frequente uso do terceiro, como já vimos, o que permittiu maior numero de distincções do que havia em latim. O suffixo *ario*, senão o exclusivo pelo menos o geralmente empregado para fazer essa distincção, indica sempre o nome da planta. O nome do producto em regra não recebeu suffixo diverso do que tinha em latim.

Do segundo meio de distincção apparecem em portuguez alguns exemplos que não correspondem aos latinos ou não teem exactos correspondentes em latim. De *oliva* derivou-se *oliveira*, mas o primitivo não se conservou como nome de fructo; foi substituido por *azeitona*, do arabe *azzeituna*, der. de *azeite*. Temos *carvalho*, de formação obscura, com o sentido de *quercus*; *lans* que vive ainda na fórma provincial *lande*, é todavia substituida geralmente por *bolota*, d'origem arabica.

f) Substituição de palavras latinas por outras novas derivadas de radical latino

Muitas palavras foram substituidas por derivados novos de outros temas ou raízes, isto é, as coisas que significavam receberam nova denominação por o espirito as ter encarado sob outro aspecto.



Assim foram substituídas :

cervus por *veado* de *venatus*, a caça;
vulpes por *raposa* de *rapu-s* rabo, a raposa sendo olhada como o animal de longo rabo;
porculus (*porcus lacteus*) por *leitão*, o animal que ainda se alimenta de leite;
locusta por *gafanhoto*, o insecto que produz gafo (?) ou *saltão* o que *salta*;
hediosmos, *menta* por *hortelã*, a planta das hortas; comp. *hortelã pimenta* por *hortelã menta*;
platalea (a ave de bico chato: *platus*) por *colhereiro*, a ave cujo bico semelha uma colher (*cochleare*);
torpedo (o peixe que entorpece) por *tremelga*, o peixe que faz tremer;
vespertilio (o que apparece ao anoutece) por *murcego*, o rato cego (*mus caecus*);
acetum por *vinagre* (*vinum acre*);
caupona, *popina* por *botequim*, dim. de *botica* (*apotheca*), que ainda hoje em francez tem a significação geral de loja (*boutique*) e no portuguez antigo significava casa pequena (por ex., *Côrtes d'Evora 1473*, art. esp. de Silves); temos também *bodega* de *apotheca*, no sentido de *taberna*, *popina*, o que pertence á categoria das palavras synonymas;
pernio por *frieira*, de *frio* (*frigidus*);
torques (o torcido) por *collar*, de *collum*, o pescoço;
senectus por *velhice*, de *vetulities*, derivado de *vetulus*, velho;
diversorium por *hospedaria*, de *hospede* (*hospes*, *hospit*—);
oblivium por *esquecimento*, de *esquecer* (* *escadescere*, *cado*);
nere por *fiar*, de *fio* (*filum*);
caedes por *mortandade* de * *mortalitatem* (*mors*, *mort*—);
forfex por *tesoura*, de *tonсорia* de *tonсор*;
tonсор por *barbeiro*, de *barba*;
pulvinar por *travesseiro* (que se põe atravez na cama), de *travesso* = *transversu-s*;
cymbium por *terrina*, propriamente vaso de terra; comp. francez *terrine* (*vas de terre*);
horreum por *celleiro*, de *cella*;
pessulus por *ferrolho*, de *ferro*;
latebra por *esconderijo*, de *esconder* (*abscondere*);
cornix por *galha*, de *galhar* (= lat. *garrulare*);
rusticula por *gallinhola*, de *gallinha* (*gallina*);
mungere por *assoar*, produzir som com o nariz,



g) Desapparecimento de palavras latinas para evitar homonymia

1) Succede muitas vezes que em virtude da alteração phonetica duas palavras, primeiramente distinctas nos sons, chegam a confundir-se nelles completamente, a ser homonymas.

Taes são :

1. *apreçar*, do latim *appretiare* e
2. *apressar*, de *pressa*, que significa propriamente aperto, do latim *pressus*, apertado, participio passado de *premere* ;
1. *aterrar*, de *terra* e
2. *aterrar*, do latim *terrere* ;
1. *cabo*, do latim *caput* e
2. *cabo*, do latim *capulum* ;
1. *capitão* (nome d'um peixe), do latim *capito* e
2. *capitão*, do baixo latim *capitanus* ;
1. *selada*, por *salada* de *sal*,
2. *celada* por *cilada* e
3. *celada*, do latim *caelata* ;
1. *celha*, do latim *cilium* (plur. *cilia*) e
2. *celha* ou *selha*, do latim *situla* ;
1. *cento*, ant. part. de cingir, do latim *cinctus* e
2. *cento*, do latim *centum* ;
1. *cobra*, ant. por *copla*¹, do latim *copula* e
2. *cobra*, do latim *coluber* ;
1. *conto*, do latim *contus* e
2. *conto*, do latim *computum* ;
1. *feto*, do latim *fetus* e
2. *feto*, do latim *filictum* ;
1. *gozo*, do latim *gaudium* (?) e
2. *gozo*, especie de cão, catalão *gos*, hispanhol *gosque* ;
1. *preia* (em *preia-mar*), do lat. *plena* e
2. *preia*, do lat. *praeda* ;
1. *incerto*, do latim *incertus* e

1 Senhor coudel moor cuidais,
por fazordes muytas *cobras*,
com mil graças que faláys,
que nos encalameays
outras verdadeyras obras.

2. *inserto*, do latim *insertus*;
1. *morena* ou *murena*, do latim *muraena* e
2. *morena* por *mourena*, de *moura*; litteralmente — que tem côr de moura¹;
1. *teia*, do latim *tela* e
2. *teia*, do latim *taeda*.

2) Comquanto todas as linguas possuam homonymos, é certo que ha nellas uma tendencia caracterisada para os evitar que nos é revelada pelos seguintes factos :

a) uma palavra scinde-se, como já vimos, em duas e mais fórmās diferentes, por causa das suas significações diversas;

b) uma palavra que devia em regra ser alterada phonicamente segundo uma certa direcção, deixa de o ser, ou é alterada noutra direcção para evitar a homonymia; é assim que as fórmās latinas *cooperio*, *foro*, *noceo*, que em regra deviam dar em portuguez *cobro*, *foro*, *nozo* ou *noço*, se mudaram em *cupro*, *furo*, *nuzo*, *nusso* (antigo), para evitar a homonymia com *cóbro* de *cuperio* (no latim *recuperio*), *a-foro* de *foro*, do latim *forum*; foi assim que de *populus* se fez *povo* e de *pōpulus chopo*, e em italiano de *mālus* subst. *melo* e de *malus* adj. *malo*;

c) muitas vezes um dos homonyms desaparece deante do outro. É essa a causa do desaparecimento de muitas palavras latinas. Assim morreram no campo da nossa lingua as palavras latinas :

¹ Na lingua portugueza ha muito raramente homonymia entre substantivo e substantivo ou adjectivo, adjectivo e adjectivo, verbo e verbo; não tão rara é a homonymia entre verbo e substantivo ou adjectivo; mas em geral a lingua busca distinguir estes homonyms pela differente pronuncia das vogaes: assim *tômo* substant. com o accentuado fechado e *tômo* verb. com o accentuado aberto. O *Diccionario da maior parte dos termos homonyms e equivoccos da Lingua portugueza*, por Antonio Maria do Conto, Lisboa; 1842; in-folio; é um trabalho incompleto, como o seu titulo já annuncia, e além d'isso sem direcção scientifica.

aequus, que devia dar *eguo*, deante de *equus* (propriamente só o feminino *equa*);
ager, que devia dar *agro* (apparece ainda no antigo portuguez e como nome de logar), deante de *acer* (*agro*);
fidis, que devia dar *fé*, deante de *fides* (*fé*);
habena, que devia dar *haveia*, deante de *avena* (*aveia*);
matula, que devia dar *malha*, deante de *macula* (*malha*);
• *palla*, que devia dar *pá* ou *palha*, deante de *pala* (*pá*), ou de *palea* (*palha*);
mas maris, varão, que devia dar *mar*, deante de *mare* (*mar*);
bellum subst. deante de *bellus* adj. (*bello*);
meles, que devia dar *mel*, deante de *mel*;
plaga, região, que devia dar *praga* ou *chaga*, deante de *plāga* (*praga*, *chaga*);
puer (um), que devia dar *puro*, deante de *purus* (*puro*);
sera, tranca, fecho de porta, e *sēra* tarde, deante de *cera*, com que se confundiriam na pronuncia;
secula, que daria *selha* como *apicula* deu *abelha*, deante de *situla* (*selha*) e *cilia* (*celha*);
caelare, que daria *cear*, como *vigilare* deu *vigiar*, deante de *cenare* (*cear*);
calere, que daria *caer*, *cair*, como *solere* deu *soer*, deante de *cadere* (*cair*);
jacere, lançar, deante de *jacere* (*jazer*);
metere, ceifar, que daria *meter*, deante de *mittere* (*metter*);
mederi, medicar, deante de *metiri* (*medir*);
mungere, assoar-se, deante de *mulgere* (*mungir*);
rigere, enrigecer, deante de *regere* (*reger*);
potare, beber, que daria *podar*, deante de *putare* (*podar*);
cara, nome de planta, deante de *cara*, face, rosto;
caedere, que devia dar *ceder*, deante de *cedere* (*ceder*);
parere, obedecer, deante de *parere* (*parir*);
queri, queixar-se, deante de *quaerere* (*querer*);

h) Alterações na significação das palavras

Eis alguns exemplos :

Admorsus perdeu o sentido de mordedura e apresenta-se em portuguez, na fôrma *almoço* (espanhol *almuerzo*), com o sentido do latim *jentaculum*. O *d* mudou-se nesta palavra em *l* como em *Alfonsus* por *Adfonsus*, *nalga* por *nadega*, *julgar* do latim *judicare*, etc. Emquanto á significação, temos paralelos no antigo



alto allemão *inbiz*, que significava refectio, prandium, e provinha de *biz*, morsus, do thema de *bizan* morde-re, comedere¹, e no latim *cena* (não *coena*, que é uma orthographia errônea). *Cena*, d'onde portuguez *ceia*, está por *cesna*²; *cesna* provém d'uma fôrma perdida *ced-na*, da raiz indo-germanica *skade*, que em sans-krito se apresenta na fôrma *khad*, *khâd*, significando *edere*, *vorare*³. Temos *mordico*, *piquete* como nomes de refeições populares.

Affligere (*affligir*) perdeu o sentido fundamental de bater contra, quebrar, para conservar apenas o figurado de atormentar, causar dôr, opprimir, molestar, perdendo os de abaixar, abater, destruir.

Apotheca foi usado em latim para designar um lugar em que se guardavam provisões, um celeiro, uma adega; em portuguez adquiriu o sentido de casa pequena, como já vimos, na fôrma *botica*, que hoje designa uma loja ou estabelecimento pharmaceutico, e o de taberna volante, taberna pequena e immunda, na fôrma *bodega*.

Burdo (*bordão*) designava em latim o hybrido resultante da copula d'um cavallo com uma burra; em portuguez significa propriamente o páo a que se arrima o peregrino. Como se passou d'um sentido ao outro? Ducange pensava que, como os peregrinos iam muitas vezes a cavallo em burros ou machos, o nome do animal tenha sido applicado tambem ao páo comprido que elles levavam; outros suppõem que o páo tenha sido assemelhado ao macho⁴. Se houvesse duvida sobre

¹ Graff, *Althochdeutsches Sprachschatz*, III, 231, 228.

² « *Pennis pennis ut Casmenas dicebant pro Camenis et cesnas pro cenis.* » Fest., p. 205.

³ Comp.: « *Scensas Sabini dicebant quas nunc cenas.* » Fest., p. 339. Lindemann conjecturou que a verdadeira lição é *scenas* e não *scensas*, o que a fôrma latina torna ovidente. Corssen, *Kritische Beitræge zur lateinischen Formenlehre*, p. 435.

⁴ Littré, *Dictionnaire de la langue française*, s. v. Bourdon, 1.



esta mudança de sentido, dissipar-se-hia facilmente adduzindo o facto paralelo de *muleta*, derivado de *mula*, (comp. francez *mulet*), designar o pão com uma travessa em cima, a que se encostam as pessoas que coxeam.

Capere (*caber*) apparece sómente no antigo portuguez com a significação fundamental de tomar¹; perdeu todas as outras que tinha em latim e adquiriu as novas significações neutras de ser comprehendido (tomado), contido, poder ser contido, introduzido num certo espaço; cair em quinhão, pertencer; ser vez, vir por seu turno, ter privança.

Charta (*carta*) significava em latim papel, escripto, livro, folha; em portuguez significa o mesmo que o latim *litterae* e *epistola*.

Costa em latim significava *costella*, e, no sentido figurado, lado, flanco. Em portuguez no plural significa *tergum* (perdido), *dorsum* e por extensão a parte anterior d'um objecto; no singular significa *clivus*, *litus*, ora maritima.

Faux perdeu em portuguez os sentidos latinos de *pharynge* (*fauces* neste sentido é apenas uma expressão poetica), canal, conducto; garganta, passagem estreita, fonte (d'um rio), e emprega-se na fôrma *foz* apenas no sentido de entrada d'um rio no mar (*ostium*, os).

Ingenium (*engenho*) perdeu os seus sentidos fundamentaes de natureza, modo de ser característico d'uma coisa, e o immediatamente filiado de character, natural do homem, em que foi substituído pelo simples *genium*, conservando os de intelligencia, faculdade inventiva, astucia, agudeza, etc., e adquiriu o de *machina*, *mechanismo*.

Pacare (*pagar*) perdeu os sentidos latinos de *appla-*

1 Viterbo, *Elucidario*, s, v. *Caber*.



car, vencer, domar, cultivar, desbravar, etc., e adquiriu os de solvere, satisfacere, porque o pagamento pacifica o crédor. No antigo francez *payer* era ainda empregado no sentido, que tambem perden, de pacificar. Na fôrma reflexa *pagar-se* significava no portuguez antigo ser satisfeito, contentar-se, agradar-se.

Palpare conserva na fôrma *palpar* o sentido fundamental latino, tendo perdido os de acariciar, buscar, obter, lisongeando, e ganhou o de examinar como que palpando (*palpar*, *apalpar* a consciencia a alguem). Na fôrma *poupar* adquiriu a palavra as significações do latim *parcere*, que substitue. Em hespanhol *popar* significa acariciar.

Rapum (*rabo*) em latim significava cenoura; em portuguez significa cauda, sem duvida pela analogia d'uma cauda de animal com uma cenoura. Em allemão *schwanzrûbe*, que significa a parte mais grossa do rabo, é composta de *schwanz*, rabo, e *rûbe*, rapum, raphanus. Atribuiu-se todavia origem celtica a *rabo*.

Serra designava em latim o mesmo instrumento cortante que em portuguez; perdeu nesta lingua todos os outros sentidos e adquiriu o novo de monte, de penedia, com cumes agudos, evidentemente por a analogia que tem com uma serra. Comp. *Monserate*

Talentum em latim apparece significando barra, peso d'uma materia preciosa; o peso de 120 libras, etc.; mas encontramos os sentidos de balança e peso no grego *τάλαντον*, d'onde provém a palavra latina. D'aquelles sentidos se desenvolveram os de inclinação, tendencia, vocação, vontade. No antigo portuguez «a seu *talante*» significava á sua vontade, segndo o seu bel-prazer, a seu grado; depois *talentum* passou a significar engenho, genio, talvez, segundo suppõe Diez, por influencia de Parabola dos Talentos.

Trahere (*traer*, *trager*, *trazer*) que em latim significava arrastar, puxar, etc., perdeu todas essas si-



gnificações e adquiriu o sentido especial de conduzir d'um logar para outro menos afastado do que o primeiro de quem falla, assim opposto ao de *levar*, que é conduzir d'um logar para outro mais afastado que o primeiro de quem falla. *Trazer* significa tambem ter em si, sobre si usualmente, etc.

2. Elementos provenientes das linguas falladas na península anteriormente ao latim

Os escriptores gregos e romanos conservaram-nos um certo numero de palavras que elles dão como hispanicas, taes são :

aenua	caelia	musmo
aparia	canthus	orca
arapennis	celdo	phalarica
aspalathus	cervesia	salpuga
asturco	cuniculus	striges
balux	ðureta	thesarica
brisa	gurdus	thieldones

A maior parte d'essas palavras são idiotismos latinos; uma parte porém, deve ser attribuida ao celtico ou ao euscaro. D'aquellas palavras acham-se em portuguez *canthus* (*canto*), *cervesia* (*cerveja*), *cuniculus* (*coelho*), *gurdus* (*gordo*), etc.

a) Elementos phenicios

O numero d'estes elementos deve ser insignificante nas linguas peninsulares; a unica palavra portugueza que parece ter ficado do dominio phenicio e carthaginez é *barca*, empregada já numa inscripção romana de Tavira; temos além d'isso alguns nomes de logar de origem phenicia.



b) Elementos gregos

Estes elementos acham-se representados de modo bastante consideravel nas linguas peninsulares; mas de nenhuma das palavras portuguezas ou hespanholas de origem grega pôde affirmar-se que fosse trazida á Hispania por os colonos gregos: quasi todas ellas faziam parte do vocabulario latino, quando o latim foi trazido á peninsula, ou vieram posteriormente para esta região durante o dominio romano. Nos seculos vi e vii os bysantinos dominaram ao sul da Hespanha, e esse dominio podia ter dado logar á introduccão de alguns vocabulos gregos.

1) Eis algumas palavras portuguezas populares, de origem grega, que não se acham representadas nos monumentos da litteratura latina:

anco, de ἄγκος, canto, angulo;
bolsa, de βύρσα, pelle preparada;
ermo, de ἔρημος, solitario;
sumo, ζωμός, caldo, succo;
tio, de θεῖος; *tia* de θεῖα;
taleiga, de θάλακος, sacco (?);
cara, de κάρα;
caravella, der. de κάρακος, especio de navio;
calma, de καῦμα;
chato, de πλατύς.

2) Algumas palavras da mesma especie passaram, ao que parece, das outras linguas romanicas para a nossa; taes são:

colla, hespanhol *cola*, italiano *colla*, francez *colle*, de κόλλα;
golfo, hespanhol, e italiano *golfo*, francez *golphe*, de κόλπος;
grangea, hespanhol *dragea*, francez *dragee*, italiano *treggèa*, de τραγγύματα;
pagem, francez *page*, italiano *paggio*, de παιδίον, rapaz, servo.

3) Algumas palavras gregas vieram-nos ainda por intermedio dos arabes; taes são:



alcaparra, do arabe *al-cabbâr*, que é o grego κάππαρις, precedido do artigo arabe;

quilate, do arabe *quirât*, que é o grego κεράτιον.

c) Elementos euscaros

O basco tem servido a varios etymologistas para explicar muitas palavras do hespanhol e do portuguez; mas a origem euscara só é provavel para um pequeno numero de palavras das linguas romanicas da península. Como só conhecemos o basco numa fôrma moderna, não pôde chegar-se a conclusões seguras neste dominio. É mister notar que o basco offerece muitas palavras de origem latina e que os máos etymologistas se servem d'ellas para explicar palavras hespanholas e portuguezas.

Entre as palavras portuguezas, a que se tem com mais verisimilhança attribuido uma origem euscara, citaremos:

aba, do basco *alabea*, o que pende para baixo;

abarca, do basco *abarquia*;

balsa, *bouça*, do basco *balsa*, originariamente reunião, montão, palavra que parece achar-se já na antiguidade como nome proprio de logar (*Balsa*, na Bactica);

bezerro, do basco *beicecorra*;

bizarro, do basco *bizarro* adj., *bizarra* subst. significando barba; o desenvolvimento dos sentidos teria sido: barbudo, viril, bravo, corajoso, etc.;

charco, do basco *charcoa*, mão, desprezível (?);

charro, do basco *charro*, mão, pequeno;

gazua, do basco *gaco-itsua*;

garbanço, hisp. *garbanzo*, do basco *garbantzua* (de *garau*, grão, e *antzua*, seco);

gorra, do basco *gorria*, vermelho (cp. *barrete*, b. lat. *birretum*, do grego πυρρός, vermelho).

grisol, ant. hispanhol *crisuelo*, lampada; do basco *criselua*, *cru-sehua*; tambem o port. *griseta* vem do mesmo radical;

esquerdo, do basco *ezquerria*, com a mesma significação;

mandrião; no basco ha *emandrea*, mulher fraca;

morro, hisp. *moron*, do basco *murua*, combro, montão;



sarnazina, sarrazina, pessoa que disputa, censura continuamente: hisp. *sarracina*, lucta sangrenta; do basco *asserracina*; lucta séria.

Difficilmente se apurarão trinta palavras fundamentais (não derivadas d'outras portuguezas) em portuguez a que se possa com verisimilhança attribuir uma origem euscara.

d) Elementos celticos

As linguas celticas apresentam, como o basco, um grande numero de palavras de origem latina com que os mãos etymologos pretenderam explicar palavras das linguas romanicas; em certos casos, como as palavras latinas tomaram independentemente nas linguas celticas e nas romanicas a mesma ou similhante na fôrma, esses etymologos tinham apparentemente razão: assim pareceria mais natural derivar o francez *pain* do irlandez *páin* que do latim *panis*, pão; mas o termo irlandez vem do latim. Noutros casos as linguas celticas offerecem palavras que o proto-celtico, a lingua celtica pre historica que se scindiu depois em dialectos, tinha em communi com o latim e essas palavras alteraram-se tambem nalguns casos d'um modo similhante ao que se nota nas palavras latinas correspondentes, como ellas se apresentam nas linguas romanicas; assim o irlandez *nau* tem a mesma fôrma que port. *não*, *nau*, que vem do latim *navem*.

Os elementos celticos do portuguez, como das outras linguas romanicas, dividem-se em diversas classes:

1) um certo numero de palavras, usadas quasi exclusivamente na linguagem litteraria, vieram-nos dos dialectos celticos modernos; taes são: *dolmen* (bretão *dol-men*, mesa de pedra), *menhir* (bret. *me-nhir*, pedra longa), *cromlech* (bret. *kroum-lech*, pedra curva, circulo de pedras), *fenian* (do irlandez).



2) algumas palavras usadas tambem na linguagem litteraria são tiradas do latim antigo, como *druida*, *bardo*, que eram palavras celticas. Em portuguez *bardo* designa em estylo elevado um poeta e principalmente um poeta epico. Citaremos ainda como pertencentes a esta classe *bagaudos*, insurgentes populares da Gallia; *chrotta* ou *rota*, instrumento musico dos celtas.

3) algumas palavras que nos ministram os escriptores gregos ou romanos, e que dão como celticas ou que podem com verisimilhança ser consideradas como celticas, encontram-se no fundo popular da nossa lingua.

bacia, que se encontra tambem em provençal, hispanhol *bacin*, francez *bassin* e italiano *bacino*; Gregorio de Tours (v século da E. C.) parece indicar *bacchinon* como gallo;

bico, em hespanhol *bico*, francez *bec*, italiano *becco*; em Suetonio encontra-se a palavra na fôrma *beccus*, mas não indicada expressamente como de origem galla: todavia esta origem é muito provavel, pois ha em gaelico *beic*, em bretão *bek* e a palavra era estranha ao latim classico;

bojo liga-se a *bulga*, sacco de coiro, palavra dada como galla por Festo, grammatico latino; d'ella deriva o ital. *bolgia*, francez *boge*, *bouge*; nos dialectos celticos *bolg*, *bulg*, *balg* significava sacco, ventre, pustula, folle;

bragas, corresponde a *braccas* (accus.), com que os antigos designavam o vestido das pernas dos gallos;

carpinteiro, deriva de *carpentum*, nome d'uma especie de carro dos gallos;

carro, de *carrus*, fôrma muito provavelmente celtica, correspondendo a *currus*, que era a fôrma particular latina;

catrefa, do latim *caterva*, a que faltam razões para attribuir uma origem celtica;

cavallo, do latim *caballus*, palavra muito provavelmente celtica;

cerveja, do latim *cerevisia*, origem celtica;

chopa, do latim *chipea*, nome de peixe, empregado só fallando de paizes celticos;

cugullo, do latim *cucullus*, que designava uma peça do vestuario gallo;

legua, do latim *leuca*, o nome gallo da milha (*milliarium gallicum*);



lança, do latim *lancea*, que muito provavelmente tinha origem celtica;

sabão, do latim *saponem*, que era de origem galla;

tomento, do latim *tomentum*, que era muito provavelmente uma palavra galla;

trado, do latim *taratrum*, a que póde attribuir-se uma origem celtica, comquanto o radical se ache tambem em latim (em cambrico *taradr*, em bretão *tarar*).

4) algumas palavras portuguezas populares acham explicação etymologica nos dialectos celticos modernos; mas para que essa explicação adquira um alto grão de probabilidade é mister que satisfaça ás seguintes condições: a) as palavras dos dialectos celticos modernos devem pertencer ao fundo celtico; b) essas palavras devem ser reduzidas á fôrma que deviam ter na epocha do dominio romano, de modo que por essa fôrma hypothetica se expliquem em conformidade com as leis phoneticas do portuguez e dos dialectos celticos modernos a fôrma portugueza e as fôrmas celticas modernas; assim as palavras portuguezas *cambo*, *cambaio*, etc., explicam-se por um radical celtico que em irlandez e cambrico teem a fôrma *cam* e significa curvo, em bretão *cam*, coxo; a fôrma proto-celtica d'esse radical era *cambo-*, como attestam o grego *καμβός* (*varus*) e numerosos nomes celticos antigos em que se acha esse elemento *cambo* (*Cambo-dunum*, etc.); *mb* muda-se nos dialectos celticos modernos em *mm*, *m*. A comparação do kymrico *syg*, cadeias, e do armoricano *sūg*, cordão de puxar, com o gaelico *sugan*, cordão de palha, leva-nos a vêr no celtico a origem do portuguez *soga*, pois essas fôrmas neo-celticas e portugueza não derivam das linguas germanicas, nem do latim, e a correlação d'ellas não é negada por nenhuma lei phonetica; no mesmo caso estão ainda outras palavras.

5) do francez vieram-nos algumas palavras que po-



dem ser consideradas como de origem celtica ; taes são: *arnez* (*harnois*), *bagagem* (*bagage*), *caes* (*quai*), *chapa* (*chape*) ao lado de *capa* (thema celtico *capa*), *chapeu* (*chapeau*), *garrote* (*garrot*), *embaixada* (*ambassade*).

Offerecem mais ou menos probabilidades ou ainda condições de certeza de origem celtica, as seguintes palavras : *balaio*, *barra*, *bater*, *brio*, *caminho*, *camisa*, *cabana*, *cambiar*, *candial*, *caneiro*, *comba* (geralmente como designação de logar), *drudaria* ant., *gago*, *gato*, *goiva*, *gral*, *ler* ant. (mar, praia), *lousa*, *martello*, *osas* ant. (sapatos), *peça*, *pedaço*, *petisco* (pela base), *pitada* (pela base), *pote*, *saia*, *tona*, *touca*, *toucinho*, *truão*, *vassallo*, *vereda*. Pouco mais se poderá ajuntar a essas listas, em que nem tudo é porventura celtico, e ainda é mister observar que as palavras que podemos considerar como tendo-nos ficado dos dialectos celticos peninsulares, por terem entrado no latim vulgar, formam a minoria.

3. Elementos provenientes das linguas falladas pelos conquistadores da península, depois do dominio romano

Esses elementos são muito mais importantes do que aquelles de que nos temos occupado até aqui, além dos latinos ; são os elementos *germanicos* e os *arabes*.

a) Elementos germanicos

Os elementos germanicos do vocabulario das linguas romanicas da península ainda não foram estudados scientificamente ; para o fazer era mister determinar, tanto quanto possivel, as relações phoneticas dos dialectos germanicos fallados na península (suevico, visigotico, etc.) e a historia de cada palavra de origem germanica : distinguir-se-hia assim o que nos ficou realmente do periodo em que as linguas germanicas dos invasores eram ainda falladas na península das pala-



bras germanicas que nos vieram posteriormente por outros canaes, já das linguas romanicas, já das linguas germanicas, por colonias de individuos fallando essas linguas estabelecidos entre nós, pelas relações commerciaes, pela litteratura, etc. A seguinte lista contém a maior parte das palavras portuguezas, excluindo as derivadas das que ella contém, de origem germanica certa ou provavel, mas sem distincção dos canaes por que ellas nos chegaram (cf. pag. 150).

adubar	bannir	brossa
afagar	barão	brotar
agasalhar	barriga	brullia
agastar	batel	brunir
alabarda	becabunga	bufar
alar	bedel	buraco
albergue	berbequim	burgo
aleive	bisarma	buril
aloquete	bita	camarlengo
amarrar	bloquear (<i>mod.</i>)	cambra
arauto	boldrié	canivete
arcabuz	bolina	chalupa
arenga	bomba	chibo
arenque	borda	chocar
arneo	bordo	choque
arreio	bossa	chorlo
arrufar	botar	coifa
asco	bote	cousir (<i>ant.</i>)
ataca	bradar	croque
atoar	braamar	daga
atracar	banco	dansar
avaria	brandão	dardo
bafa	brandir	[des]maiar
bahu	brasa	dique
baixel	brasão	doca
balandra	brecha	doudo
balcão	brenha	draga (<i>mod.</i>)
baluarte	brete	droga
bambordo	brida	duna
banco	brincar	elmo
banda	broa	[em]butir
bando	bronze	[en]festa



[en]ganar	farandola	guarnir
[en]tupir	farfalhada	guerra
equipagem	fato	guindar
escanção	feltro	guisa
escaramuça	fisga	guita
escarneo	fita	gravar
escarpa	fofo	grés (<i>franc.</i>)
escarrar	fona	grima
escarvar	fornir	grimpa
escorbuto	forro	grinalda
escota	framboesa	gris
escote	franco	grupo
escravo	frecha	hucha
escuma	fresco	içar
esgrimir	frete	jardim
esgueirar	gaio	lacaio
eslinga	gala	lada
esmagar	galão	laido
espeque	galardão	lasca
espeto	galope	lastro
espia	gana	lata
espora	ganhar	leme
esquife	ganso	lioz
esquina	garanhão	liso
esquivar	garantir	lista
estaca	garbo	loja
estafar	gardingo	lote
estalagem	garfo	loução
estalar	garlopa	luva
estampar	garupa	mala
estandarte	gasalho	malandro
estão	gastar	marca
esteio	gaz	marchar
estofa	giga	marechal
estorjo	girão	mastro
estoque	girifalco	mata
estribo	gonfalo	mesar
estibordo	gosma	mocho
estrincar	gualde	mofa
estrinque	gualdir	morno
estuchar	guante	mota
esturjão	guapo	norte
[des]falcar	guardar	nuca
falda	guarir	oeste
faldistorio	guarita	orgulho



pichel	roubar	tômar
piloto	roupa	tomhar
pino	rumo	tonel
polé	saião	tope
poltrão	sala	trabuco
quilha	singrar	treguas
raça	sopa	tregar
rafar	sul	trica
rampa	tacanho	trigar
rapar	tamiz	triscar
raspar	tampa	troço
rato	tapar	truco
renda	tarja	tudesco
ribaldo	tascar	tufo
rico	teta	ufano
rifa	tilha	upa
rima	tirar	vaga
roca	toalha	vágado
rombo	tocar	

b) Elementos arabes

O dominio arabe deixou em cerca de 300 palavras (algumas das quaes muito usuaes) da nossa lingua vestigios bem evidentes da sua influencia. Esses termos, em geral, referem-se á administração, á agricultura, ás artes e industrias diversas, á astronomia, á confeitaria, á cozinha, á fortificação, á guerra, ao jogo, á pesca e navegação, ao vestuario, ou designam animaes, armas, côres, doenças, moveis, pesos e medidas, plantas, substancias mineraes. São raros os adjectivos de origem arabe; nenhum verbo parece ter sido derivado directamente d'um verbo arabe; o artigo arabe (*al*) achase prefixado a um grande numero de palavras arabes (excepcionalmente a algumas de origem não arabe, por analogia), sem obstar a que o artigo portuguez se lhes ligue; esses factos provam que, se a influencia da civilisação arabe foi consideravel, a da lingua se exerceu só á superficie. A lista seguinte comprehende uma parte das palavras arabes ou admittidas no arabe (berberes,



etc.), que podem ser consideradas em geral como remontando na língua portugueza á epocha do dominio arabe :

acelga	alforvas	azenola
acepipe	algaravia	azenha
açorda	algarismo	azeviche
açoute	algazarra	azinhabre
açular	algebrista	azurracha
adail	algoz	azul
adarve	alizares	bacoro
adela	almiscar	baraço
adufa	almocreve	beringela
alamar	almofariz	boal
alambique	almondega	bolota
alarde	almotacel	borzeguim
alarido	almoxarife	cafila
alarve	almude	cairo
alaude	alqueire	canfora
alazão	alqueive	carnita
albarda	alvaiade	escabeche
alcaçarias	alvanel	fateixa
alcachofa	alvaraz	fatia
alcaçuz	alvarrã	fulano
alcaíde	alveitar	garrafa
alcaiote	alviçaras	gengibre
alcamonia	ambar	gergelim
alcaravão	andaime	ginete
alcatea	anexim	jarra
alcatifa	armazem	lacrão
alcatra	arraes	macio
alcatrúz	arratel	maquia
alcavala	arrebique	matraca
alcool	arroba	mesquinho
alcova	arrobe	monção
alecrim	arsenal	nesga
alface	atalaia	nora (machina)
alfageme	ataude	osga
alfaia	auge	oxalá
alfaiate	avelorios	recamar
alfange	azagaia	recua
alfarroba	azambujo	rosalgar
alfeloa	azar	safaro
alfenim	azebre	tabique
alforreca	azeite	tara

*

tarimba
tarrafa
tincal

xadrez
xarel
xarope

xaveco
zagal
zarcão

4. Elementos provenientes de origens diversas

Comprehendemos nesta divisão os elementos provenientes das linguas modernas e das linguas antigas de todas as partes do mundo que nos tem vindo pela litteratura, pelo commercio, pela marinha, por colonias de individuos fallando linguas estrangeiras (judens, francezes, inglezes, ciganos, etc.). Apresentamos alguns exemplos d'esses elementos, que em grande parte não pertencem á linguagem popular.

a) Elementos hespanhoes

Apesar da influencia da litteratura hespanhola sobre a portugueza, da proximidade geographica, o numero das palavras verdadeiramente hespanholas que se encontram em portuguez não é consideravel; esse facto é devido a que o portuguez e o hespanhol tem um vocabulario pela maior parte commum, de fôrma que o portuguez não carece de ir lá buscar o que possui como bem proprio.

Eis algumas palavras de origem hespanhola:

abanico	fandango	muchacho
basto, <i>t. de jogo</i>	frente	petenera
bolero	hablar (<i>ant.</i>)	quixote
communero	hediondo	salero
cuchilada	lhano	sarabanda
el-dourado	malaguenha	seguidilha
espadilha	manilha	tertulia
esteira	matamoro	zarzuela

b) Elementos ciganos

Da linguagem dos ciganos da peninsula passaram para o portuguez popular alguns termos. Taes são:



calão do cigano	calló	cigano
piella	» pijar	beber
pirar	» pirelar	andar

c) Elementos francezes

Os elementos de origem franceza formam uma parte importante do vocabulario portuguez; vimos já que alguns elementos de origem celtica ou germanica nos vieram por intermedio do francez. A proposito do neologismo apontamos já exemplos de palavras de origem franceza.

Eis alguns exemplos mais: *framboesa, toesa, oboè, corneta, tambor, pistola, toilette, mitênes, fraque, fiacre, ficelles, fichu, boleia (volee), chapiteu, clara-boia (clair-voie), vendaval (vent d'aval), comboio, tostão (teston).*

d) Elementos italianos

São em geral termos relativos á arte, á litteratura, ao commercio; o seu numero é muito consideravel; uma parte veio-nos por intermedio do francez. Exemplos:

adagio, <i>t. mus.</i>	bussola	estrambotico
agio	burlesco	faiança
allegro	cadencia	fiasco
andante, <i>t. mus.</i>	cantata	forte, <i>t. mus.</i>
arlequim	cartello	girandola
arpejo	cascata	gondola
bagatella	cavatina	grotesco
balaustrada	charlatão	guindola
bancarrota	cicerone	lazarone
banco, <i>t. comm.</i>	contrabasso	macarrão
bandido	contralto	pastel, <i>t. pint.</i>
barcarolla	crescendo	prima-donna
basso	cupola	soprano
belvedere	dilettante	tenor
bravo, <i>t. theatr.</i>	doge	violão
bufo, <i>id.</i>	esdruxulo	violoncello



e) Elementos germanicos de introdução moderna

Do allemão vieram-nos (por intermedio do francez) entre outros os seguintes termos:

bismutho	lied	quartz
caparosa	manganés	spatho
cobalto	obús	valsa
kirsch	potassa	zinco

O inglez tem-nos ministrado um grande numero de termos de commercio, caminhos de ferro, marinha, *sport*, cozinha, etc. Exemplos:

ballasto	cricket	pudim
bifteck	crup	raglan
bill	dandy	rail
breque (<i>break</i>)	dogcart	revólver
brequefeste (<i>breakfast</i>)	drainagem	rhum
buledogue	expresso (comboio)	rosbife
cant	grog	speech
cheque	jockey	spleen
cheviôte	jury	sport
clown	lanche (<i>lunch</i>)	tendor
club	meeting	tilbury
coke	pamphleto	tunnel
croquet	ponche	whist

Das linguas scandinavas temos, entre outros, os seguintes termos:

fiord, termo geographico; *nickel*, do sueco *nickel*; *saga*; *sleda* ou *slea*, que se propoz para substituir o francez *traineau*, trenó, do dinamarquez *slæde*, sueco *slædr*.

f) Elementos das linguas americanas

Muitos d'esses elementos são termos de historia natural.

Eis alguns exemplos de diversas especies:

ananaz, do tupi *naná*;

arara, do tupi;



alpaca, nome d'um tecido, do quichua *paku*, nome d'um animal;
capigouara, especie de lontra do Brazil, do tupi-guarani *kápi-huara*;
caipira, nome que foi dado pelos legitimistas aos constitucionaes, do tupi-guarani *kuaipira*, homem corrido, envergonhado;
carioca, mulato, do tupi-guarani *caraiboca*;
chacara, quinta, do tupi-guarani *chacra*;
condor, nome d'uma ave, do quichua *kuntur*;
cotia, do tupi *aguti*;
furacão, hesp. *huracan*, termo de origem caraiba;
goiaba, do guarani, e quichua *kuiapa*;
jacaré, do tupi *yacaré*;
pampa, do quichua *pampa*, planicie;
perau, a parte funda do Tejo além da que fica a descoberto na baixa-mar, do tupi *perau*, caminho falso, fojo;
pirão, do tupi *pyró*;
piroga, hesp. *piroga*, termo de origem caraiba; em tupi *piroga*, (no Amazonas), de *pirog*, esfolar, pelle tirada;
pororoca, do guarani *pororog*, estrondo;
saguim, do tupi *sahui*;
tipoia, do guarani *tupoi*, vestido de mulher, serpentina de rede que é levada por dois homens;
tapioca, do tupi *typyoc*;
tapir, do guarani *tapii*;
tapuia, do guarani *tapyia*, selvagem;
vigunha, do quichua *huikuna*.

g) Elementos das linguas africanas

Das linguas falladas em os nossos territorios na Africa teem vindo alguns termos relativos a produções e costumes d'essas regiões e entre elles um certo numero cujo emprego se generalizou na lingua.

Exemplos:

banza	macaco
batuque	mandinga
caciмба	marimbas
carimbo	muleque
cubata	senzala



h) Elementos das linguas asiaticas

Além dos elementos que nos vieram pelos conquistadores musulmanos da peninsula, temos recebido, desde a idade media, um assaz importante numero de termos das diversas linguas asiaticas, quer pela litteratura, quer pelo commercio. Os nossos escriptores dos seculos xvi e xvii que se occupam das coisas da Asia offerecem um grande numero d'esses termos. Citaremos, como exemplos sómente, alguns dos mais usados:

achar (condimento), do persa *atchār*, por intermedio do malaio *atchar*;
bambú, do malaio *bambu*;
bazar, do persa *bāzār*;
beliche, do malaio *beliq*, pelo arabe *belidj*;
cacatua (ave), do malaio *kakatua*;
caique, do turco *qaiq*;
calambuco, do malaio *kalambaq*;
calender, do persa *qalender*;
caravana, do persa *karwān*;
carmesin, do sanskrito *krmiga*;
casoar (ave), do malaio *kasuāri*;
chacal, do persa *chagāl*, turco *tchakāl*;
chale, do persa *chāl*;
ganga, d'um termo talvez de origem chinesa, em arabe *kamkhā*, *kimkhā*;
divan, do persa, por intermedio do turco *dīwān*;
fota, do persa *futah*, por intermedio do arabe.
horda, d'origem uralo-altaica: turco *ordu*, campo;
kiosque, do turco *kuschh* (*kiuchh*);
laca, do malaio, por intermedio do arabe;
mangue, (arvore e fructo), do malaio *mangga*;
odalisca, do turco *odaliq*;
orango-tango, do malaio *hōrang-hūtan* (à letra — homem dos bosques);
pagode, do persa *pandj* (cinco, porque na bebida entram cinco ingredientes), pelo inglez *punch*;
sagú, do malaio *sagu*;
tafetá, do persa *taftah*.



Do hebraico, apesar do consideravel numero de judeus residentes entre nós, poucos termos temos e esses em geral pertencem á linguagem ecclesiastica ou generalisaram-se por influencia d'ella.

Exemplos :

alleluia	paschoa
amen	rabino
cherubim	sabbado
hossana	Satanaz
jubileu	seraphim ¹ .

¹ Sobre as etymologias que aqui se acham apenas indicadas pôde ser consultado o nosso *Diccionario etymologico*.



REPORT

REPORT ON THE PROGRESS OF THE RESEARCH WORK DURING THE YEAR 1964

1. Introduction

The purpose of this report is to provide a summary of the research work carried out during the year 1964. The work was carried out in the field of the study of the properties of the materials used in the construction of the new type of engine.

2. Objectives

The objectives of the research work were to determine the effect of the temperature on the properties of the materials used in the construction of the new type of engine. The work was carried out in the field of the study of the properties of the materials used in the construction of the new type of engine.

The results of the research work show that the properties of the materials used in the construction of the new type of engine are affected by the temperature. The work was carried out in the field of the study of the properties of the materials used in the construction of the new type of engine.

SECÇÃO IV

NOÇÕES DA HISTORIA DA LINGUA PORTUGUEZA ESCRITA

1. Divisão em periodos

A historia da lingua portugueza escripta, isto é, a historia da lingua portugueza desde a epocha em que nos apparece nos primeiros documentos (seculo xii) até ao presente, pôde dividir-se em diversos periodos, segundo o ponto de vista que se adoptar.

a) Primeira divisão

Tomando por base a existencia d'uma litteratura grammatical e lexicologica, que tem necessariamente como resultado fixar e determinar d'um modo mais ou menos consideravel as fôrmas e typos syntacticos da lingua, dividimos a historia da lingua em dois periodos: o *periodo de syncretismo* e o periodo de *disciplina grammatical*.

Periodo de syncretismo. Este periodo é caracterizado essencialmente pelo emprego de duas ou mais fôrmas d'uma mesma palavra, de dois ou mais processos syntacticos de igual funcção, concorrentemente, ou



por escriptores diversos da mesma epocha ou até pelo mesmo escriptor.

Exemplos. Fernão d'Oliveira observava no primeiro quartel do seculo xvi que se dizia na primeira pessoa do singular do presente do indicativo ora *são*, ora *som*, ora *sou*, ora *so*. João de Barros era de opinião que *som* devia ser preferido; Fernão d'Oliveira opinava por *so*.

Camões¹ emprega ainda concorrentemente:

agardecer	e agradecer
antão	» então
antre	» entre
apousento	» aposento
contrairo	» contrario
crecer	» crescer
decer	» descer
enxuto	» enxuto
fruito	» fructo
imigo	» inimigo
nacer	» nascer
piadoso	» piedoso

Todos os escriptores até ao fim do seculo xvi offerecem mais ou menos numerosos exemplos d'esse phenomeno. Essas fórmulas duplas teem as mesmas origens que as de que nos occupamos na secção iii, 1, d); em geral são ou fórmulas antigas, populares, ao lado de fórmulas eruditas, ou fórmulas novas alteradas das populares. Exemplo do primeiro caso é *piadade* ao lado de *piedade*, reformada por influencia do latim *pietate*; exemplo do segundo caso é *sodes soes* (*sois*) num mesmo escriptor do seculo xv (Fr. João Claro)².

Na syntaxe notam-se indecisões semelhantes; assim

¹ *Lusiadas*, ed. 1572 (a chamada segunda).

² Uma forma não cede nunca immediatamente o lugar a outra nascida d'ella: as duas são empregadas algum tempo simultaneamente, até que uma seja eliminada. Succede que algumas vezes a forma eliminada é a mais moderna; assim *antre* cedeu o lugar a *entre*.



o pronome *lhe* encontra-se empregado frequentemente como fôrma do plural ao lado de *lhes* (em Camões, p. ex.); o infinito pessoal e impessoal são empregados alternativamente em casos analogos; *sem* foi empregado com o infinito e gerundio (*sem saber* ou *sem sabendo*), etc.

São também frequentes neste periodo, em todos os escriptores: 1) as phrases ou periodos d'uma construcção pouco logica, comquanto clara em geral; 2) construcções esporadicas em portuguez, que depois desapareceram, mas que se tornaram typicas noutras linguas romanicas.

Exemplos do primeiro caso: *Em que seja* (comquanto *en seja*) lavradora Bem vos hei de responder. (Gil Vic.).

Exemplos do segundo caso: *a*) emprego partitivo da preposição *de* com o artigo: ... arrumar a caravella E deitar *do* junco nella (Gil Vic.); Semeae *das* favas (Idem); *b*) emprego do artigo antes de *um* e *outro* (o *um* e o *outro*, frequente no seculo xiv).

Periodo de disciplina grammatical. Os trabalhos dos grammaticos e lexicologos tendem principalmente a exercer sobre a lingua uma influencia uniformisadora, para a qual concorrem de modo consideravel os escriptores de nome que se preoccupam da regularidade da fôrma. Essa uniformisação offerece sempre grandes difficuldades, porque nenhuma regra geral ha a que ella se possa submeter. Qual é, por exemplo, preferivel das duas fôrmas: *fructo* e *fruto*? qual das duas construcções *começar de dizer* e *começar a dizer*? Quaes os casos em que se deve empregar o infinito pessoal, se nenhuma regra constante se vê observada pelos melhores classicos? São as questões d'essa natu-



reza que os grammaticos teem que resolver, sem que nenhum criterio verdadeiro, seguro, os guie na maior parte dos casos, tendo pois que dar soluções dogmaticas nesses casos.

O apparecimento da cultura grammatical não indica necessariamente o termo do periodo de syncretismo d'uma lingua: para que esse periodo se possa considerar terminado é mister que pelo menos a indecisão das fórmas fique reduzida a um minimo, porque uma fixação completa de fórmas não é possível. A lingua portugueza apresenta ainda hoje numerosas fórmas duplas com a mesma funcção, sobre cujo emprego pôde hesitar-se; assim

escreve-se e diz-se	idea	e	ideia
	noute	»	noite
	cousa	»	coisa
	constroes	»	construes;

mas relativamente á sua phase medieval o portuguez a partir do seculo xvi vae-se tornando uma lingua tendendo de cada vez mais para a regularidade de fórmas, que elle teria alcançado se uma Academia de lingua tivesse influenciado sobre elle, como influenciaram a Academia da Crusca sobre o italiano, a Academia franceza sobre o francez e a Academia hespanhola sobre o hespanhol.

Com restricções, pois, podemos considerar o apparecimento da litteraturá grammatical portugueza no seculo xvi, as grammaticas de João de Barros e Fernão d'Oliveira, como fechando o primeiro e abrindo o segundo periodo da lingua, no ponto de vista da nossa primeira divisão.

b) Segunda divisão

A primeira divisão em periodos da historia da lingua portugueza não assenta sobre um facto organico,



interno á lingua, mas sim sobre um facto exterior, de caracteres, como vimos, mal definidos. Uma verdadeira divisão historica deve basear-se sobre factos organicos, sobre algumas alterações mais ou menos consideraveis por que a lingua tenha passado, como transformações phoneticas generalisadas. Partindo d'este principio dividiremos a historia do portuguez escripto em dois periodos: o primeiro começa com a appareição dos mais antigos documentos em portuguez (fim do seculo xii) e acaba pelo começo do seculo xv; o segundo periodo segue-se ao primeiro, depois d'uma curta phase de transição, e prolonga-se ainda.

Primeiro periodo. Neste periodo teve a lingua a sua primeira grande epocha litteraria, representada principalmente nos Cancioneiros do Vaticano, da casa Brancuti e da Ajuda, comprehendendo composições de poetas do tempo de D. Affonso iii, D. Diniz e D. Affonso iv e ainda anteriores ao primeiro.

A lingua litteraria empregada naquelles Cancioneiros, sem duvida mais unitaria que a lingua fallada, mas não uma lingua artificial, como se pretendeu, pois que todas as fôrmas d'ella, com excepção de alguma rara de origem provençal, pertenciam evidentemente á lingua fallada, essa lingua litteraria apresenta-se em geral com uma notavel perfeição, e excellentemente adaptada por muitos trovadores ás fôrmas metricas, que então se cultivavam.

Indicaremos alguns dos caracteristicos da lingua neste periodo:

1) A segunda pessoa do plural dos tempos verbaes termina sempre em *des*, excepto no perfeito, em que termina em *tes*, como hoje, tendo o *s* anterior obstado ao abrandamento de *t* em *d*.

2) Ás fôrmas latinas da terceira declinação latina em *one(m)* correspondem sempre fôrmas em *on*, como *sermon*, *oraçom*, *enliçom* (*electionem*).



3) Diversas fórmas em que duas vogaes identicas ou semelhantes se acharam em contacto por syncope d'um som não as apresentam ainda contrahidas numa só; taes são *viir* (lat. *venire*), *teer* (lat. *tenere*), *seer* (lat. *sedere*), *leer* (lat. *legere*), *riir* (lat. *ridere*). Nas epochas mais antigas d'este periodo apparecem constantemente fórmas como *moa* (lat. *mola*), depois *mó*, *perigoo* (lat. *periculum*), depois *perigo*.

4) Numerosas fórmas que depois foram modificadas, por influencia da analogia, conservam-se fieis aos typos latinos, observadas as leis phoneticas da lingua: assim dizia-se *paresco*, *gradesco*, etc., e não *pareço*, *gradeço*, que resultam da influencia das fórmas em que o *c* se acha antes de *e* ou *i*.

A lingua neste periodo offerece outras numerosas particularidades lexicologicas e grammaticaes, algumas das quaes se acham indicadas em diferentes partes d'esta obra.

Segundo periodo. Entre este periodo e o antecedente ha uma phase de transição, cujos limites não é possível marcar com grande precisão. Essa phase de transição é characterisada principalmente pelos dois factos seguintes:

1) mudança das terminações em *om* (accentuadas e não accentuadas) em *ão*;

2) syncope do *d* na maior parte das fórmas verbaes em *ades*, *edes*, *ides*.

Esses dois phenomenos não se deram de subito: entre *om* e *ão* é mister admittir pelo menos o intermedio *ã*; entre uma fórmula como *partides* e *partis* houve a intermedia *partiis*.

A oscillação entre essas antigas fórmas, as intermedias e as novas, durou cerca d'um seculo.

No *Cancioneiro de Resende* as fórmas antigas em *om* estão constantemente representadas por fórmas em *ão* (escriptas tambem com *am*).



Gil Vicente emprega ainda simultaneamente fórmulas como *dizede* e *dizei*.

Como se vê, nesta divisão, o primeiro periodo com a phase de transição corresponde aproximadamente ao periodo de syncretismo, da primeira divisão ; o segundo periodo da segunda divisão ao periodo de disciplina grammatical da primeira.

2. Grammaticos e humanistas portuguezes

Chama-se *Renascimento* o facto historico da renovação do estudo das litteraturas classicas grega e latina, que influia de modo profundo sobre a civilização moderna, em todos os seus aspectos ¹. Considerado em opposição á theologia, esse estudo era chamado *humanidades* ou *letras humanas*, e os que se dedicavam a elle *humanistas*.

Os primeiros estudos grammaticaes e lexicologicos sobre a lingua portugueza foram um resultado da influencia dos estudos humanisticos. Já no seculo xv, nos escriptos de D. Duarte e de D. Pedro, seu irmão, achamos algumas observações sobre o modo de escrever, sobre os latinismos. Fr. Fortunato de S. Boaventura publicou um pequeno vocabulario latino-portuguez medieval, achado na bibliotheca de Alcobaça. Mas é só no seculo xvi que, guiados pelos grammaticos latinos, comparando as fórmulas portuguezas com as latinas, os nossos humanistas chegam ao verdadeiro conhecimento reflectido da lingua.

a) Os estudos sobre a lingua portugueza no seculo xvi

Os principaes humanistas que no seculo xvi se occuparam da lingua portugueza foram Fernão d'Oli-

1 Sobre o *Renascimento*, vid. *Noções de litteratura antiga e medieval*.



1606, obra muito interessante, em que se acham comprehendidos alguns dos phenomenos da historia da lingua e que, apesar de numerosos erros, da impossibilidade do auctor se elevar no seu tempo a uma verdadeira theoria da historia da lingua, é muito superior á maior parte do que se escreven entre nós até á introdução do methodo scientifico. Do mesmo auctor ha uma *Orthographia da lingoa portuguesa*, em que condemna o pedantismo etymologico no modo de escrever.

AGOSTINHO BARBOSA escreveu um *Dictionarium Lusitanico-Latinum*, impresso em 1611, mais copioso que o de Jeronymo Cardoso.

AMARO DE ROBOREDO publicou em 1619 um *Methodo grammatical para todas as linguas*, e em 1623, em segunda edição, *Porta de linguas*. Roboredo é o mais notavel dos nossos grammaticos no seculo xvii. Residira no estrangeiro e lá teve conhecimento de novos methodos que se introduziam no ensino das linguas, inspirando-se principalmente na obra do irlandez Bateus, theatino que ensinava em Salamanca, obra intitulada *Janua linguarum*, etc. Roboredo divide os nomes em tres declinações:

1. ^a	2. ^a	3. ^a
em o	em a	em e, i, m, r, s, z, (e l)

Estas declinações correspondem ás latinas segunda masculina (e quarta), primeira e terceira e (quinta) na formação do plural, facto não comprehendido pela maior parte dos grammaticos nacionaes, de que resultou irem buscar ao hespanhol regras para a formação do plural dos nomes em *ão*, que no essencial se baseia sobre as diferenças dos pluraes latinos em *anos*, *anus*, *anes* ou *ones* (*mãos-manus*, *cães-canēs*; *sermões-sermones*).



ALVARO FERREIRA DE VERA e JOÃO FRANCO BARRETO escreveram sobre a orthographia da lingua, caindo no indicado erro com relação á formação do plural, e em geral sem comprehensão alguma da historia da lingua. Vera, nos seus *Louvores da lingua portuguesa*, considera esta como a lingua trazida para a Hispania por Tubal e seus companheiros, enriquecida e aperfeiçoada pela influencia do grego, trazido pelos companheiros d'Hercules e Baccho, e do latim.

MANUEL DE SEVERIM DE FARIA, fallecido em 1655, nos seus *Discursos varios politicos*, parte II, assenta a these de que «as qualidades que ha de ter a lingua para ser perfeita, são, ser copiosa de palavras, boa de pronunciar, breve no dizer, que escreve o que falla, e que seja apta para todos os estilos»; e busca demonstrar que o portuguez possue essas qualidades em alto gráo, e insiste na conformidade d'esta lingua e do latim.

BENTO PEREIRA, jesuita, redigiu uma *Prosodia in vocabularium bilingue latinum et lusitanum digesta*, que teve muitas edições, sendo um dos livros empregados nas escholas para o estudo do latim. Bento Pereira addicionou numerosos vocabulos aos que se achavam reunidos nas obras semelhantes de Cardoso e Barbosa, e deu attenção aos adagios, proverbios e phrases colloquiaes.

O primeiro collector de proverbios portuguezes fôra o hespanhol Hernan Nuñez, fallecido em 1553, o qual nos seus *Refranes* attendeu a diversos dialectos peninsulares. Entre nós deu uma inapreciavel collecção de *Adagios portuguezes* o licenciado Antonio Delicado, em 1651.



c) Os estudos sobre a lingua portugueza no seculo XVIII

No seculo XVIII reinava na peninsula a idea de que as linguas hespanhola e portugueza estavam corruptas, tendo chegado ao mais baixo gráo de decadencia. Confundiam-se duas coisas distinctas: o estylo e a lingua; a fôrma e a formula grammatical com o modo de as empregar e o que nellas se incluia. O que estava em decadencia era o estylo, sujeito aos caprichos da eschola, privado completamente da naturalidade, da verdade.

Nas escholas não havia estudo independente da grammatica portugueza; esta era estudada apenas a proposito da latina. Só em 1770 é que foi ordenado por um alvará que os alumnos fossem instruidos pelo espaço de seis mezes, se tanto fosse necessario, nos principios da lingua materna pela grammatica de Lobato.

JOSÉ DE MACEDO publicou sob o pseudonymo de Antonio de Mello da Fonseca, em 1710, *Antidoto da lingua portugueza*, em que pretende reformar a lingua, banindo as terminações em *ão*, regularisando a formação do plural dos nomes, creando desinencias de voz passiva, multiplicando os tempos, os modos. O auctor, como muitos outros, ignorava que as linguas são phenomenos collectivos, sobre os quaes a influencia individual isolada é insignificante.

MANOEL JOSEPH DE PAIVA, nas suas *Infermidades da lingua* (1759), condemna um grande numero de palavras e phrâses da linguagem usual, a maior parte das quaes são verdadeiras riquezas da lingua.

Ao lado d'esses trabalhos e outros semelhantes, destinados pelo absurdo das suas pretensões a não exercerem nenhuma influencia sobre a lingua, o seculo XVIII apresenta outros de real importancia.



RAPHAEL BLUTEAU, erudito theatino, compôz o seu *Vocabulario portuguez e latino*, que se tornou a base da lexicologia portugueza posterior, colligindo dos auctores e da tradição viva um muito consideravel numero de termos, phrases e proverbios. Na parte etymologica, não podendo (pois o methodo glottologico ainda não estava achado) estar livre dos erros do seu tempo, não se deixa todavia arrastar ás explicações monstruosas que abundam em muitos dos seus contemporaneos e ainda neste seculo não são raras.

JOÃO DE MORAES MADUREIRA FEIJÓ publicou em 1734 a sua *Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portugueza*, trabalho consideravel e de valor, apesar dos principios muitas vezes falsos do auctor, principalmente da sua mania do latinismo, no qual se acham, em verdade para serem condemnadas, muitas fôrmas populares. A obra foi reproduzida muitas vezes e exerceu larga influencia.

FR. LUIZ DO MONTE CARMELO deu-nos no seu *Compendio de Orthographia* (1767) um livro que offerece, como o de Madureira, muitas fôrmas populares e que não se eleva, pelas ideas, acima do d'aquelle orthographista.

LUIZ ANTONIO VERNEY no seu *Verdadeiro methodo de estudar para ser util á Republica e á Igreja* (1747) defende, na *Carta primeira*, que o estudo da grammatica portugueza deve preceder o da latina, argumentando principalmente com o exemplo dos romanos e ainda de nações modernas; nota a insufficiencia da grammatica portugueza de Jeronymo Contador d'Argote (1721) e d'outros trabalhos do mesmo genero e faz diversas observações, segundo o espirito do tempo, sobre a orthographia e pronuncia portuguezas. Pre-



tende também fazer reformas na lingua, propondo por exemplo «que os omens doutos introduzisem uma terminação certa em todos os *Patronymicos* de Provincias, etc. nõ que falta muito á lingua Portugueza. A um omem das Provincias chamam *Algarvio*, a outro *Alemtejano*, a outro *Minhoto*, *Beiram*», etc.

FRANCISCO JOSÉ FREIRE, conhecido na Arcadia pelo nome de Candido Lusitano e fallecido em 1773, deixou ineditas *Reflexões sobre a lingua portugueza* em que ha numerosos dados practicos ou liistoricos, sobre o vocabulario, a grammatica e o estylo, nos quaes, ao lado de observações exactas, se vêem productos do espirito de pedantismo grammatical que resolve auctoritariamente as questões da lingua, sem attender á sua historia e á natnreza geral dos factos linguisticos. Levado por esse espirito, Freire condemnou varias fôrmas legitimas da lingua, como fizeram outros auctores do mesmo seculo.

ANTONIO JOSÉ DOS REIS LOBATO publicou em 1770 a sua *Arte da Grammatica da lingua portugueza*, em que, como em quasi todas as grammaticas portuguezas, a syntaxe se acha limitada a alguns preceitos geraes e em que os principios, como em trabalhos anteriores do mesmo genero, se acham vasados nos moldes da grammatica latina, apparecendo-nos por isso o portuguez com seis casos nominaes, com as vogaes accentuadas confundidas com as longas e ontras particularidades que provam que esses grammaticos viam ainda só o portuguez atravez do latim. A grammatica de Lobato foi escripta para se executar o plano de reforma do marquez de Pombal, segundo o qual o estudo da grammatica portugueza devia preceder o da latina e aquelle estudo era introduzido no ensino primario.



PEDRO JOSÉ DE FIGUEIREDO publicou em 1799 a sua *Arte de grammatica portugueza, ordenada em methodo breve, facil e claro*, offerecida ao principe da Beira, a qual representa apenas um progresso insignificante sobre os trabalhos anteriores.

A ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA deu á luz em 1793 o primeiro (e unico até hoje) volume do seu *Diccionario da lingua portugueza*, obra de dois academicos dedicados, mas dirigida por um plano bastante defeituoso. Contém todavia muitos materiaes uteis e se tivesse sido levado ao cabo seria um dos productos mais notaveis da lexicologia do seculo xviii.

Na primeira epocha da vida da Academia diversos academicos, entre os quaes, além dos auctores do *Diccionario*, mencionaremos Antonio Pereira de Figueiredo, Francisco Dias Gomes, Antonio das Neves Pereira e Antonio Ribeiro dos Santos consagraram trabalhos ao estudo das questões da lingua. O ultimo occupou-se principalmente da origem d'ella, pretendendo demonstrar que o portuguez era um dos dialectos celticos antigamente fallados na peninsula; comquanto não chegasse nunca a publicar a sua demonstração e não passasse de reunir notas sem critica, que se conservam em manuscripto, as suas ideas tiveram uma influencia que ainda hoje se faz sentir, tendo sido adoptadas por homens de valor no dominio dos trabalhos historicos, como Antonio Caetano do Amaral e João Pedro Ribeiro. De todos aquelles academicos o que manifesta mais atilado espirito philologico é Antonio das Neves Pereira.

FR. JOAQUIM DE SANTA ROSA DE VITERBO estudou pacientemente muitos dos nossos antigos documentos, animado pelo grande exemplo dado pelo francez Ducange (sec. xvii) no grande *Glossarium mediae et in-*



fimae latinitatis, e colligiu valiosos materiaes para a historia das nossas instituições e lingua no seu *Elucidario das palavras, termos e frases, que em Portugal antigamente se usárão* (1798-99).

FR. JOÃO DE SOUSA, socio correspondente da Academia real das sciencias, deu a lume em 1789 *Vestigios da lingua arabica em Portugal*, em que estuda com methodo não assaz rigoroso, os elementos arabes do nosso vocabulario e da toponymia. A sua obra, segundo o auctorizado testemunho do arabista hollandez Dozy, é porém superior á que alguns annos depois publicou o hespanhol Martínez Marina, com relação ao castelhano. Em 1830 publicou-se uma edição da obra de Fr. João de Sousa, augmentada e annotada por Fr. José de Santo Antonio Moura. Mas o que ha de mais importante sobre o elemento arabe do hespanhol e do portuguez é a obra do allemão Engelmann, alargada por Dozy. (Vid. *Bibliographia*).

d) Os estudos sobre a lingua portugueza no seculo XIX

JERONYMO SOARES BARBOSA, na sua *Grammatica philosophica da lingua portugueza* (1803), teve o merito de se separar dos typos anteriores, versados na grammatica latina, e de dar um systema mais completo da orthographia, da classificação e da morphologia, pondo de parte a derivação e a composição; estava, porém, muito dominado pelas falsas ideas da grammatica geral e não tinha noção do desenvolvimento historico da linguagem.

As luctas do constitucionalismo e do antigo regimen produziram dissensões no seio da Academia das sciencias e em consequencia d'ellas a estagnação dos trabalhos d'esse corpo litterario. Depois da victoria do liberalismo, a Academia voltou aos seus trabalhos, mas



com menos ardor do que no periodo que se seguiu immediatamente á sua fundação. O grande movimento glottologico e philologico que se realisava na Allemanha era quasi inteiramente desconhecido dos nossos academicos. Francisco Bopp tinha iniciado em 1816 a grammatica comparada das linguas indo-germanicas mais antigas; Grimm creára a das linguas germanicas; Diez fundára a das linguas romanicas; o estudo da philologia greco-romana entrára em novo periodo sob a acção de homens como Otfried Müller e A. Boeck. Em Portugal, não só eram desconhecidas as novas vias abertas ao saber, mas recaía-se até em velhos erros, de que tinham permanecido livres alguns escriptores do periodo anterior.

D. FRANCISCO DE S. LUIZ (Cardeal Saraiva) publicou em 1837, na collecção da Academia, uma *Memo-ria em que se pretende mostrar que a lingua portugueza não é filha da latina*, escripto muito infeliz e de superficialissima erudição, que não merecia a honra das refutações em fôrma de que foi objecto, mas que influíu consideravelmente sobre a opinão de pessoas estranhas ao methodo das sciencias historicas e philologicas, embora muitas vezes consideradas.

Entre os refutadores de D. Francisco de S. Luiz figuram um anonymo, auctor d'uma memoria *A lingua portugueza é filha da latina*, publicada em 1843, e Alexandre Herculano. Os refutadores ignoravam, porém, completamente que a demonstração completa da origem latina do portuguez, hespanhol, francez, provençal e italiano estava já dada por Diez na sua Grammatica, cuja primeira edição foi publicada de 1836 a 1844. Por isso as refutações foram quasi tão estereis como a memoria refutada.

D. Francisco de S. Luiz occupou-se tambem da etymologia portugueza em differentes trabalhos, quasi



sem valor, que se acham reproduzidos nos volumes viii e ix das suas *Obras completas*. De maior proveito é o *Ensaio sobre alguns Synonymos da lingua portugueza* (1824-1828) do mesmo auctor. Bluteau tinha começado a estudar os synonymos. Francisco José Freire e José da Fonseca organisaram Dictionarios poeticos e de epithetos. O abbade Roquette (1848) e diversos lexicologos contribuíram para o estudo da nossa synonymia, sobre a qual falta até hoje, porém, trabalho que corresponda ás exigencias da sciencia.

A lucta contra os gallicismos, de que nos occupamos já (pp. 66-70), continuou ainda depois do escripto do Cardeal Saraiva sobre o assumpto. Mencionaremos principalmente os artigos de Antonio Feliciano de Castilho e Antonio da Silva Tullio, publicados no periodico *Archivo pittoresco*, tendo em mira a correcção e pureza da lingua materna.

A litteratura lexicologica tem-se enriquecido numericamente, pelo menos, desde a mallograda tentativa da Academia real das sciencias para nos dar um dictionario da lingua. Antonio de Moraes e Silva, natural do Rio de Janeiro, no primeiro quartel d'este seculo, resumiu e poz em melhor ordem o *Vocabulario* de Bluteau, eliminando as partes latina e encyclopedica, que o douto theatino introduzira na sua obra, segundo as tendencias do tempo, e addicionando numerosos termos, significações e exemplos, muitas vezes deturpados, extrahidos dos classicos portuguezes. O *Dictionario da lingua portugueza* de Moraes e Silva, tornou-se, apesar das suas imperfeições, a base da lexicologia portugueza posterior, dos dictionarios de Solano Constancio, Roquette, Lacerda, Fr. Domingos Vieira, Contemporaneo, etc., obras em que predominam as tendencias commerciaes e não o verdadeiro espirito philologico, que só poderá acolher-se em obra livre da especulação dos editores.



A base indispensavel para uma lexicologia portugueza verdadeiramente sêria é uma collecção de edições criticas dos escriptores nacionaes. Infelizmente começa-se hoje apenas essa tarefa. Numerosas reproduções de obras impressas da litteratura nacional se tem feito neste seculo, numerosos manuscriptos foram já salvos da perda pela imprensa desde a fundação da Academia real das sciencias, mas infelizmente essas reproduções e impressões não se conformam em geral ás exigencias do novo espirito philologico. Não deve todavia deixar de reconhecer-se quão valiosas são, apesar dos seus defeitos, as edições de Camões e Gil Vicente, dirigidas em Hamburgo por Barreto Feio; a edição das *Obras* de Camões do visconde de Juromenha; a edição do Cancioneiro da Ajuda por Varnhagen; os *Ineditos* de historia portugueza da Academia; os *Portugaliæ monumenta historica*, etc. Um estrangeiro, Ernesto Monaci, de Roma, deu-nos nas suas edições dos Cancioneiros portuguezes da Bibliotheca Vaticana e da casa Brancuti modelos de edição diplomatica, isto é, de reprodução fiel, de codices; uma senhora, estrangeira tambem, mas residente em Portugal, D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos deu-nos ha pouco uma verdadeira edição critica das *Poésias* de Sá de Miranda.

Remonta apenas a 1868 a primeira tentativa entre nós para applicar á lingua portugueza o methodo e resultados da philologia romanica; desde então diversos trabalhos d'um muito pequeno numero d'auctores provou que Portugal seguia enfim na philologia nacional o impulso de Diez e sua escola, hoje tão florescente na Allemanha, França e Italia. Mas longos annos decorrerão antes que os resultados da philologia contemporanea se tornem um bem commum entre nós.



ΕΠΙΣΤΗΜΟΛΟΓΙΑ

ΕΠΙΣΤΗΜΟΛΟΓΙΑ



BIBLIOGRAPHIA ¹

1. Glottologia geral

- M. Bréal. *Mélanges de mythologie et de linguistique*. Paris, 1878, 8.º
- Max Müller. *Lectures on the Science of Language*. I ser, 5th ed. London, 1866. II ser. 1864, 8.º (Ha outras edições e uma boa tradução franceza).
- W. D. Whitney. *Language and the Study of Language*. 3.^a ed., 1876, 8.º—*The life and growth of Language*. New-York, 1875, 8.º (Trad. em francez com o titulo *La vie du langage*. Paris, 1875, 8.º)
- F. Müller. *Grundriss der Sprachwissenschaft*. Wien, 1876-1887. 3 vols. 8.º
- A. Hovelacque. *La linguistique*. Paris, 1875, 8.º 2.^a ed. 1887.
- A. Schleicher. *Die deutsche Sprache*. Weimar, 1860, 8.º (Ha segunda edição. A introdução versa sobre glottologia geral).
- H. Paul. *Principien der Sprachgeschichte*. Halle, 1880, 8.º (Ha segunda edição).

¹ Indicamos aqui só alguns dos trabalhos mais importantes ou mais acessíveis de que nos servimos em nossos estudos, e a que podem recorrer os nossos leitores que desejarem esclarecimentos sobre as varias questões de que se occupa este volume.



2. Linguas semiticas

- E. Renan. *Histoire générale des langues semitiques*. 4.^a ed. Paris, 1863, 8.^o
- H. Gesenius. *Scripturae linguaeque Phoeniciae monumenta quod supersunt* (3 partes). Lipsiae, 1837, 4.^o
- R. Dozy et W. H. Engelmann. *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*. Leyde et Paris, 1869, 8.^o

3. Linguas indo-europeas em geral

- Fr. Bopp. *Grammaire comparée des langues indo-européennes*, trad. par M. Michel Bréal. — *Registre détaillé*, par M. Francis Meunier. 5 vols. Paris, 1868-1874, 8.^o
- A. Schleicher. *Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*. 4.^a ed. Weimar, 1876, 8.^o
- A. Pictet. *Les origines indo-européennes ou les Aryas primitifs*. 2.^a ed. Paris, 1878. 3 vols. 8.^o

4. Lingua latina e outros dialectos italicos

- W. Corssen. *Ueber Aussprache, Vocalismus und Betonung der latinischen Sprache*. 2.^a ed. 2 vols. Leipzig, 1868-1870, 8.^o
- F. Neue. *Formenlehre der latein Sprache*. 2 vols. Stuttgart e Mitau, 1836, 1831, 8.^o Ha segunda edição augmentada.
- H. Schuchardt. *Der Vokalismus des Vulgärlateins*. 3 vols. Leipzig, 1866-1868, 8.^o
- M. Bréal. *Les Tables engubines*. Paris, 1875, 8.^o Com um fasciculo de taboas.

5. Linguas romanicas em geral

- Fr. Diez. *Grammatik der romanischen Sprachen*. 3 vols. 4.^a ed. Bonn, 1875-1877, 8.^o (Trad. franc. por G. Paris, A. Brachet e A. Morel-Fatio). — *Etymologisches Wörterbuch*. 4.^a ed. Bonn, 1878, 8.^o
- A. Fuchs. *Die romanischen Sprachen in ihrem Verhältniss zum Lateinischen*. Halle, 1849, 8.^o



- Ch. Joret. *Du C dans les langues romanes* (Bibliothèque de l'École des hautes études, xvi fascicule). Paris, 1874, 8.º
- Gustav Körting. *Encyklopädie und Methodologie der romanischen Philologie*. Heilbronn, 1885-1886. 3 vols.
- Grundriss der romanischen Philologie*, herausgegeben von Gustav Gröber. Strassburg, 1886 e segg. Não completo.
- Archivio glottologico italiano*, diretto da G. I. Ascoli. Milano, 1873 e segg., 8.º
- Romania*, publiée par Gaston Paris et Paul Meyer. Paris, 1872 e segg., 8.º
- Zeitschrift für romanische Philologie*, herausgegeben von G. Gröber. Halle, 1887 e segg., 8.º

6. Lingua portugueza

- E. Monaci e F. D'Ovidio. *Manualetti d'introduzione agli studj neolatini*. II. Portoghese (e Gallego). Imola, 1881, 8.º
- F. Adolpho Coelho. *Theoria da conjugação em latim e portuguez*. Lisboa, 1871, 8.º — *Questões da lingua portugueza*. Porto e Braga, 1874, 8.º — *Formes divergentes de mot portugais*, em *Romania*, publ. par MM. P. Meyer et Gaston Paris, 1874, pp. 281-294. — *Os dialectos romanicos ou neo-latinos na Africa, Asia e America* em *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*. Segunda serie, n.º 3, pp. 129-196; terceira série, n.º 8, sexta série, n.º 12.
- R. Gonçalves Vianna. *Essai de phonetique portugaise, d'après le dialecte actuel de Lisbonne* (Extrait de la *Romania*), Paris, 1883, 8.º
- J. Leite de Vasconcellos. *O dialecto mirandez*. Porto, 1882, 8.º — *Subdialecto alemtejano*, Elvas, 1883, 8.º — *Dialecto brasileiro*. Porto, 1883, 8.º — *Dialectos beirões*, I-VI. Porto, 1884, 8.º — *Flores mirandezas*, Porto, 1884, 8.º — *Dialectos interamnenses*, I-VIII. Porto, 1885-1886, 8.º — *Linguas raianas de Tras-os-Montes*, Porto, 1886, 8.º — *Dialectos extremenhos*, I, Porto, 1885, 8.º etc.
- Hugo Schuchardt. *Kreolische Studien*. I. *Ueber das Negerportugiesische von S. Thomé*, Wien, 1882, 8.º — II. *Ueber das Indoportugiesischen von Cochim*. Ibid. 1883, 8.º — III. *Ueber das Indoportugiesischen von Diu*. Ibid. 1883, 8.º — VI. *Ueber das Indoportugiesischen von Mangalore*. Ibid. 1884, 8.º etc.
- Julio Cornu. Diversos artigos na *Romania*, a partir de 1878.



Revista lusitana, publicada por J. Leite de Vasconcellos, Porto,
1887, 8.º

7. Ethnographia antiga da Europa

K. Zeuss. *Die Deutschen und die Nachbarstämme*. München,
1837, 8.º

J. Grimm. *Geschichte der deutschen Sprachen*. 3.ª ed. Leipzig,
1868, 8.º

L. Diefenbach. *Origines europaeae. Die alten Völker Europas
mit ihren Sippen und Nachbarn*. Frankfurt a. M., 1861, 8.º

H. d'Arbois de Jubainville. *Les premiers habitants de l'Eu-
rope*. Paris, 1877, 8.º Ha 2.ª edição muito augmentada.



INDEX

	PAG.
PREFACÃO	5

SECÇÃO I — Noções geraes:

1. Glottologia e philologia	9
2. Classificação da glottologia	13
3. Relações da glottologia com outras sciencias	16
4. Grammatica comparada.	20
5. Classificação das linguas	37
6. Alguns principios da historia da linguagem	47

SECÇÃO II — O latim e as linguas romanicas:

1. Extensão do dominio do latim em Italia	83
2. Antigos povos e linguas da peninsula iberica.	87
3. Romanisação da peninsula iberica.	93
4. O latim vulgar e o latim litterario.	97
5. A invasão dos barbaros e a decadencia da cultura romana	101
6. Influencia dos povos romanisados e dos barbaros sobre o latim	104
7. Formação das linguas romanicas	106
8. O latim barbaro	109
9. Os musulmanos na Hispania	111
10. O portuguez lingua escripta.	113
11. Portuguez e gallego	117
12. Variedades dialectaes do portuguez	119



SECÇÃO III — Formação do lexico portuguez:

1. Elementos latinos.	121
2. Elementos provenientes das linguas falladas na península anteriormente ao latim	137
3. Elementos provenientes das linguas falladas pelos conquistadores da península, depois do dominio romano	143
4. Elementos provenientes de origens diversas	148

SECÇÃO IV — Noções de historia da lingua portugueza escripta:

1. Divisão em periodos.	155
2. Grammaticos e humanistas portuguezes	161





unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE ASSIS
INSTITUTO DE LETRAS, HISTÓRIA E PSICOLOGIA

- BIBLIOTECA -
Tombo 4.120 Classe 469
C672L

Autor COELHO, F. Adolpho
Título A língua portuguesa

TOMBO: 4.120

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS
E LETRAS DE ASSIS

BIBLIOTECA CENTRAL

Se este livro não for devolvido dentro
do prazo, o leitor perderá o direito a novos
empréstimos.

O prazo poderá ser prorrogado se não
houver pedido para este livro.

MOD. 88 - 63 - B - 20.000

